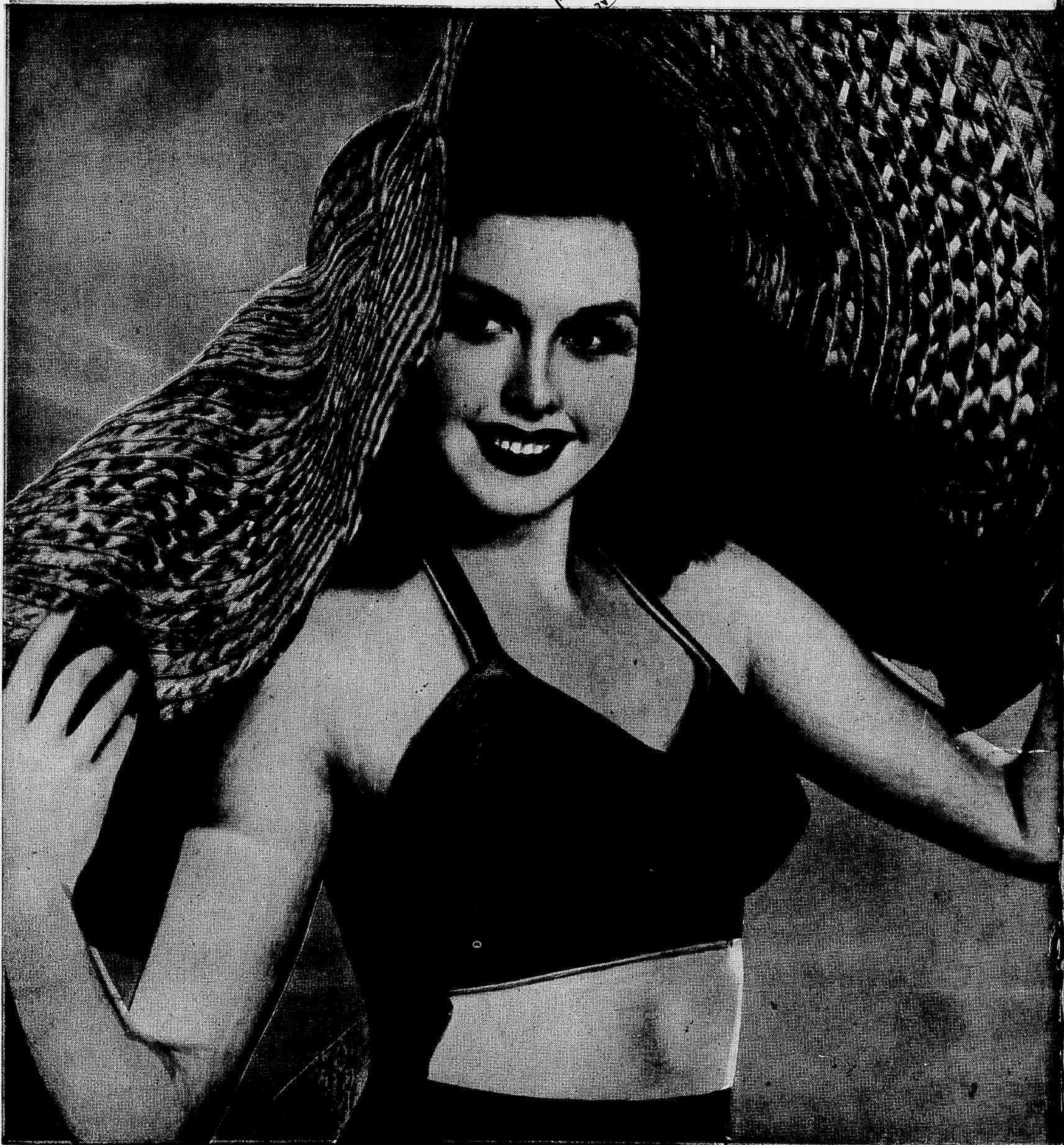
REVISTA DA SEMANA

N.º 10 ★ 10-3-51

CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL







NO TEXTO: **MILAGRE DE N. S. DAS GRAÇAS**

PADRE ANTONIO ESTA' SALVO

O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:

1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.

2.ª — Vendas a varêjo por prêço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias.

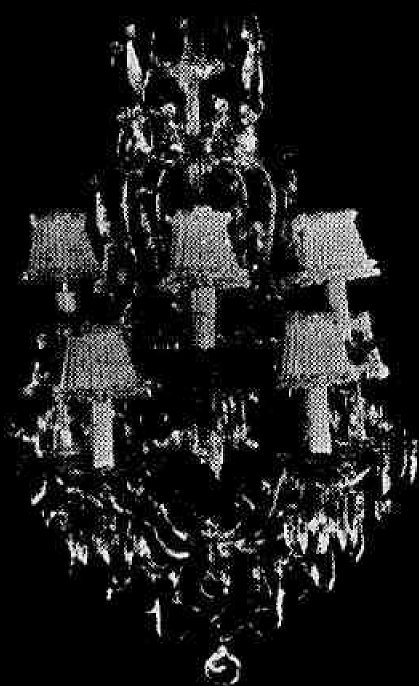
3.ª — Material de 1.ª qualidade.

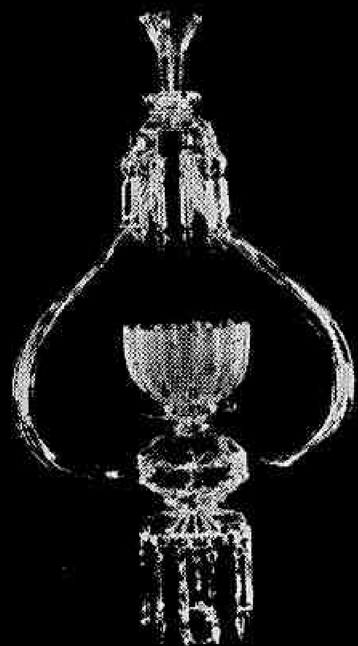
4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.

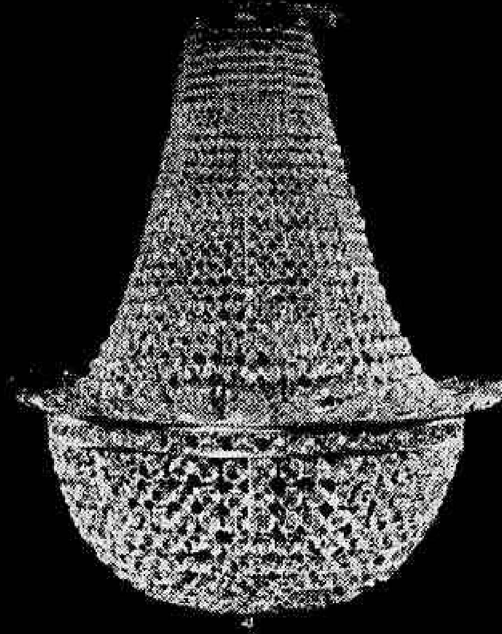
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

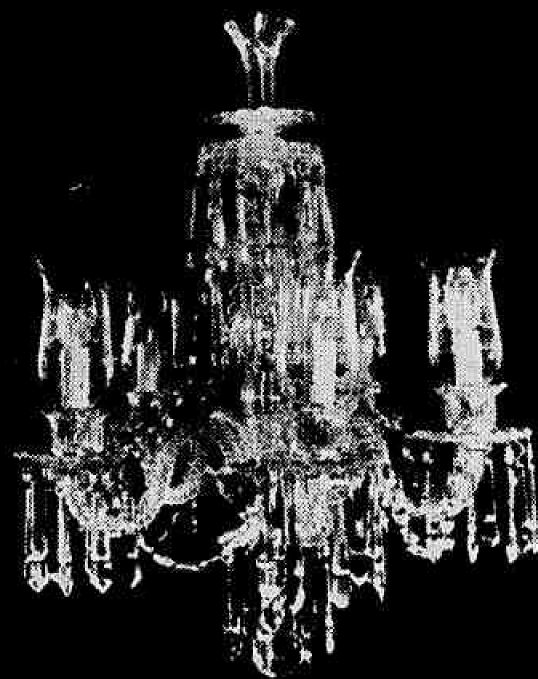
GALERIA SÃO PEDRO

AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428


1

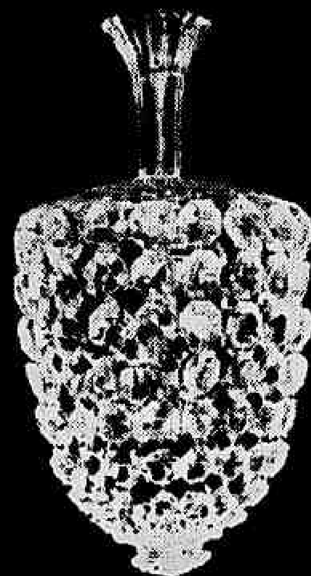

2

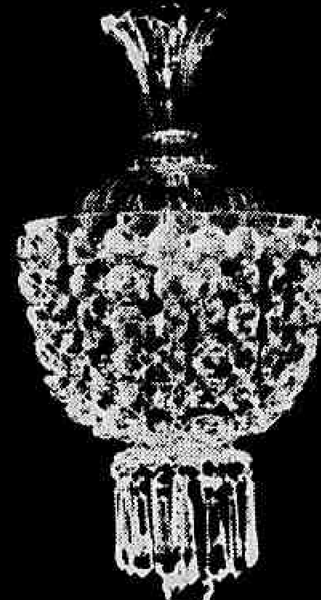

3

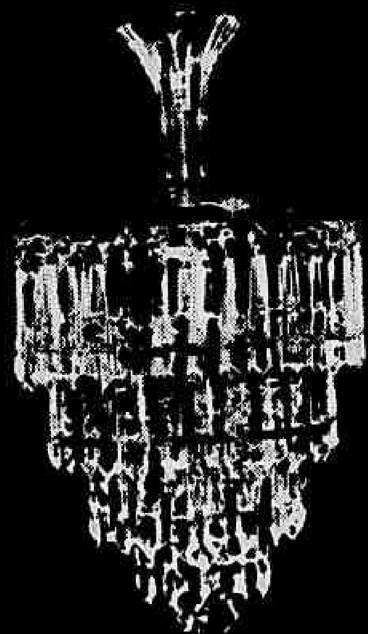

4

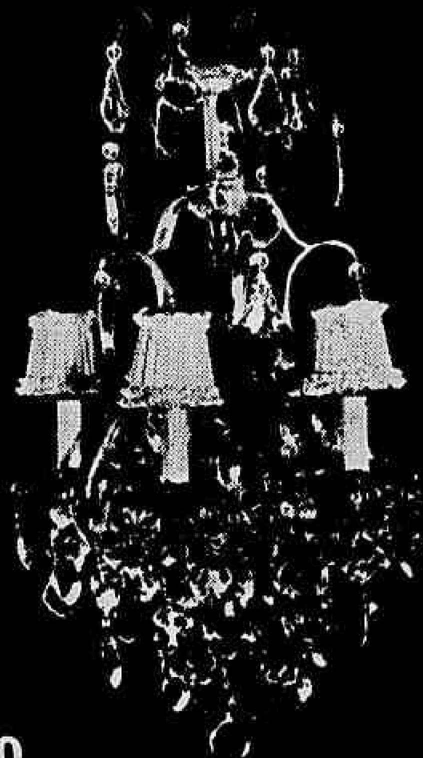

5

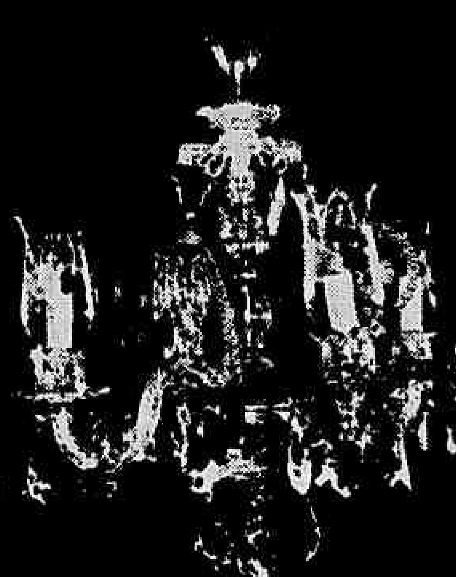

6

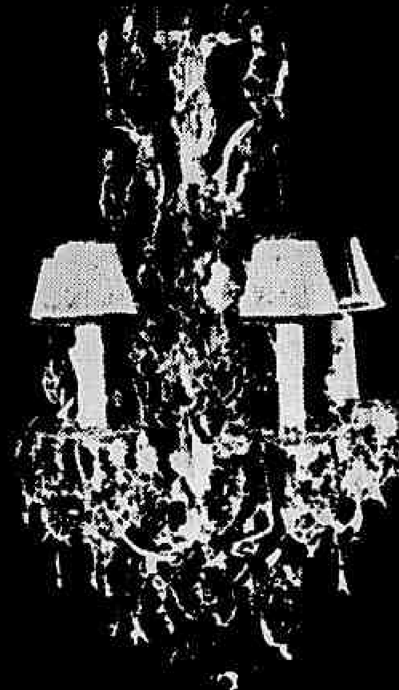

7


8


9


10

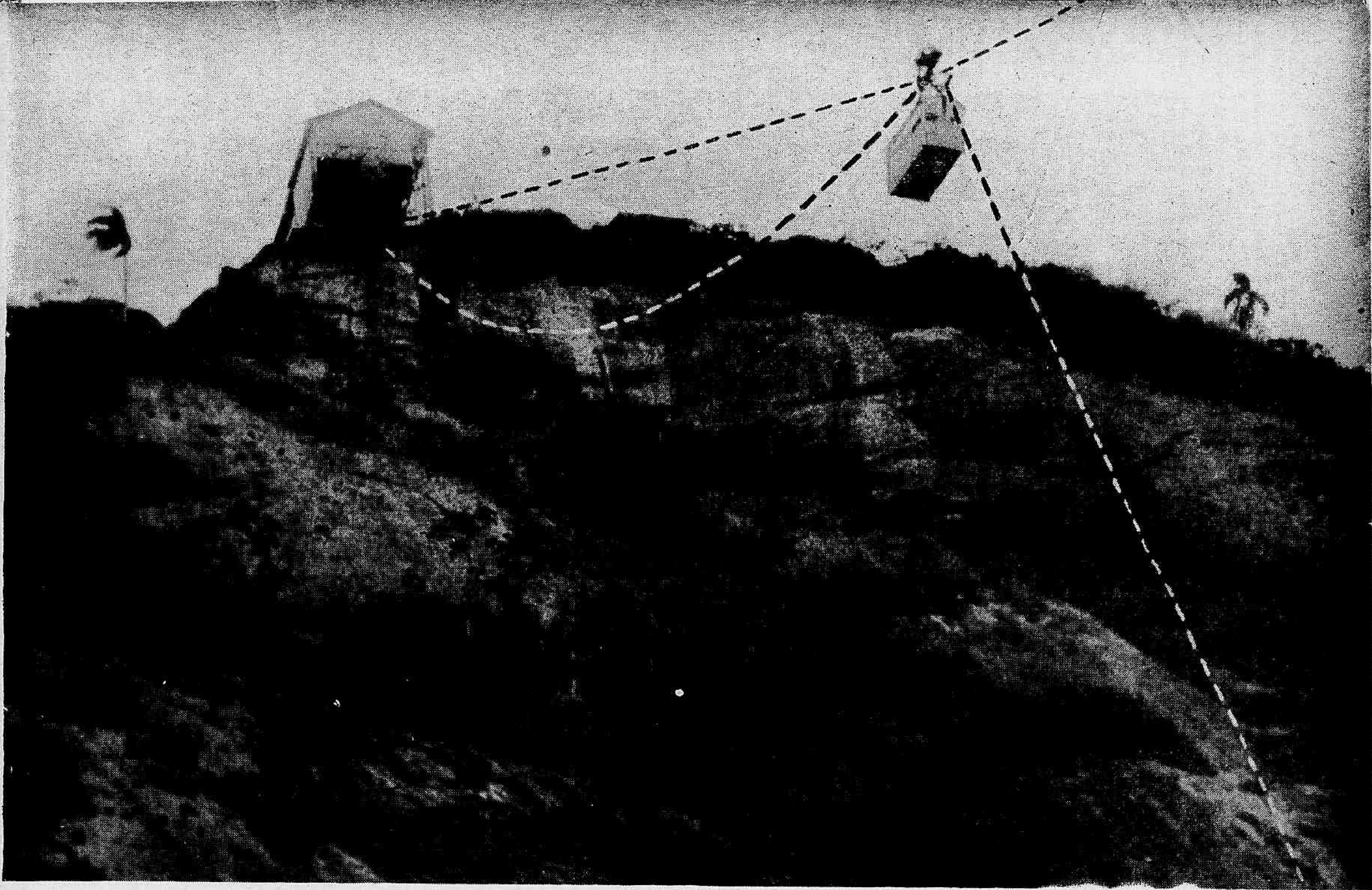

11


12

ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTAMENTOS. — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFÍCIOS, HOTÉIS, ETC.

Não compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDRO onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor prêço.

FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS.



SUSPENSO POR UM FIO! Na realidade êsse fio que aguentou o bondinho repleto de passa geiros e que o sustenta até agora, consta de dezenas de cabos de aço entrelaçados para aumentar a resistência do mesmo. Mesmo sendo perigosa e atemorizante a situação do veículo, o cabo de emergência cumpriu seu dever. No detalhe o lampeão quebrado e a placa da praça

FIRME COMO O PÃO DE AÇÚCAR



PRIMEIRO E ESPETACULAR ACIDENTE NO CAMINHO AÉREO ★ RUPTURA DE UM DOS CABOS DE SUSTENTAÇÃO E PARALISAÇÃO DO BONDINHO SÔBRE O ABISMO ★ ALARMA E PÂNICO ENTRE OS PASSAGEIROS ★ MEDIDAS DE SEGURANÇA ADOTADAS PELA POLICIA ★ BOMBEIROS, TÉCNICOS E TRABALHADORES DA COMPANHIA ★ INGENTES ESFORÇOS PELO SALVAMENTO ★ MAS TUDO BEM NO FINAL

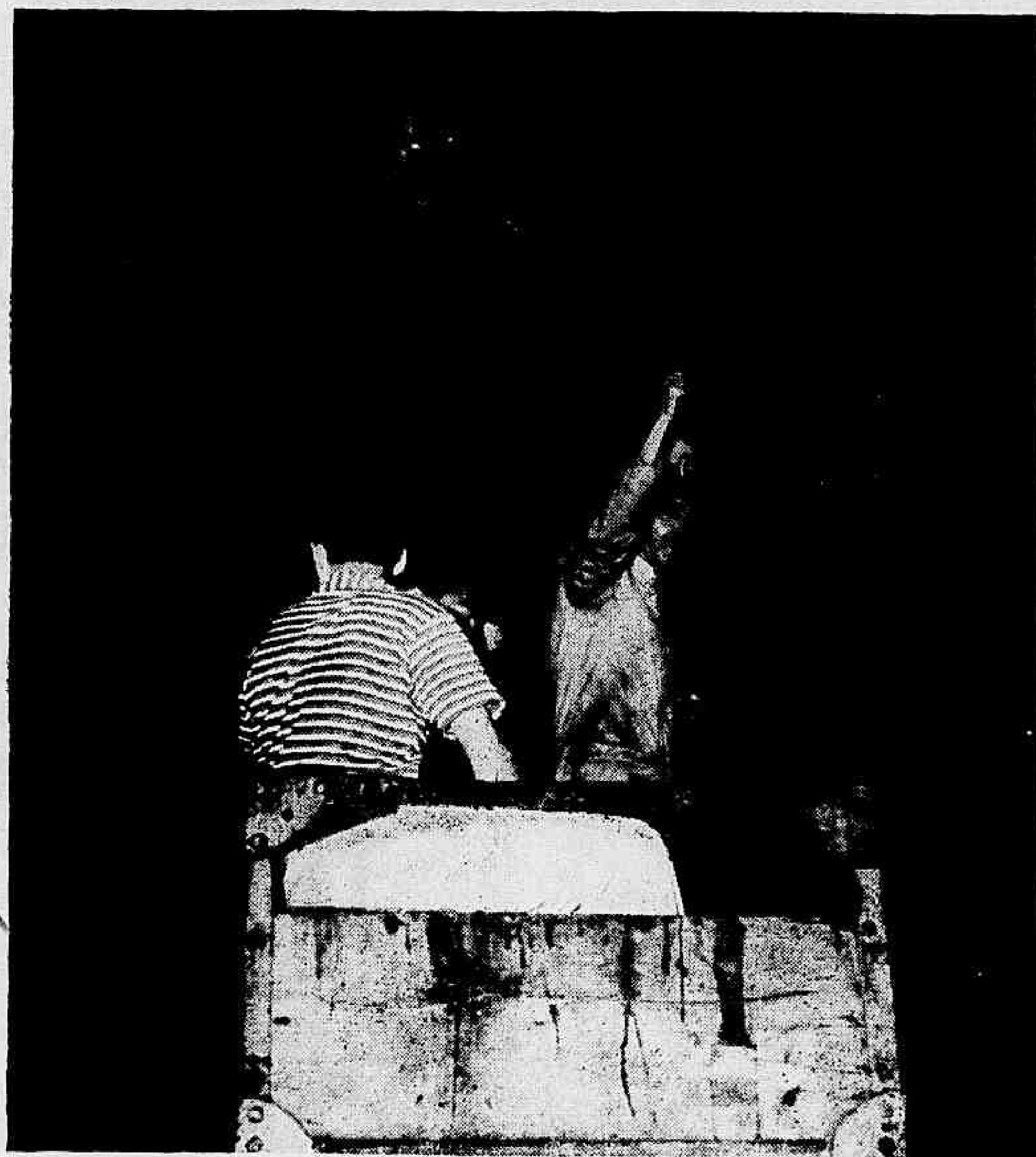
CORRIA normal o movimento, na bela tarde do dia 20 de fevereiro, entre as estações inicial da Praia Vermelha e terminal do Pão de Açúcar, através do mundialmente famoso Caminho Aéreo. Turistas nacionais e estrangeiros queriam levar do Rio, em sua rápida passagem, a impressão de uma das mais fascinantes viagens que o homem consegue realizar a pontos outrora considerados inacessíveis. Outros estavam revivendo emoções sempre novas. A lotação do bondinho, que saira a instantes da Praia Vermelha para atingir a primeira meta no Morro da Urca, estava completa: 21 pessoas, sendo 19 passageiros e dois funcionários da companhia, o condutor com os passageiros e o graxeiro, em pé, em cima do bonde, na sua costumeira faina de lubrificação dos cabos. Havia pessoas que deveriam esperar pela próxima viagem para empreender a subida; aí também deve ser respeitada a fila. Alegria, ansiedade, despreocupação pelo trabalho de rotina, emoção pela novidade, sentimentos, enfim, que se repetem desde o longinquo 1912. Quase 15 horas. Sùbitamente, acontece algo. Um fortíssimo estrondo, acompanhado de silvos, altas labaredas e faiscas invade a estação inicial, e a ponta sôlta de um cabo, feito imenso chicote, sai retorcida abatendo o que se lhe antepara. E' dado o alarma e uma noticia se propaga velozmente pela cidade inteira:

— Caiu o bondinho do Pão de Açúcar!

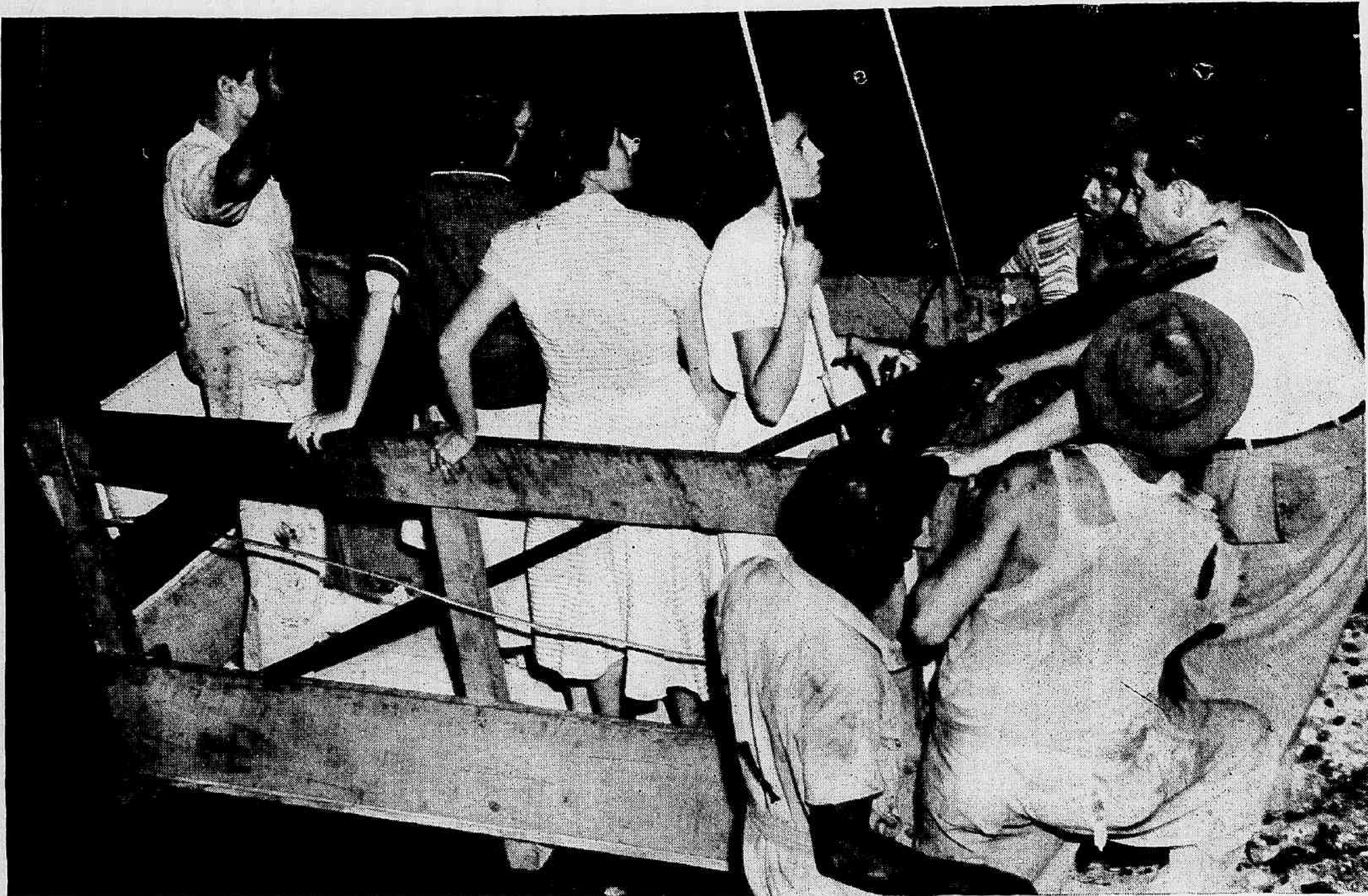
E, diante da perplexidade causada, vinham mais detalhes:

— Estava cheio de passageiros, os bombeiros já estão retirando o que sobrou!

O reboliço foi imenso. As estações de rádio e os jornais enviaram imediatamente seus locutores, repórteres e fotógrafos. Gente e mais gente começou a invadir a praça General Tibúrcio. As conduções iam repletas, grande maioria seguia a pé. De todos os recantos da metrópole chegavam curiosos e parentes aflitos pela sorte dos entes que sabiam em passeio no Pão de Açúcar. Aos poucos a realidade e a extensão do acidente foi conhecida, mostrando que, até o momento, não havia sequer uma vitima.



NA prancha de carga se efetuaram as comunicações entre a Urca e a Praia Vermelha. Por ela foram evacuadas as pessoas e subiram jornalistas, radialistas, bombeiros e autoridades.



ENFIM, SALVAS! Concluia-se assim a primeira etapa do salvamento. A vagoneta ideada por Augusto Gonçalves, improvisada e construida pelos bombeiros e pelos empregados da companhia era descida até encostar no bondinho. Efetuava-se o traslado e era puxada novamente para a Urca onde os passageiros tomavam pé firme em terra, após oito horas de angústia.

O ACIDENTE

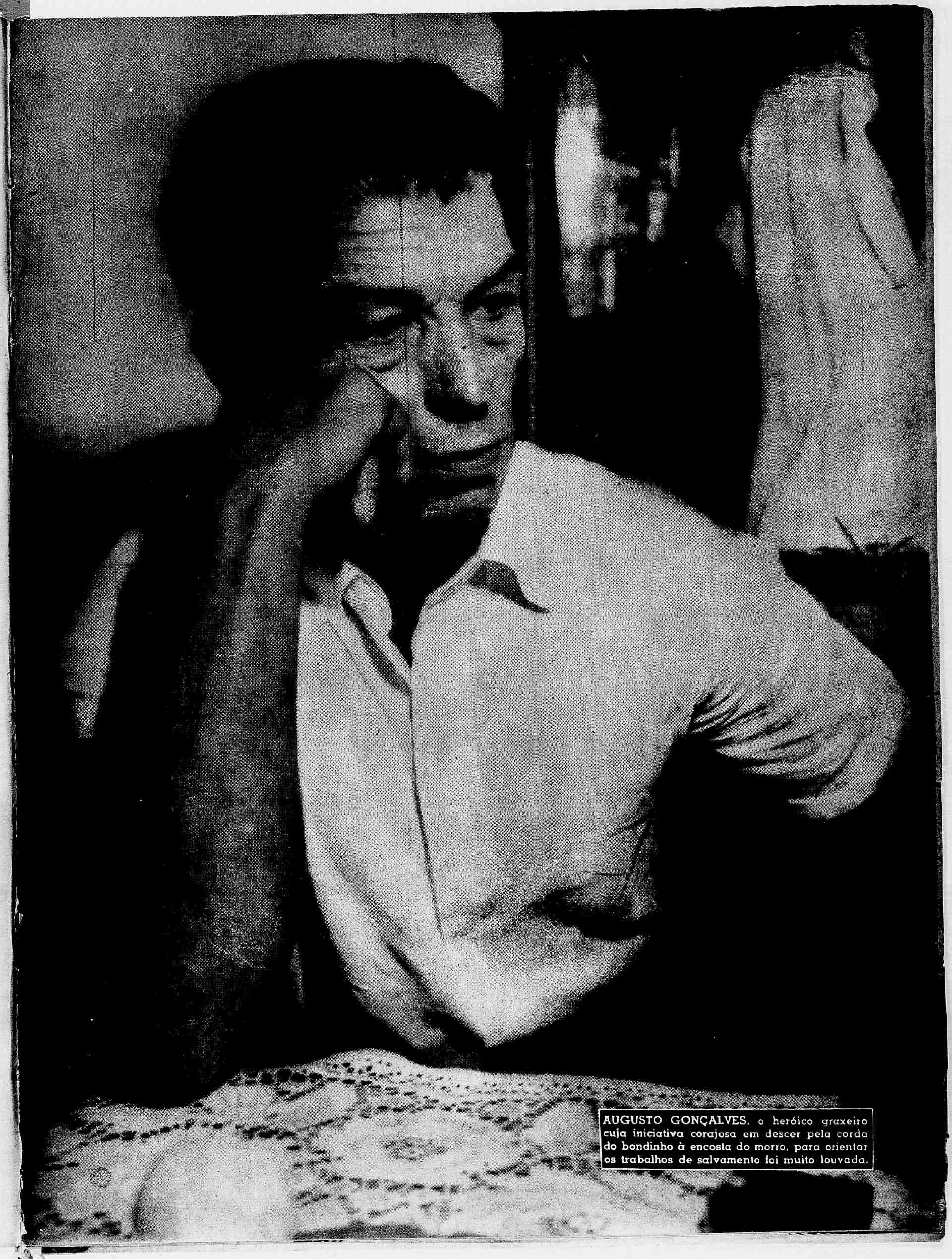
O sistema de tração do Caminho Aéreo deposita sua segurança em dois grossos cabos de aço de sustentação — um cabo-trilho e o outro de emergência. O movimento é promovido por cabos de locomoção. Os cabos de sustentação estão presos na estação alta, no caso a do morro da Urca, e são esticados por pesos de 36 toneladas, fixos na outra extremidade, na estação da Praia Vermelha, efetuando-se o movimento elástico de balanço por intermédio de enormes roldanas. A ligação entre os cabos e os pesos não é direta e sim por meio de cabos de menor diâmetro, "rabichos". **Pois foi justamente o "rabicho" do cabo-trilho que se rompeu, soltando o pesadíssimo cabo de sustentação que, com sua ponta tôda retorcida, foi se abater sôbre alguns lampiões e postes da praça, sôbre a rêde de iluminação, de energia, telefônica e sôbre a rêde aérea dos carris da Light, que fazem uma circular no ponto-final da Praia Vermelha.** Tudo veio abaixo, provocando numerosos curto-circuitos de alta voltagem em quantas pontas de cabos havia pelo chão, e em contacto com os trilhos. O bondinho, quase chegando ao morro da Urca, foi sacudido pela violência da rutura e balançou, já agora sustentado pelo cabo de emergência, feito uma fôlha animada pelo vento, enquanto o cabo partido arriava sôbre êle, impedindo-lhe qualquer movimento para frente ou para trás. Portanto, o bondinho não caira, mas estava imobilizado e sem comunicação com terra firme, isolado a cêrca de duzentos metros da estação da Urca e de quarenta acima da rocha do morro. Situação precária, perigosa, nada fácil de ser solucionada. E vinte-e-uma vidas humanas estavam suspensas também! **A primeira medida preventiva contra outros possiveis acidentes, rápida, acertada e eficiente, foi tomada por uma turma de trabalhadores de um carro-troley da Light que, providencialmente, estava executando reparos nas imediações. Cortaram êles, imediatamente, a ligação da energia na chave da rua da Passagem, eliminando o perigo constituido pelos cabos eletrificados e soltos no meio**



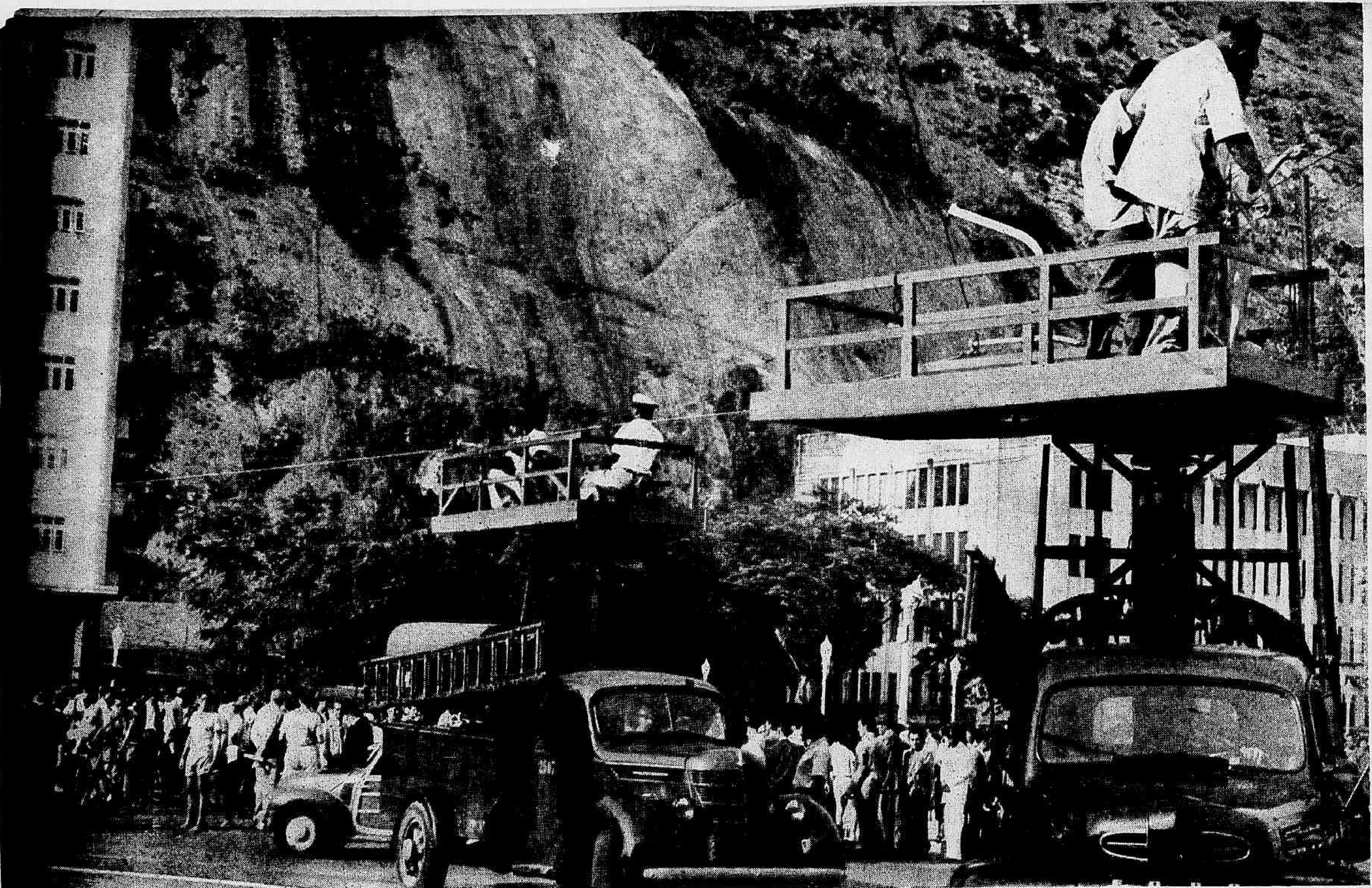
DA ESTAÇÃO da Urca os passageiros desciam até a Praia Vermelha por meio da prancha de carga. Mais um suplício para quem havia escapado de outras, mas sabiam ser o último.



O DEPOIMENTO dos acidentados era tomado pelo comissário Sílvio Ribeiro na churrascaria ao lado da estação inicial. Quase todos estavam tomados por forte crise nervosa



AUGUSTO GONÇALVES, o heróico graxeiro cuja iniciativa corajosa em descer pela corda do bondinho à encosta do morro, para orientar os trabalhos de salvamento foi muito louvada.

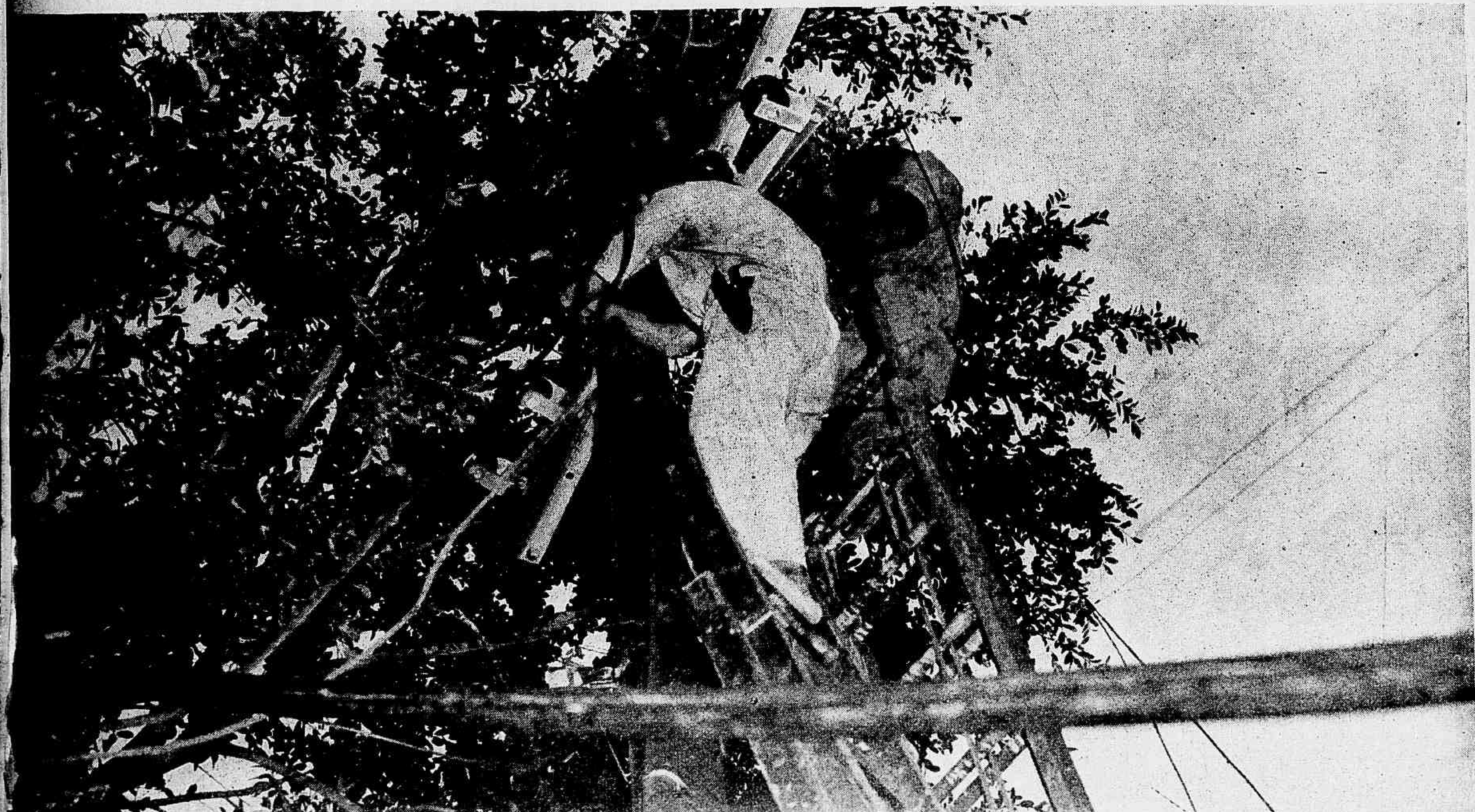


O CABO-TRILHO, depois da rutura, despencou sôbre a praça Gal. Tibúrcio, abatendo as rêdes aéreas elétricas. Vemo-lo, na foto, atravessado em 1º plano, enquanto operários procuram consertar o poste atingido. Em baixo: restabelecimento da linha aérea dos carrís pelos operários dos «troleys» da Light, cuja presteza em desligar a fôrça evitou graves acidentes.

da Praça General Tibúrcio. Verdadeiro milagre foi o fato de, quando o cabo desabou sôbre a rêde aérea da Light derrubando-a, não ter atingido nenhuma pessoa ou mesmo táxi dos que fazem ponto aí. Talvez devido à hora de pouco movimento.

Uma vez constatado o acidente, começaram as comunicações à polícia, aos bombeiros, aos dirigentes da companhia, à Prefeitura e às demais autoridades interessadas, aparecendo logo em seguida os choques das mesmas. Com o corte da energia, o próprio veiculo de carga até a Urca ficara parado a meio caminho, impossibilitando qualquer subida de emergência. Tratou-se então de restabelecer a corrente elétrica, eliminando, antes, todos os pontos de curto, remontando a rêde dos bondes e isolando completamente o cabo partido, que ficou estendido morro abaixo até o centro da praça, agora inofensivo. As autoridades e os técnicos presentes, assim como os bombeiros do Serviço de Proteção, entraram a conferenciar para decidir quais as providências que poderiam salvar os passageiros isolados.

Enquanto isso, o graxeiro Augusto Gonçalves, o mesmo que estava em pé sôbre o bondinho na hora do acidente e que vira a morte muito mais de perto que os demais, não caindo no abismo apenas porque estava muito bem agarrado, desenrolou uma corda que lhe foi fornecida do morro da Urca, por meio de roldanas, e por ela escorregou, tocando a ponta na rocha do morro, até firmar pé em terra,





Pedida pelo rádio, compareceu uma bateria de holofótes do 2º Btl. de Artilharia de Costa, enquanto o encouraçado «Minas Gerais» fundeava perto, auxiliando tambem com refletores



O «RABICHO» foi o que cedeu ao grande desgaste provocado talvez por grandes cargas. Ligado ao cabo-trilho numa ponta, na outra sustenta o peso de 36t. que é para esticar o cabo

subindo depois para a estação da Urca, onde relatou a situação existente entre os passageiros presos, nervosos, alguns mais calmos, todos esperando o início do salvamento. Por ser um dos mais antigos funcionários da companhia, por ter conhecimentos técnicos sôbre o funcionamento do mecanismo e por haver observado "in loco" a extensão do acidente, concluiu que o único meio de se chegar até o bondinho para retirar aos poucos os passageiros, era construir uma espécie de caixote provisório que, seguro também por um sistema de possantes roldanas, seria descido até encostar no carro sinistrado e em seguida puxado novamente para a estação, com três pessoas de cada vez, já que em cada viagem se tornaria necessária a presença de um bombeiro para acalmar e orientar os infelizes passageiros. Assim, em viagens sucessivas, seria possível o salvamento. A essa altura, a energia já havia sido restabelecida, de modo que o comando das várias corporações presentes se havia transportado para o alto da Urca, junto com os engenheiros da companhia e da Prefeitura. Concordaram êles com a medida sugerida pelo graxeiro, e os operários da companhia do Caminho Aéreo, auxiliados pelos bombeiros, puseram-se à obra, na construção de uma prancha de emergência.

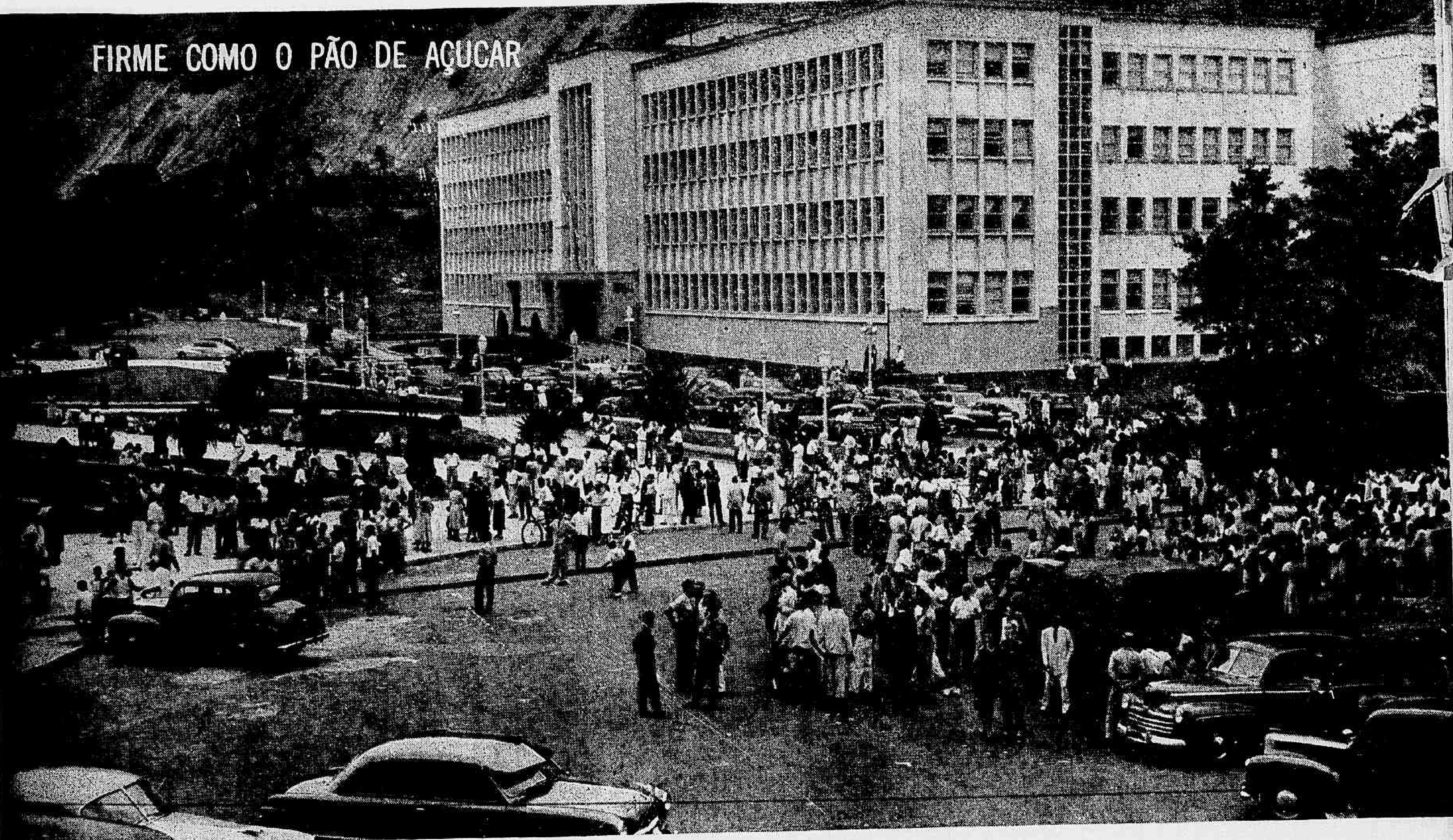
A multidão, que já enchia a praça na Praia Vermelha, ia avolumando-se com o passar do tempo, impaciente com a demora no salvamento, pois não sabia que as medidas já haviam sido tomadas. Palpites os mais desencontrados se faziam ouvir, e quando o bondinho de carga trouxe da Urca os primeiros turistas, que por lá



O ELETRICISTA do bondinho, que também desceu pela corda, depois do graxeiro, já na Praia Vermelha, prêsa ainda de forte emoção, quando era levado para casa por um familiar



A OUTRA parte do «rabicho» arrebentado, ligado ao cabo-trilho todo retorcido, no local em que caiu no meio da praça. Da perícia das duas partes virá o laudo com a causa do acidente



ASPECTO da Praça Gal. Tibúrcio, às 18 horas, quando ainda não era grande a afluência do povo curioso, vendo-se o carro de socorro dos bombeiros e, atravessado, esticado no asfalto, o cabo caído. Continuou no local durante dias, pois nada foi permitido fazer enquanto não foi apresentado relatório da perícia. Disseram os entendidos que o bondinho ainda cairá.

haviam ficado presos também, sofreram êles verdadeiro assalto de perguntas, informando que, ao passar ao lado do bonde imobilizado, puderam acenar para os passageiros que lá estavam, parecendo que lá dentro tudo corria normalmente. Homens, mulheres e crianças, relataram depois que, em seguida ao susto causado pelo solavanco e pelo balanço pavoroso que os atingiu, arrancando vários gritos de mêdo, especialmente do elemento feminino, aos poucos foram se acalmando, contribuindo para isso a atitude dos funcionários da companhia e o exemplo de um casal de americanos. Seja como fôr, não deixava de ser aflitiva a situação dêles, ainda mais pelo fato de que já escurecia, avançando a noite e aparecendo as primeiras luzes, à distância.

Os rádio-repórteres, já instalados na Urca, deram prova da utilidade de um serviço informativo moderno, comunicando-se diretamente com quem fôsse necessário, para transmitir ordens, pedir ferramentas, solicitar a colaboração da Marinha e do Exército, fazendo comparecer baterias de holofotes que pudessem facilitar o trabalho noturno, orientando a direção dos mesmos, quando o encouraçado "Minas Gerais" fundeou nas cercanias e quando os refletores do 2.º Batalhão de Artilharia da Costa entraram em ação. E assim, com o auxílio de inúmeros voluntários, dos incansáveis e beneméritos bombeiros, dos funcionários e técnicos da companhia, foi terminada a construção da vagoneta de salvamento, trabalho que consumiu quatro horas. Quando, enfim, se deu início à primeira viagem da vagoneta, tripulada pelo tenente Luís, dos bombeiros, em direção ao bondinho, o povo aglomerado na praça irrompeu em aclamações. Para o baldeamento do bondinho adotou-se o critério mundialmente aceito da primazia: primeiro as crianças, depois as senhoras e, por fim, os homens. Uma senhora e seus três filhos menores foram os primeiros a chegar na Urca e, ao se encontrarem com o chefe da família, choraram de emoção incontida e alegria. Em várias outras lentas viagens foram os restantes passageiros salvos da incômoda posição ocupada no bondinho suspenso no abismo, enquanto a prancha de carga descia até a Praia Vermelha, numa última etapa, todos os que haviam tomado parte, direta e indiretamente, no acidentado passeio ao Pão de Açúcar. Tendo se iniciado às 22 horas o salvamento, sòmente terminou à 1,20 da madrugada, prolongando-se ainda mais a evacuação total de mais de uma centena de pessoas, que haviam ficado retidas não sòmente na Urca como também no Pão de Açúcar, além das que haviam subido por causa do acidente, entre jornalistas, autoridades e curiosos também. Depois de mais de oito horas de justificada apreensão, transformara-se, enfim, uma quase tragédia em grande susto e motivo forte para blagues e piadas que, aos poucos, vão invadindo a cidade, tornando-se assunto favorito o bondinho que balança, mas não cai.

Quanto às demais notícias sôbre o acidente, o bondinho, o Pão de Açúcar e o histórico do Caminho Aéreo com o que de curioso apresenta em sua longa vida, prometemos aos nossos leitores, para o próximo número, uma reportagem completa e final.



AINDA uma viagem da prancha da Urca à Praia Vermelha, conduzindo os passageiros presos no bondinho e os turistas ou casais clandestinos retidos na Urca ou no Pão de Açúcar.



A NOTA DISSONANTE. A americana sta. Joy Ruth Greeman, depondo após muita insistência e pouco antes do pai, Simon Greeman agredir um fotógrafo que batia uma chapa

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 — DE QUE ESCRITOR BRASILEIRO É «O MULATO»:
De Aluisio de Azevedo?
Machado de Assis?
José de Alencar?

2 — QUE OBRA LITERÁRIA LEMBRA O NOME DE SACRAMENTO BLAKE:
Um poema épico?
Um Dicionário Biográfico?
Um sistema ortográfico?

3 — EM QUE ANO FOI PROMULGADA A NOSSA PRIMEIRA CONSTITUIÇÃO REPUBLICANA:
1888?
1889?
1891?

4 — QUAL O PAIS QUE TENTOU ARREBATAR-NOS A ILHA DA TRINDADE:
A Inglaterra?
A França?
A Holanda?

5 — DE QUE AUTOR É A OBRA «CARTAS DE INGLATERRA»:
Ruy Barbosa?
Fausto Cardoso?
D. Pedro II?

6 — A VOLTA DA TORRE EIFFEL EM PARIS, FOI FEITA POR SANTOS DUMONT EM:
Balão?
Dirigível?
Aeroplano?

7 — DE QUE AUTOR E' O ROMANCE «O MOÇO LOURO»:
José de Alencar?
Bernardo Guimarães?
Joaquim Manoel de Macedo?

8 — QUAL O PAIS QUE VENCEU A RÚSSIA EM 1905:
A India?
A China?
O Japão?

9 — EM QUE ANO FOI PROCLAMADA A REPÚBLICA PORTUGUÊSA:
1910?
1912?
1908?

10 — QUAL O NAVEGADOR QUE ATINGIU O POLO SUL PELA PRIMEIRA VEZ:
Baffin
Amundsen?
Blake?

11 — A LEI SECA NOS ESTADOS UNIDOS FOI CRIADA:
Antes da primeira grande guerra?
Durante a mesma?
Ou depois?

12 — EM QUE CIDADE FOI INSTALADA A PRIMEIRA SOCIEDADE DAS NAÇÕES:
Paris?
Haya?
Genebra?

13 — COMO SE CHAMOU O PACTO INTERNACIONAL QUE PÔS A GUERRA FORA DA LEI:
Briand-Kellog?
Triplice Aliança?
Tratado de Latrão?

14 — QUAL A MAIOR OBRA DE EUCLIDES DA CUNHA:
A Margem da História?
Contrastes e Confrontos?
Os Sertões?

15 — EM QUE ANO FOI RECONHECIDO O DIREITO DO BRASIL SÔBRE O ACRE:
1900?
1903?
1908?

16 — QUEM SERVIU DE ARBITRO ENTRE O BRASIL E A INGLATERRA NA QUESTÃO DE LIMITES DA GUIANA INGLÊSA:
O Rei da Belgica?
O da Itália?
O então Presidente dos Estados Unidos?

17 — QUE ACONTECIMENTO SENSACIONAL MARCOU O ANO DE 1906 PARA O CARIOCA:
Inauguração da Central do Brasil?
Construção do primeiro arranha-céu?
Inauguração da luz elétrica?

18 — QUAL O PRESIDENTE DA REPÚBLICA QUE NÃO DEU MÃO FORTE A OSWALDO CRUZ PARA QUE FOSSEM DEBELADAS AS EPIDEMIAS DO RIO:
Rodrigues Alves?
Campos Sales?
Floriano Peixoto?

19 — O BARÃO DO RIO BRANCO MERECEU A GRATIDÃO NACIONAL POR TER SIDO:
Grande historiador?
Sábio dicionarista?
Incomparável diplomata?

20 — QUAL A RECEITA EM MOEDA-PAPEL, NO BRASIL, EM 1920:
500 mil contos?
Um milhão de contos?
Um milhão e setecentos mil contos?

(Respostas na página 58)

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando pêso e dôr de cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gôsto na bôca, indigestão, muita sêde, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e erupções na pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar êstes males use **Ventre-Livre,** remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substancias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

* * *

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre

REPRODUZIMOS neste local a informação que sistemàticamente vem sendo publicada no expediente desta revista: **"O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação".** Essa advertência precisa ser ratificada quando chega ao nosso conhecimento que elementos estranhos, ou que não mais pertencem ao nosso corpo de colaboradores, estariam procurando entidades para serem entrevistadas, assegurando que suas reportagens serão publicadas em nossas páginas. **Os colaboradores desta revista estão munidos de credencial com data periòdicamente renovada, cuja exibição deve ser exigida pelos interessados.**

A CASA CRISTALINO

APRESENTA O MAIS SUNTUOSO SORTIMENTO DE

CRISTAIS DA BOHEMIA

Louças, Porcelanas finissimas, Faqueiros de prata e rica variedade de artigos para presente e objetos de arte

CASA CRISTALINO

A RAINHA DOS PRESENTES

-- URUGUAIANA, 35 E 37 --

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 10 ★ 10-3-51

A SEMANA EM REVISTA

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE,
LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino», à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição n. 58, 1.º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 52 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

DEPUTADOS SOB CASTIGO



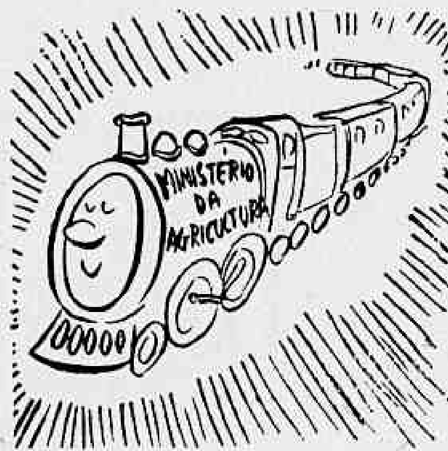
Quando um cidadão vai disputar sua cadeirinha de senador ou deputado entra logo no conhecimento do Art. 48, iciso I, letra b, da Constituição Federal que diz, mais ou menos o seguinte: «Os senadores e deputados, desde a expedição do diploma não podem aceitar nem exercer comissão ou emprego remunerado de pessoa jurídica de direito público, entidade autárquica, sociedade de economia mista ou emprêsa concessionária de serviço público, sob pena de perda de mandato». Desta forma, alguns dos novos eleitos para o nosso Congresso Federal tiveram que deixar os seus cargos remunerados a fim de receber os respectivos diplomas de legisladores da Pátria. Mas sucedeu esta contrariedade com a qual ninguém contou: — os antigos deputados tiveram seus mandatos prorrogados até 9 de março e com direito ao subsídio, tudo de acôrdo com uma deliberação assentada, embora não expressamente pela Mesa da Câmara. Deu-se então o conflito: como poderão viver os nossos legisladores? Para receber os diplomas tiveram que renunciar os seus cargos remunerados tudo dentro da Carta Magna; entretanto, como os antigos colegas foram mantidos na prorrogação, estão os novos em situação difícil, pois que não recebem também como deputados! A complicação é evidente e opressiva. Vemos então um cidadão ser eleito para um cargo legislativo que se devia iniciar a primeiro de janeiro, imediatamente com os respectivos vencimentos, e, no final das contas, tendo perdido o emprego anterior por fôrça de lei constitucional, ficar também sem os vencimentos de eleito pelo povo! O assunto está inspirando um mandado judicial, caso virgem no Brasil...

ABAIXO O ANONIMATO!



Há um dispositivo em nossa Constituição que proíbe o anonimato. Entretanto, é hábito em todo o mundo o denunciar-se uma pessoa às ocultas, escondendo-se o acusador de tal maneira que o acusado jàmais venha a saber quem o denunciou. O anonimato é largamente usado entre nós. O exercido pelo telefone chega até às raias da tragédia. Não há família que consiga instalar o seu aparelho telefônico que não experimente, durante os primeiros dias e mesmo os primeiros meses, verdadeira ofensiva de telefonemas anônimos. Já tem havido casos aqui no Rio de uma casa de família desistir do telefone em virtude do aperto das comunicações anônimas. Já houve também um caso de perturbação mental perigosa diante da impertinência de vozes femininas contra a paz de um lar até então feliz. Há numerosos casos de psicose telefônica... Quanto a cartas anônimas estas têm sua maior safra quando há mudanças de govêrno ou administração. Um novo Governador, um novo Prefeito, um novo Chefe de Polícia, um novo Ministro, um novo Presidente de Autarquias, de emissôras, de jornal, etc., etc., tudo isso dá oportunidades para os dilúvios de cartas anônimas com denuncias contra determinados funcionários. A cousa chega mesmo a criar ambientes de insuportável atmosfera. O novo Chefe de Polícia também passou (e está passando) por essa fase. Ao tomar posse do seu cargo, choveram a denúncias contra colaboradores seus. Mas, contra o que manda a decência, as cartas vinham sempre com assinaturas falsas, iniciais inventadas, ou sem nada como autoria. Por isso o Chefe de Polícia já declarou: « Tôda carta anônima será entregue imediatamente ao lixo...»

FALANDO CLARO



Um homem acaba de dizer as cousas como elas são, sem reservas nem contemplação. Foi o sr. José Eurico Dias Martins, novo Diretor Geral do Departamento Nacional da Produção Vegetal, recentemente nomeado pelo Ministro da Agricultura para tão importante setor daquela Secretaria de Estado. À hora de tomar posse o sr. Dias Martins não teve dúvidas: falou claro, feio e forte. Da análise dos serviços do Ministério na seção a seu cargo, ficou entendido que tudo está errado, ineficiente, atrasadíssimo. Falando pela bôca de um caboclo de nossos sertões, disse êle que o Ministério da Agricultura «é um trem caro, dourado e antiquado, que serve muito bem nas salas de visitas das capitais». Como sabemos, essa é linguagem de gente de roça, e, particularmente, da gente mineira. Para o mineiro, tudo é «trem». Assim, o Ministério da Agricultura é «um trem caro». Mas caro no sentido de seu alto custo, e não no sentido de querido... Indo mais longe, o novo chefe do DNPV, declarou sinceramente: «O Ministério da Agricultura tal como se encontra não está engrenado na economia nacional; é uma superfetação no sentido figurado do termo, mas o é, também, no sentido de sua justa expressão fisiológica. A terra, o braço e o capital, polinômio de três têrmos elementarmente conhecidos como fatores de produção, são desconhecidos dêste Ministério da Produção, que não traçou ainda um plano a largo termo para conhecer tècnicamente a terra, economizando-a e recuperando-a. «Finalmente, exclamou: «O Ministério da Agricultura está desajustado das realidades da agricultura brasileira».

MERCANTILIZARAM O ENSINO



A entrevista que o Cel. Ciro Pais Leme deu a um dos vespertinos desta capital sôbre o baixo nível cultural dos candidatos à admissão ao Colégio Militar desta cidade, vem reavivar na memória de todos, o que muitos educadores, jornalistas e observadores de nossos costumes têm dito e continuam a dizer a respeito do ensino entre nós: não é sacerdócio; é, sim, uma indústria. Percorra-se educandário por educandário, escola por escola, instituto por instituto neste Rio de Janeiro e verifique-se como são subministradas as aulas de qualquer matéria. Mas, como estamos falando agora da de português, a que tanto alarmou o espírito patriótico do Cel. Pais Leme, veja-se como são dadas as aulas dessa disciplina. Há programas aprovados pelo Ministério da Educação; há centenas de livros didáticos também sob os espartilhos mentais de uma Comissão do Livro Didático; há taxas de arrocho e mensalidades absurdas cobradas dos pais dos estudantes; há uma porção de coisinhas que encarecem o ensino e complicam o estudo. Mas, até hoje não houve um govêrno que encarasse o caso pelo seu lado real: acabar com a indústria do ensino. Ao tempo do estudante auto-didata êste Brasil produziu verdadeiros gênios. Depois que impuseram os parcelados, os seriados, a obrigatoriedade «comercial» às carteiras escolares, é isto o que se vê: rapazes e homens saem das escolas superiores sem saber redigir uma carta, enquanto a mocidade que se submete a admissão ao secundário dá pena! Tudo porque o ensino é apenas um meio de vida, e não um processo de cultura e civilização.

A PERSONAGEM DA SEMANA

SUCEDEM-SE de maneira alarmante os acidentes na Central do Brasil, justamente nos trens das linhas suburbanas, que viajam constantemente cheios de passageiros em ambas as direções. Êsses desastres que assumem proporções de verdadeiras catástrofes, apresentando elevado número de mortos e feridos de todos os graus, verificam-se pelos chamados "engavetamentos" de composições, entrando os carros uns nos outros, esmagando gente, ferindo, esfolando, arrebentando ossos, entre gritos de angústias, gemidos e gritos de socorro. O deplorável desastre das 21,30 na estação do méier, a 27 de fevereiro último, repetiu exatamente o que vem acontecendo em outras ocasiões, isto é, os trens, encontrando os sinais de "livre trânsito", vão arrebentar-se à retaguarda de outras composições que estão na mesma linha, um pouco adiante. A Central do Brasil movimenta mais de duas centenas de trens diàriamente entre D. Pedro II e os subúrbios do Rio e suas zonas rurais mais afastadas. O intenso tráfego nas linhas exige as maiores cautelas, especialmente em virtude das precárias condições do material fixo, para cujo problema ainda não apareceu um taumaturgo capaz de conjurar todos os perigos e restaurar instalações de cuja segurança está a depender a vida de milhares de passageiros que se servem, diàriamente, das linhas de nossa principal ferrovia. Estampamos aqui a fotografia da nossa Personagem da Semana, o Coronel Eurico de Sousa Gomes, e convertemos esta homenagem num veemente apêlo ao novo Diretor da E. F. C. B. a fim de que o atual titular da autarquia congregue todos os recursos de que possa dispor e conserte o que anda errado nessa ferrovia, causadora de tanto luto, tanta invalidez e tanto prejuízo à nação e ao público que se serve de seus transportes. Lembremo-nos de que são milhares e milhares de operários, comerciários, trabalhadores de todo gênero no fluxo e refluxo diário entre o centro e os subúrbios servidos pela Central do Brasil. Cada desastre significa uma catástrofe e uma série de indescritíveis prejuízos.

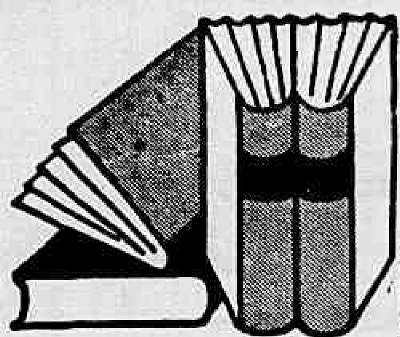


Cel. Eurico S. Gomes

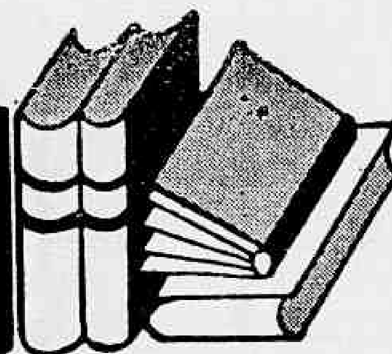
ALMOÇO de POBRE



ÉLE — Que fila é essa, meu bem?!
ELA — E' a fila do café, filho!



SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

ALBUM DE FAMILIA



OSWALD DE ANDRADE foi um dos líderes do movimento modernista. Antes de fundar a "poesia Pau Brasil" e de ser um dos iniciadores do movimento "Antropofágico", escrevera os três volumes de sua "Trilogia do Exílio". Representou, por muito tempo, o espírito iconoclasta de nosso modernismo, com seus livros e com suas "blagues". Ainda recentemente publicou outro romance, "Marco Zero" e continua, sempre com a mesma verve, a colaborar em jornais e revistas. Fêz romances, poesia e teatro. O que publicou constitui muito do que de mais representativo deu o movimento literário de 1922. Polemista de irreverência sem limites, andou brigando com quase todo o mundo. O nome de Oswald de Andrade está ligado à história de nossa evolução literária e sua obra, descontado o que nela existe de pura pilhéria, representa um capítulo da história das letras brasileiras neste meio século. E, à parte o que fêz como obra de circunstâncias, seus livros ficarão como um marco do espírito de uma geração.

LITERATURA

VIAGENS E O M AR

H. M. Tomlinson pertence a um grupo pequeno mas escolhido de escritores inglêses dos quais Joseph Conrad é o chefe, e Tomlinson o mais destacado exemplo vivo. Viagens e o mar são seus assuntos e o tema de sua última obra, "The Face of the Earth". Mesmo antes de sua primeira obra, "The Sea and the Jungle", haver sido publicada, há perto de 40 anos, era um extraordinário viajante, como todos os outros, meditativo, como alguns, e humano, como poucos. "As melhores coisas em viagem", observa êle, "são tôdas fortuitas, e talvez até imerecidas".

"Não sei" — escreve — "como se pode planejar uma longa viagem e seguir cientìficamente o excelente plano por entre tôdas as dificuldades. Eu nunca planejei. Um navio parecia atrair-me, por fim, e então, se não hesitasse demais, nêle embarcava, sem qualquer razão plausível".

E' curioso que êsses ensaios variem tão pouco no frescor das observações e em seu delicado e forte estilo, pois representam períodos diferentes do autor, a partir de 1912, e abrangem cenas desde North Devon ao Amazonas, na América do Sul. Ao lê-lo, sentimos o quanto é capaz de transmitir-nos sua percepção; olhando através de seus olhos, os lugares familiares nos parecem novos, e os remotos, muito próximos. Sentimos com êle a estranheza de uma noite tempestuosa em Dogger Bank no Mar do Norte, em pleno inverno, a côr enferrujada das argolas dos cais, a aparência dos degraus de pedra sob a água, o cheiro da areia na vasante, e a admiração do grumete ante a aurora

Os inesperados pensamentos de seus ensaios não são sugeridos pelos títulos; mas refletem, entretanto, a imaginação do viajante, que escreve em seu livro: "E' melhor obedecer à direção misteriosa, sem relutância, quando ela aponta para uma nova estrada, por mais estranha que essa estrada nos pareça".

★

ACÔRDO INTELECTUAL BRASIL-PORTUGAL

Em cerimônia realizada no Itamarati, foi ratificado o acôrdo de cooperação intelectual entre o Brasil e Portugal, assinado em Lisboa a 5 de dezembro de 1948 pelos ministros Raul Fernandes e Caeiro da Mata. De acôrdo com o texto dêsse documento, ficam criados dois organismos centrais encarregados da execução do convênio nos respectivos territórios. Em Portugal, será o Instituto para a Alta Cultura, e no Brasil, uma comissão dirigida pelo Ministério da Educação e Saúde, de acôrdo com o Ministério das Relações Exteriores.

★

CENTENÁRIO DO "HARPER'S MAGAZINE"

Por gentileza do The Foreign Service, dos Estados Unidos, recebemos a edição comemorativa do centenário de publicação do "Harper's Magazine", a grande revista americana de tão grande, extensa e profunda influência, uma das mais altas realizações do jornalismo americano.

Esta edição, com mais de duzentas páginas de matéria escolhida, fartamente ilustrada, faz a história da publicação, evoca seus cem anos de vida, recapitula fatos e constitui, por isso, uma visão ampla, não apenas da própria revista, mas da vida americana e do movimento contemporâneo em suas várias esferas, da metade do século XIX, até a metade dêste século.

Congratulamo-nos com "Harper's Magazine" pela passagem de seu centenário e agradecemos a remessa desta edição da bela revista que é um espelho da vida mental dos Estados Unidos nos últimos cem anos.

★

"ACAIACA"

Com êste título bem brasileiro, edita-se em Belo Horizonte uma revista de artes e letras que faz honra à cultura montanhesa. Recebemos o último número de "Acaiaca" que, como sempre, traz escolhida e interessante colaboração.

Destacamos como uma das melhores atrações dêste número, os dois sonetos do poeta César Burnier, um simbolista muito original que, aparecendo há alguns anos entre os poetas mineiros, de há muito nada publicava, não chegando mesmo, cremos, a editar o livro de versos que, em certa época, nos anunciou e que encerrava alguns poemas de alta beleza.

Outro artigo dêste número de "Acaiaca", que merece atenção é o estudo que nos proporciona Manoel Higino dos Santos sôbre a "Pré-História do Hamlet Shakespereano". Mas muitas outras páginas de igual interêsse nos traz a bela revista mineira que Celso Brant dirige com superior visão e que o poeta Sebastião Noronha secretaria, selecionando com mão de mestre a sua colaboração, dando-nos, em todos os números, um panorama expressivo da vida espiritual de Minas.

★

SUPLEMENTO LITERARIO DE "JORNAL DO POVO"

Mais um número do simpático suplemento literário do "Jornal do Povo", de Ponte Nova, Minas, acabamos de receber. Os rapazes de Ponte Nova, liderados por A. Brant Ribeiro, continuam a fazer obra do maior merecimento, de grande significação para a vida cultural da Zona da Mata. Aliás, de justiça, os poderes municipais da linda cidade mineira já deram à turma do Suplemento o apoio indispensável, possibilitando-lhes a instituição de um concurso de contos, aberto aos escritores de todo o país.

Neste número do Suplemento do "Jornal do Povo", destacamos um poema de Carlos Queiroz, "Do Tratado de Não Versificação", que representa, para a publicação, um bom indício de irreverência. Sabemos que a nova geração refugou a irreverência como um dos cacoetes do "modernismo". Mas,

A POETISA NUA



Noelle Hervé era um simples modêlo de pintores que, depois, passou a artista de variedades. O mais curioso da arte de Noelle é que ela compõe pequenos poemas e todo o seu sucesso vem de que ela mesma os recita, apresentando-se nua, ou quase, para isso. Aqui está um retrato da moderna poetisa dos cabarés, da Rive Gauche, onde os leitores, mesmo sem o complemento dos «bikinis», podem admirar sua beleza. E, para que possam também avaliar de seu estro, aqui vai a tradução inglêsa de um de seus poemas, conforme nos apresentou uma revista americana:

C O R R I D A

A beautiful senorita
Had two lovers
One — a torreador
The other — a butcher
And because she was as hard as beutiful
The two lovers competed in cruelty
And boasted of their exploits
Beneath her window.
And fought — who is the more cruel.
And the senorita was quite confused
She didn't know which one to choose,
In that moment a kind boy passed by
So sweet, so gentle,
The type of whom one says
«He cannot hurt a fly».

Fora do Prelo

RETRATO SINCERO DO BRASIL — Limeira Tejo — Editora Globo — Pôrto Alegre. Êste é certamente um livro impressionante. Impressionante, não pelo sensacionalismo, mas pela verdade que nos traz. Estamos em que «Retrato Sincero do Brasil», representa a carta da maioridade da nova geração, pois, quando uma geração produz um pensador como Limeira Tejo, capaz de oferecer, ao seu tempo, uma obra assim, que tantas e tão substanciosas contribuições dá à solução dos nossos problemas, com uma visão segura de nossas realidades, com uma revisão completa dos esquemas anteriores, com um protesto quase violento contra os clichês conformistas do passado — essa geração está alforriada, maior, apta a representar o seu papel, alterando o curso dos acontecimentos.

Além de impressionante, êste livro é, também, consolador. Não pelo que encerra, pelo retrato cruel, goiesco, que nos dá do Brasil, mas porque nos revela um espírito emancipado que estava tardando a surgir entre os moços de 1900. A geração post-modernista ficou sendo uma geração de poetas e de ficcionistas a que faltava certo imprescindível heroismo. Nota-se isso mesmo na sua penúria de senso do humor, de irreverência, no seu excesso de conformidade, no seu respeito ao tabu, nessa ausência completa de inquietação que faz dos jovens escritores atuais verdadeiros acadêmicos natos, desconhecendo que os mestres são apenas bons para o fogo. Casos raros e isolados não provam o contrário. Assim, o livro de Limeira Tejo, que se inicia com um requisitório contra o romantismo do primeiro «Retrato do Brasil», o de Paulo Prado, um retrato que satisfez, no tempo, nossa ância de conhecimento, nosso ideal de redescobrimento, mas que, na verdade, vinte anos depois, toma as tonalidades de mero cartão postal — vem redimir a sua geração das falhas de espírito crítico, das complacências excessivas, dessa «mentalidade dirigida» que é o seu forte e que só o sectarismo comunista, prejudicado pelo passionalismo, brechava, na silente e ensimesmada paisagem espiritual de nosso tempo.

O ensaista pernambucano vem agitar o remanso comodista em que se comprazem os intelectuais desta geração. Êle subiu até às nascentes e fez escachoar a torrente que vem romper brutalmente as águas da baixada. Diante de seu livro não será possível ficar indiferente. Ou aderimos, ajustados à sua verdade contundente, e nos dispomos à luta pela alteração de uma situação de calamidade que necessita ser combatida, ou nos revoltamos, pela destruição que Limeira Tejo faz das bonitas oleogravuras com que decoravamos nossos ócios e nosso sanfichismo.

De qualquer forma, seu livro é oportuno, no momento em que o Brasil, mais uma vez, vai ter que ingressar na órbita mundial — por uma nova guerra, adiável, mas não inevitável — com uma nova oportunidade de realizar seu destino histórico, menos nacional do que internacional, conforme a própria demonstração do autor. E, mais, quando o govêrno do país se renova e quando tantos jovens são chamados a intervir no poder, êsse poder que recebemos com a mesma ignorância com que os troianos receberam aquêle cavalo misterioso aparecido às portas da cidade e que não sabemos o que traz dentro.

Estamos em que «Retrato Sincero do Brasil», na sua crueza e na sua bravura, galvanizará a juventude, reanimando-a de seu colapso periférico, voltando-lhe os olhos e os braços — sobretudo os braços — para o mundo exterior, interessando-a em nossas soluções efetivas, arrancando-a do platonismo, perturbando, é certo, suas leituras de Valery, seus espetáculos de Sartre, seus filmes de Hollywood, mas, em compensação, dando-lhe o lugar que ela deve ocupar e que anda vasio, mais desêrto do que aquêle desêrto que cremos, Oswaldo Aranha certa vez andou vendo entre nós e que êle também não ajudou a povoar.

★

O HAMLET DE ANTÔNIO NOBRE — Josué Montello — Departamento de Imprensa Nacional — Rio. Um curioso ensaio sôbre as confluências shakespearianas na obra poética de Antônio Nobre, o que nos vem de dar Josué Montello. Todos quantos amamos o «lua, o santo, o cobra», desde o primeiro momento nos impressionamos com o «tipo» do poeta, tanto quanto com os acentos de sua poesia. De fato, Antônio Nobre teve essa singularidade que só encontramos no personagem, essa individualidade composta e complexa que a vida nos nega e que apenas a obra de arte pode suprir. O mais interessante do personagem, na vida real, onde é muito raro, é a impossibilidade o indivíduo mesmo criá-la para seu uso. Wilde tentou isso, mas foi o destino que completou a sua obra. A tragédia de que veiu a ser protagonista, e que empurrou-o, então, para o domínio da semi-ficção, não era de seus cálculos. E' certo que êle se conservou fiél ao seu destino e, nisso, está a sua maior virtude de autor, de colaborador do próprio drama.

O LIVRO ILUSTRADO



Ilustração de Oswaldo Goeldi, para o livro de contos de Breno Accioly, «Cogumelos», publicado pela Editora «A Noite».

Antônio Nobre tentou também a sua ficção, a criação de seu próprio personagem, mas não foram as exterioridades — ou, não foram apenas elas — que nos legaram o tipo. Sua personagem veiu do interior para o exterior e, como observa agora Josué Montello, já possuia, mesmo na galeria da arte, o seu sósia, o seu «alter ego», na figura do príncipe da Dinamarca. Sua vida, como seus poemas provam, nele, a herança profunda do louco de Elsenor. Daí, como nos faz crer o autor dêste ensaio, sua paixão pelo Hamlet, suas alusões à obra, a constante influência que a tragédia de Hamlet exercia sôbre êle. Essa simpatia permanente pelo herói de Shakespeare não era apenas um sestro de poeta raro. Vinha do fundo do homem e escapava ao seu contrôle. Eis o que a obra cuidada e esclarecedora de Josué Montello nos mostra — a afinidade entre os dois heróis.

Não se trata, aqui, de uma excursão gratuita à obra de Antônio Nobre, para mostrar-nos o Hamlet que havia nêle, de puro «divertissement» para usos ociosos. Estamos em que a obra de Josué Montello representa um claro capítulo de história literária e nos esclarece muito sôbre o poeta português, mostrando-nos as origens de seu drama, tanto pessoal como lírico. Êsse «rárismo» de Antônio Nobre, muitas vêzes tão mal interpretado pela crítica, capaz de confundi-lo com o simples «poseur», de solicitar juizos apressados e falsos, vem a tempo, exibindo-nos as raizes de uma tragédia tão profunda que reflete, nela, a própria obra-prima do gênero, a história do Príncipe da Dinamarca. E nenhuma obra tão simpática, tão cheia de calor e de cordialidade pelo poeta, sem prejuizo da verdade que se impunha, que se impõe sempre que se trate de uma figura da estatura de Antônio Nobre.

Sem sombra de reparo, lembramos aqui a Josué Montello, cujas citações da poesia de Nobre bastam a apoiar seus argumentos, no sentido do hamletismo do poeta, lembramos que faltou entre os versos de humor macabro que nos evocou, do poeta do «Só», aquela dramática «Balada do Caixão» que se inicia com êstes versos:

«O meu visinho é carpinteiro
Algibebe de Dona Morte...»

★

RITMOS DA EMOÇÃO E DO PENSAMENTO - Sebastião Noronha — Belo Horizonte O título desta coletânea de poemas poderia confundir o leitor, porque Sebastião Noronha, cujo primeiro volume de versos, lançado em plena maturidade foi saudado com louvores pela crítica, é, aqui, sobretudo um paisagista, embora não esqueça os valôres humanos indispensáveis, como aquela francesinha de «A Relíquia», para animar a paisagem. Trabalhando bem o verso, cuidando da forma tanto como da idéia, foi êste mesmo um dos valôres que mais lhe mereceu da crítica, ao ensejo de seu volume anterior, «Sombras e Claridades». Jair Silva, que mantém a velha «pinimba» com os modernistas — a palavra dicionarizada deve ser «pinima», mas aprendi com Newton Prates, em Belo Horizonte, que devemos dizer assim — salientava, então, que Sebastião Noronha «ainda é dêsses poetas que escrevem poesia», declarando também que «seus sonetos são iguais aos dos mestres». Não foi também por outro motivo que Abgar Renault nos falou nos «versos harmoniosos e escorreitos» dêste poeta de Minas, em quem Djalma Andrade notava «a graça e a correção», e Lasinha Luís Carlos de Caldas Brito declarava, fatigada da época de «poetas desatinados», saudar um «verdadeiro poeta».

Os valores desta poesia confirmam-se neste segundo livro, à parte o exagêro natural dos que não admitem, como Jair Silva, nada de nada dos poetas desatinados de Lasinha. Sebastião Noronha escreve bem, metrifica bem, encontramos nêle muitos momentos de lirismo comunicativo, costuma pensar em verso e, por isso, não pode evitar essa forma rudimentar de filosofia rimada que é a quadra:

«Sem a mulher, o homem via
O mundo vasio e triste...
Criando a mulher, Deus quis
Provar-lhe que Deus existe».

Outro exemplo:

«Amor, desencanto e glória,
Que santifica ou desdoura:
Verdade que desespera,
Mentira consoladora».

Também fora da redondilha o poeta cultiva o pensamento, reservando sobretudo os quatro versos aos temas menores, ao amor e à mulher, segundo a maneira clássica dos trovadores. Citamos, ao acaso, o fêcho de um de seus poemas:

«A todo embate resisti, de frente,
Pusesse em risco a minha própria sorte:
Vêzes e vêzes, imprudentemente,
Tive a fraqueza de sentir-me forte».

E aí estão duas amostras da poesia e, principalmente da poética, de Sebastião Noronha.

CABALA

Reynaldo Bairão

Ignoro êste mundo transitório,
cujo princípio está fora de mim.
Sei que é mais importante
a abstração da realidade
que a própria realidade,
fora da realidade, do mundo e de mim.
Ignoro o mundo dos homens,
pois reconheço um mundo de deuses,
maior que a realidade das coisas.

Sei que me importa muito mais
a realização de tôdas as realidades
ambientes
que a realização da falsa realidade
que, outrora, trouxe em mim.

(Do livro inédito: "O Tempo do Cansaço")

★

MONÓLOGO DE HARPAGÃO

Da Costa Santos

Cansado estou de ter gozado a vida
No banquete do mal do mundo vário.
Levo comigo a história dolorida,
Daquilo que não fiz de extraordinário.

Tenho chagas no peito, a alma perdida
Por ter rezado um triste breviário...
Na terra fui a lastimosa lida
Do homem cruel, atroz e sanguinário.

Agora é tarde, e Deus não reconforta
Aquêle que vivendo pela terra,
Não socorreu quem lhe batesse à porta...

Que o meu vindouro outro caminho tome:
Culpado eu sou de ter lançado a guerra,
Culpado eu sou de ter trazido a fome!...

★

LITERATURA

existe uma diferença entre não possuir um sestro e ser academizante, conformista, crente dos tabus. A linha do Suplemento pode já fletir sôbre êsse lado polêmico, pender um pouco sôbre a esquerda literária, despojando-se cada vez mais do passado, integrando-se cada vez mais no seu tempo, que é o tempo de uma nova revisão de valores.

★

REINALDO BAIRÃO ESTÊVE NO RIO

O Rio hospedou, durante uma semana, o poeta paulista Reinaldo Bairão que veio assistir o carnaval e que, nesses poucos dias atribulados, aproveitou o tempo para ver os amigos. Aqui registramos sua rápida visita e agradecemos o abraço que nos trouxe, certos de revê-lo em breve entre nós. Os leitores desta página conhecem Reinaldo Bairão, através dos poemas que lhes temos oferecido aqui e sabem, por isso, que se trata de um dos melhores valores da nova geração brasileira.

★

VICTOR HUGO NO DOMÍNIO PÚBLICO

A obra de Victor Hugo acaba de cair no domínio público e já estão aparecendo edições boas e baratas dêsse grande escritor. Anunciam-se, por exemplo, várias edições acessíveis dos "Miseráveis", um dos primeiros *romans-fleuve*. O editor de uma delas lembrou-se de oferecer um desconto aos empregados e operários da tipografia onde está sendo impressa. Das 587 pessoas, às quais se facultava o desconto, 565 encomendaram o livro.

★

PÓSTUMO DE VIRGINIA WOOLF

A editôra inglêsa Hogarth Press anuncia o terceiro e último livro póstumo de Virginia Woolf, uma coletânea de ensaios intitulada "The Captain's Death Bed and Other Essays".

★

DA COSTA SANTOS ESTÊVE NO RIO

Além do poeta paulista Reynaldo Bairão, o Rio hospedou, nesses dias que passaram, o poeta mineiro Da Costa Santos, que tem sido um dos colaboradores desta seção.

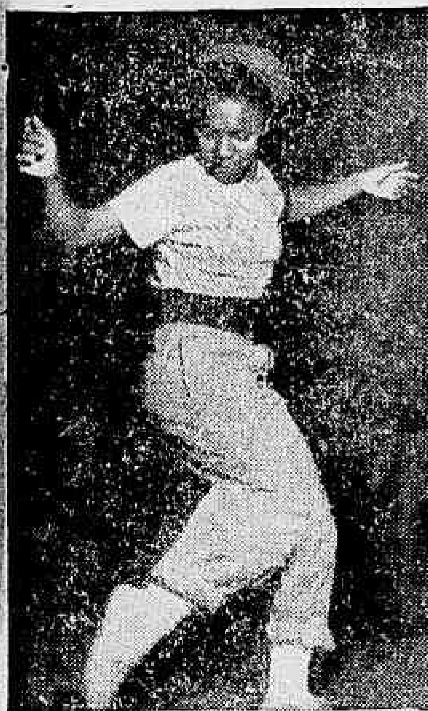
Em ligeira palestra conosco, o poeta das Alterosas comunicou-nos que reina grande entusiasmo entre os intelectuais mineiros com a aleição do governador Juscelino Kubistchek que sempre revelou, como prefeito de Belo Horizonte, um grande interêsse pela arte e pela literatura, tendo sido um animador de empreendimentos de grande significação na capital mineira.

PARA DANÇAR O "PASSO" NO FREVO PERNAMBUCANO É PRECISO NÃO TER REUMATISMO...

CAINDO NO FREVO

A SENSAÇÃO DO CARNAVAL CARIOCA DE 1951 FOI A VINDA DO "MISTO VASSOURINHA" DO RECIFE ★ "FREVO" E "PASSO" NÃO SÃO A MESMA COUSA.

Texto de RENATO DE ALENCAR



DEPOIS que os componentes do Misto Vassourinhas, clube carnavalesco do Recife, cumpriram suas "performances" no Carnaval de 1951, aqui no Rio, desabou sôbre êsse conjunto pertinaz campanha de descrédito contra os promotores da vinda do mesmo até à terra carioca.

Segundo asseveravam alguns membros do próprio conjunto, certas pessoas de posição social, responsáveis pela estada e exibição do clube no Rio, haviam faltado com a necessária probidade, e embolsaram os fundos pertencentes aos "Vassourinhas", resultando disso tudo, o mais inesperado "frevo" de que há memória: a revolta de todos.

Muitos figurantes dêsse conjunto carnavalesco compareceram às redações de colegas desta capital e contaram suas amarguras e decepções. Estavam sem recursos para regressar, e alguns compromissos assumidos para exibições em S. Paulo, lamentàvelmente anulados pela falta de probidade do tesoureiro do clube.

Como era de esperar, dias depois vem o acusado a público e varre sua testada afirmando que não desviou dinheiro nenhum, estando os haveres do "Misto Vassourinhas" em perfeita ordem, não passando as denúncias de desentendimentos e incompreensões da parte de alguns elementos de pouca inteligência.

Mas, quando todos pensávamos que a situação estivesse em vias de entrar nos eixos, tornam os acusadores a bater na tecla citando nomes e pedindo que as autoridades e o povo carioca os ajudassem a regressar a Pernambuco, onde os "passistas" têm seus empregos, suas ocupações e suas famílias.

Novamente o acusado se explica e, ao que parece, tudo não passa de absoluta ausência de espírito clubal, carência de um diretor, um comandante-chefe de tanta gente vinda do Recife para dançar em terra estranha.

O conjunto se compõe de 260 figuras; mas, em verdade, apenas vinte-e-seis pessoas, entre homens e mulheres, inclusive Teresinha, de dez anos, dançam o "passo". O



A MAIS JOVEM «passista» de Pernambuco, a garotinha de dez anos Terezinha, quando fazia para o nosso fotógrafo uma demonstração do que é o «passo», do «corta jaca», entre a grande quantidade de instrumentos da grande orquestra.



NÃO SE trata de nenhuma garôta a dar vitaminas a Bernard Shaw, em seus últimos dias. O que aqui reproduzimos é uma pose do mais velho e do mais novo elemento do conjunto



DUAS FIGURAS encantadoras do elenco do «Misto Vassourinha» que o Recife mandou para o Carnaval carioca de 951: uma índia um tanto escurinha e uma morena dos «lundus».



PARA TERMOS uma idéia do que é, em verdade, o «passo» num frevo pernambucano, é ne cessário que um técnico» dessa curiosa coreografia que nasceu no Recife dos começos do século explique a cousa tim-tim por tim-tim Foi o que nos fizeram lá no João Caetano, quando a nossa Revista foi ouvir os campeões do «passo» após o Carnaval de 951.

resto pode cair no "frevo" mas não entra na dança violenta e tipicamente pernambucana.

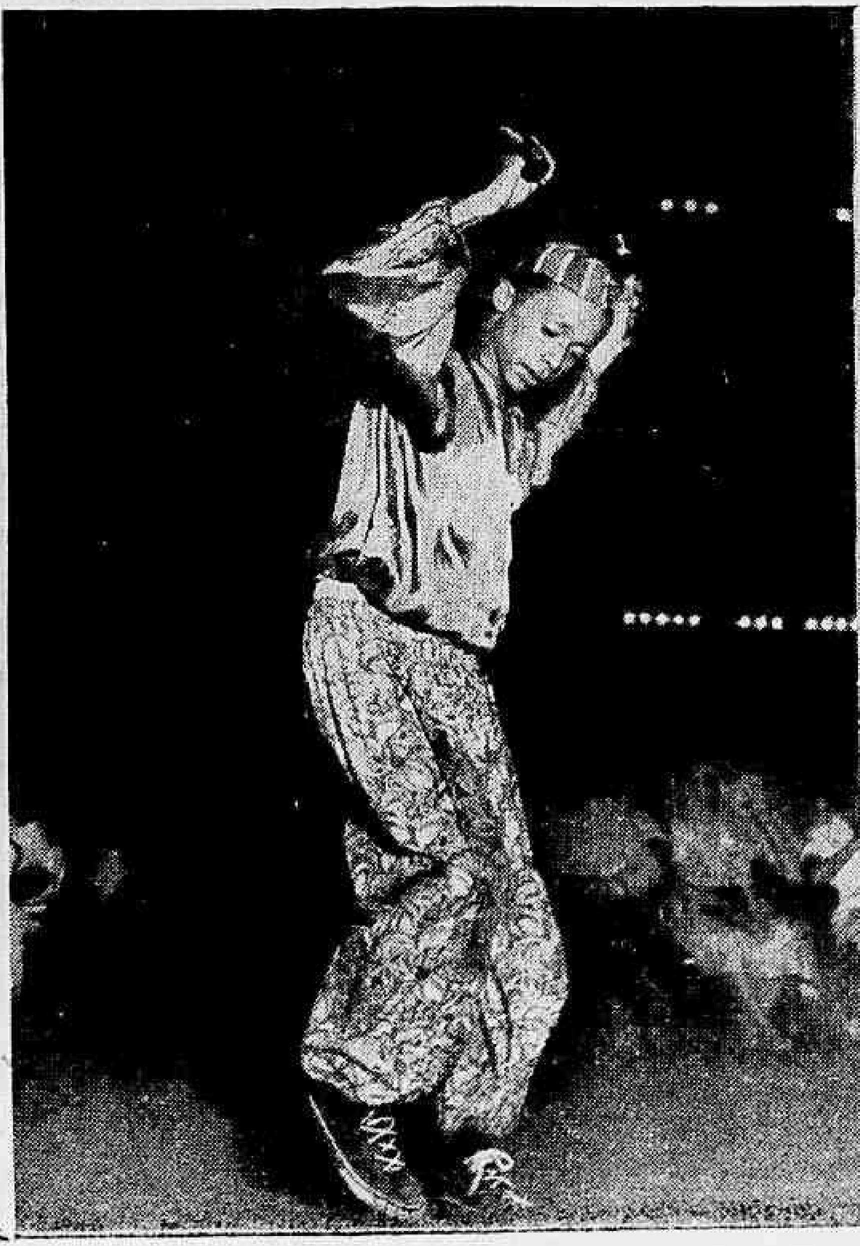
Quando de nossos contactos pessoais com alguns membros do "Misto Vassourinhas" em suas exibições no teatro João Caetano, chegamos a esta conclusão: o que faltou ao clube para seu sucesso financeiro e moral entre nós, foi a presença de um chefe, de um comandante, de uma pessoa que impusesse harmonia e respeito entre todos.

E' verdade que o clube que ora nos visita possui elementos ponderados, serenos e corteses, incapazes de criar casos internos e externos. Sua banda de música, por exemplo, é formada de profissionais do exército e da polícia militar do Recife, gente disciplinada, correta e conhecedora de seus deveres e responsabilidades sociais. Infelizmente, porém, além dos sessenta e tantos músicos ainda restam mais de duzentos integrantes do vultoso conjunto. Dentre êsses é que há os inconformados, os murmuradores, os que não analisam certas situações e explodem.

Por que se deu isso? Porque, antes de virem para cá, os organizadores e responsáveis pela excursão se esque-



ÊSTE pernambucano de 76 anos, José Bezerra, empolgou a quantos o viram a desminlinguir-se no «passo» do frevo.

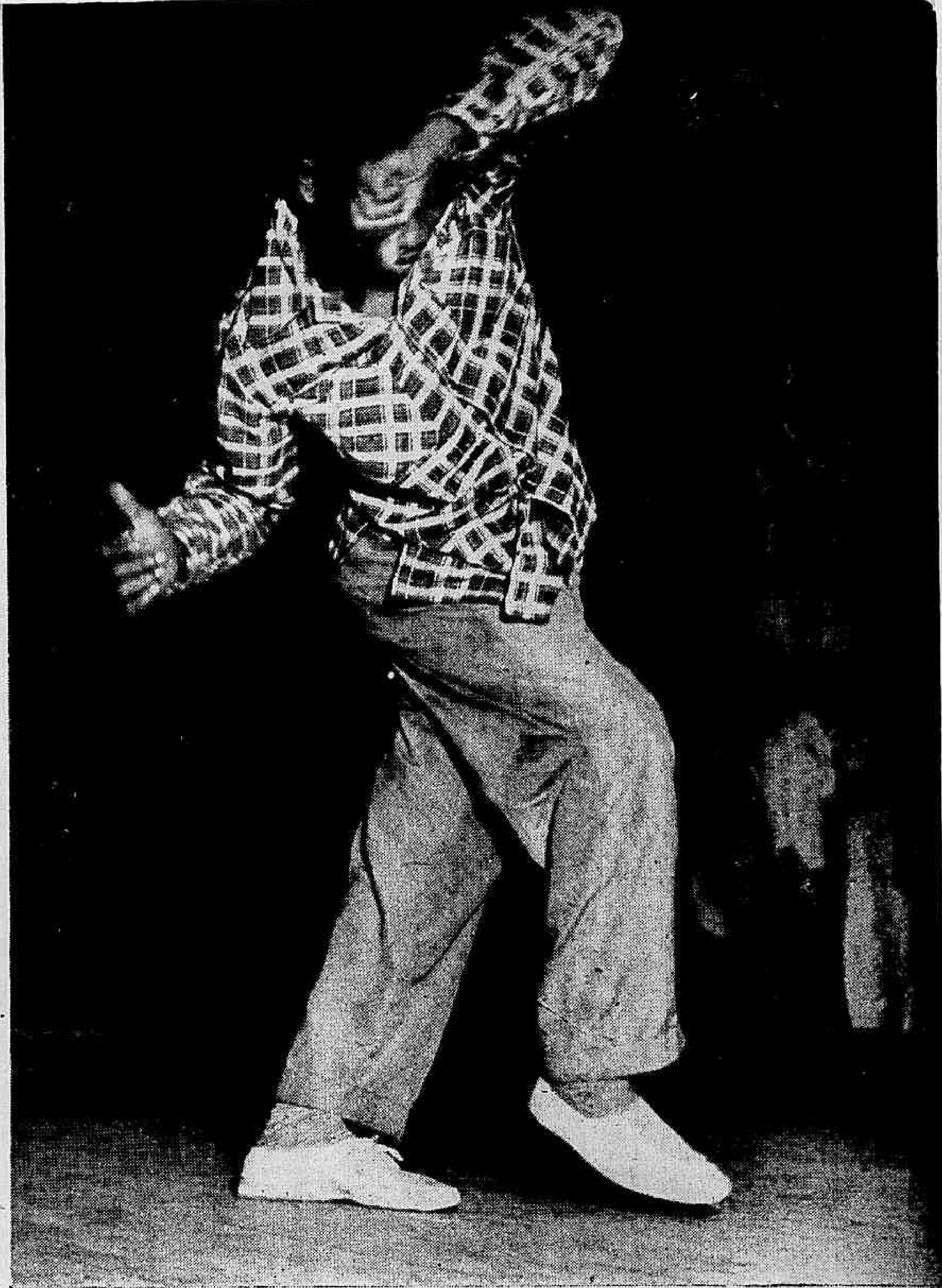


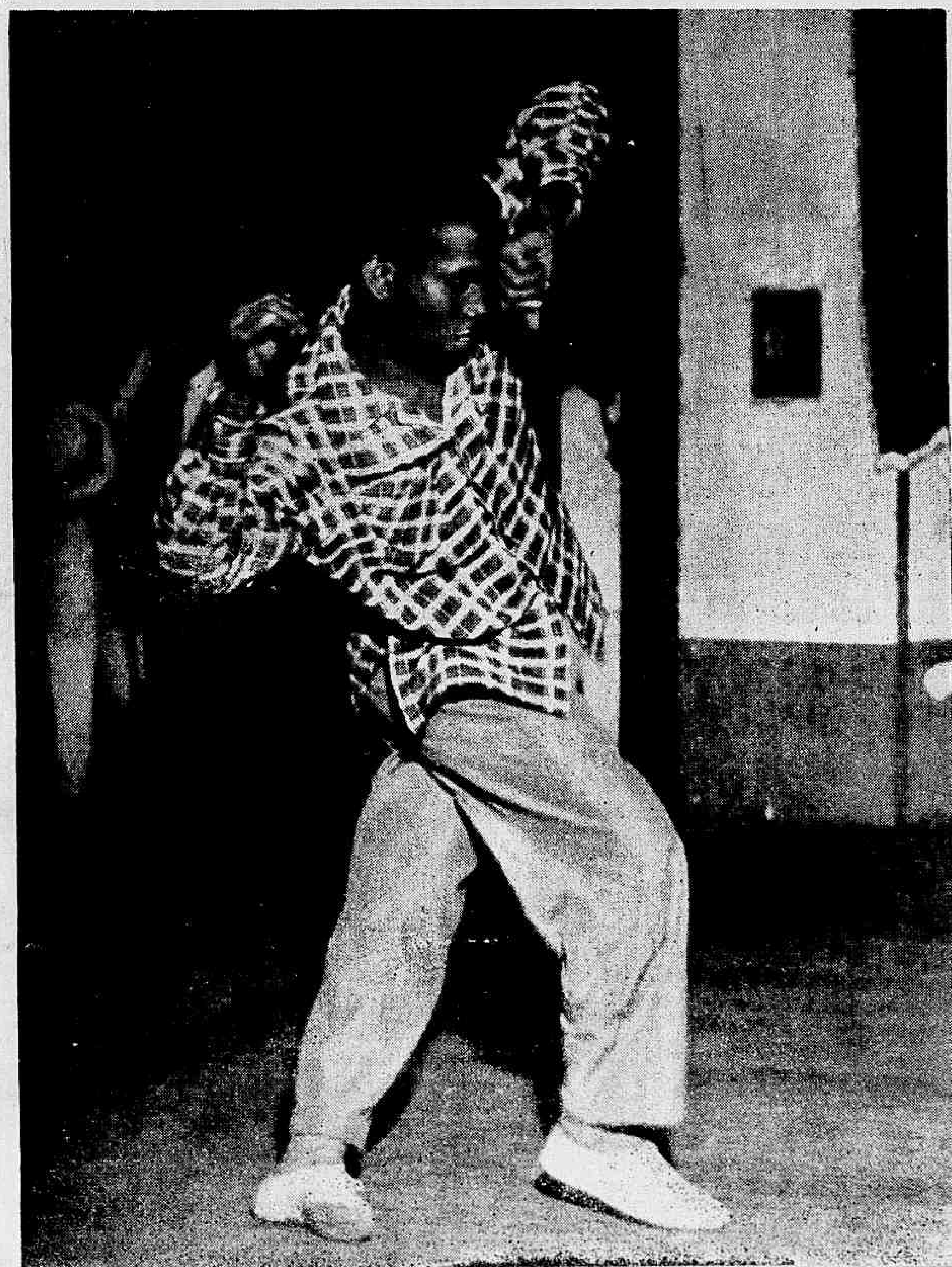
OS PÉS de um «passista» constituem o seu maior cuidado para não perder o compasso da música sincopada e alegre.



CADA FIGURANTE do «Misto Vassourinhas», em seus indumentos apropriados fêz misérias nas ruas e nos palcos.









QUATRO DOS 26 "ASES" DO "MIS-
TO VASSOURINHAS", ABAFANDO A
BANCA DIANTE DO POVO CARIOCA



«DEZOITO MOLAS» o Rei do Frevo, um dos melhores passistas, vencedor de 36 concursos. Desde a idade dos 7 anos executa o frevo.



FOGO na cangicá, minha gente que o «frevo» está se danando! E' o que se ouve quando os pernambucanos dançam



COM UMAS GARÔTAS dessa estampa, risonhas e alegres, quem é que não cai no «frevo», não se desmancha no passo alucinado?

ceram, ou não tiveram tempo de estabelecer um "modus operandi", uma norma de conduta, um pacto, um juramento para garantir o êxito da viagem. Todos sabemos que, sem recursos à mão, tais empreendimentos quase sempre resultam em verdadeira aventura. E, quando não há uma voz que se faça ouvir e acatar por todos, irrompem coisas desagradáveis como as que sucederam com o Misto Vassourinhas no Rio: queixas, escândalos, acusações, detratações sérias, arrependimentos, desmoralizações.

Para que os "Vassourinhas" pudessem permanecer nesta capital, o SAPS lhes ofereceu alimentação gratuita em seus restaurantes. Já foi um auxílio de inestimável importância. Além da alimentação de graça, de boa qualidade. E quanto à hospedagem? Providenciou isso a Prefeitura, alojando-os numa de suas casas escolares lá de Vila Isabel, grande estabelecimento onde ficaram arranchados os componentes do famoso clube recifense. Também foi outra providência de inegável valor.

Que restava então? Recursos para que êles pudessem voltar depois dos festejos e das exibições no Rio. Aí, porém, é que pega o carro. Foi-lhes cedido pela Municipalidade o Teatro "João Caetano", cuja capacidade é considerável e está situado em excelente ponto estratégico para facilitar a afluência dos aficionados de tais festas populares.

Mas, segundo pudemos observar, as funções com entrada paga a preço um tanto elevado, não corresponderam à expectativa do clube "Misto Vassourinhas". A freqüência não estêve ao nível das necessidades urgentes dos seus componentes. Uma prova disto é o fato de terem inaugurado as exibições no "João Caetano" com dois horários, — uma à tarde, e outra às 21 horas, — e terminaram com uma só, apenas, à noite.

Qual o motivo dêsse insucesso? Falta de ordem. Citemos, para prova, o fato a que um nosso colega de redação assistiu certa vez. Estando os "passistas" no tablado, um dos figurantes do grupo falou à platéia: — "Meus senhores! Há no "Misto Vassourinhas" uma dúvida sôbre quem seja o seu mais hábil e perfeito "passista". Temos aqui dois jovens que se disputam a glória de ser "o maior". São êles, Fulano e Sicrano. (E os apontou aos espectadores). Vamos decidir agora a quem caberá a palma da vitória."

Como era natural, o caso tomava as proporções de verdadeiro duelo, e duelo "sui generis" e absolutamente inédito para os cariocas presentes à exibição. Todo mundo ficou interessado no páreo. Mas, sabe o leitor o que aconteceu? Um dos disputantes, olhando com desprêzo para o seu "chalenger" exclamou para quem quisesse ouvir:

— "Quem vai dançar com êsse idiota? Eu?! Não vê que não me rebaixo a competir "passo" com *isso*...

E não foi mesmo. O número sensacional deixou de ser realizado porque um dos indicados para cumprí-lo não quis "rebaixar-se" como parceiro de um seu colega de Clube! E ficou tudo por isso mesmo, uma vez que não havia uma voz diretora, um "capitão" do "team" a quem os demais ouvissem e obedecessem às suas ordens de comando para o bem geral e a disciplina do conjunto.

Outro motivo da pouca renda: o desinterêsse com que os nordestinos em geral trataram os "demônios do frevo". Todos sabemos que, da Bahia ao Ceará, é muito apreciado o "passo", e, de Alagoas à Paraíba, êsse interêsse é ainda maior. Quantos são os nordestinos que vivem no Rio? Mais de 200 mil. Entretanto, causava lástima a vasante no "João Caetano", só se enchendo mais um pouco aos sábados e domingos. Temos então que atribuir o insucesso àquele primeiro ponto-de-vista, — a falta de direção — e, em segundo lugar, o estado de penúria em que estão os nordestinos desta cidade. Não nos referimos aos opulentos, aos ricos, aos aristocratas que desfrutam de situação de folganças financeiras, pois que êstes, com certeza, não se abalariam a ir ver dançar o "passo" pernambucano, dos "demônios do frevo", numa época de tanto calor em teatro sem refrigeração; mas nos referimos à massa, ao povo, à gente do nordeste que deveria ter prestigiado com sua presença e seus cruzeiros, os conterrâneos de visita ao Rio.

Não resta dúvida que muitos compareceram ao teatro e deram essa prova de solidariedade. Todos vimos como procediam os presentes quando começavam a cair no tablado da exibição as primeiras moedas. Choviam os níqueis... Mas isso é um prestígio de tostão. O prestígio de que falamos é o da bilheteria, do apurado em Caixa, da afluência em massa dos nordestinos às exibições dos pernambucanos.

Outra causa de desarmonia que apuramos: muitos dos "passistas" não podiam ocultar o imenso desejo de ficar no Rio. A um nosso colega vários dêles pediram emprêgo. Queriam abandonar o clube e colocar-se aqui. Ora, diante disso, que esperar de um Conjunto Carnavalesco que sai de sua terra para exibir-se em outras? Desinterêsse, desordem interna, indisciplina, mal-estar.

A ORIGEM DO FREVO

O têrmo tem sido objeto de várias cogitações. Já chegaram a imaginar até origens etimológicas das mais esquisitas. Vejam esta de Joaquim Ribeiro: "Frevo é corruptela de *frívolo*, e a expressão *marcha frevo* deve-se entender *marcha ligeira*."

Para o articulista, como uma marcha ligeira é uma coisa frívola, resultaria disso que a origem etimológica de *frevo*, era a palavra frívolo, barbarizada para *frevo*, pelo linguajar do povo. Nada mais falso e sem base. Em primeiro lugar, sendo o têrmo frevo de origem popular, não admitiria um vocábulo erudito como o seu batismo inicial. Mas não ficamos nessa opinião. Há um outro escritor, o sr. Josué Montelo, que julga provir o *frevo*, de *febre*...

(Cont. na pág. 44)



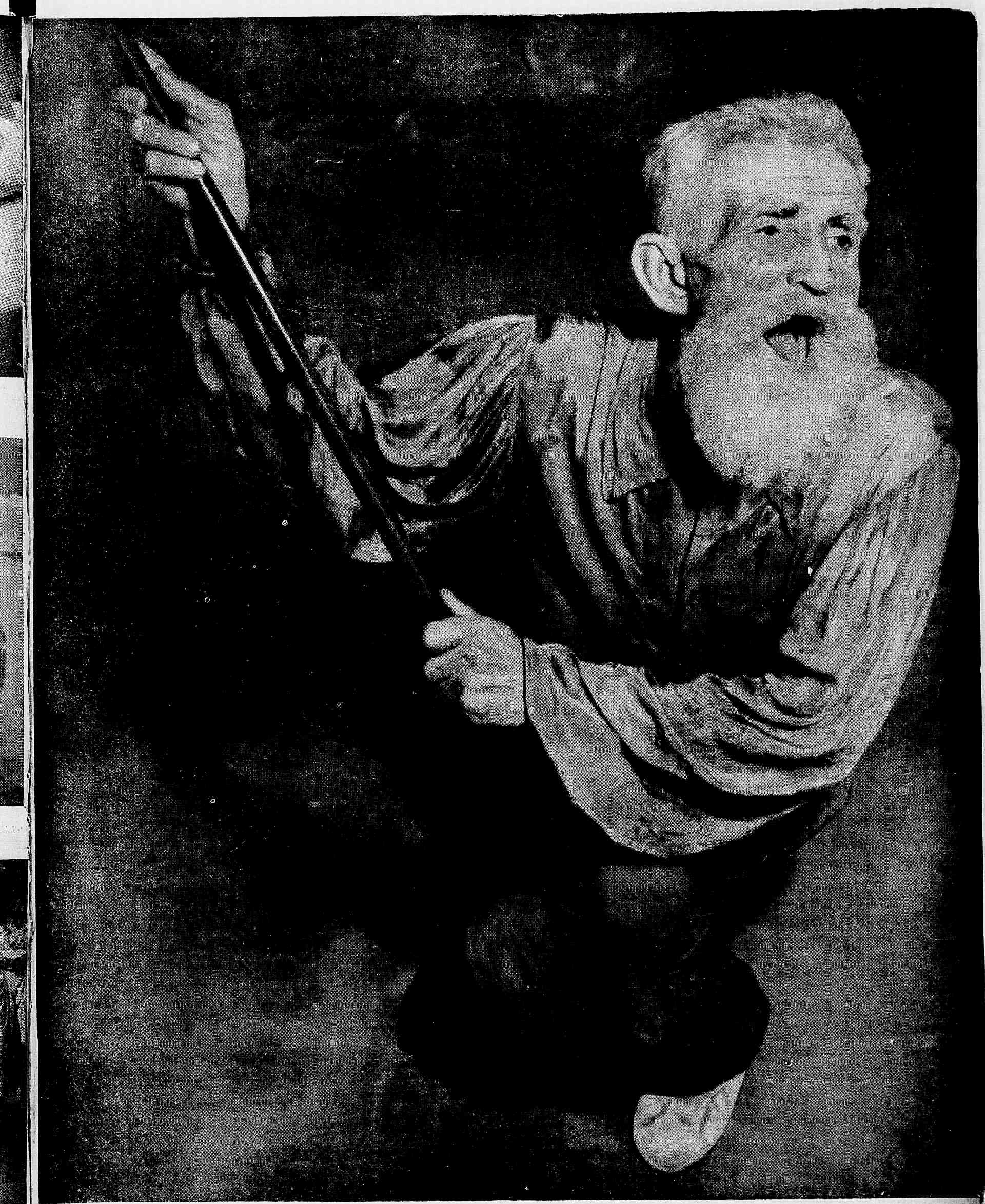
PELO GEITO DA BÔCA dêsse caboclo do Recife, percebemos o quanto se esforça para mostrar o que é entrar no frevo.



MINHA graciosa índia! — exclama um da assistência — me leva para o Recife e me nomeia professôr de «frevo»!



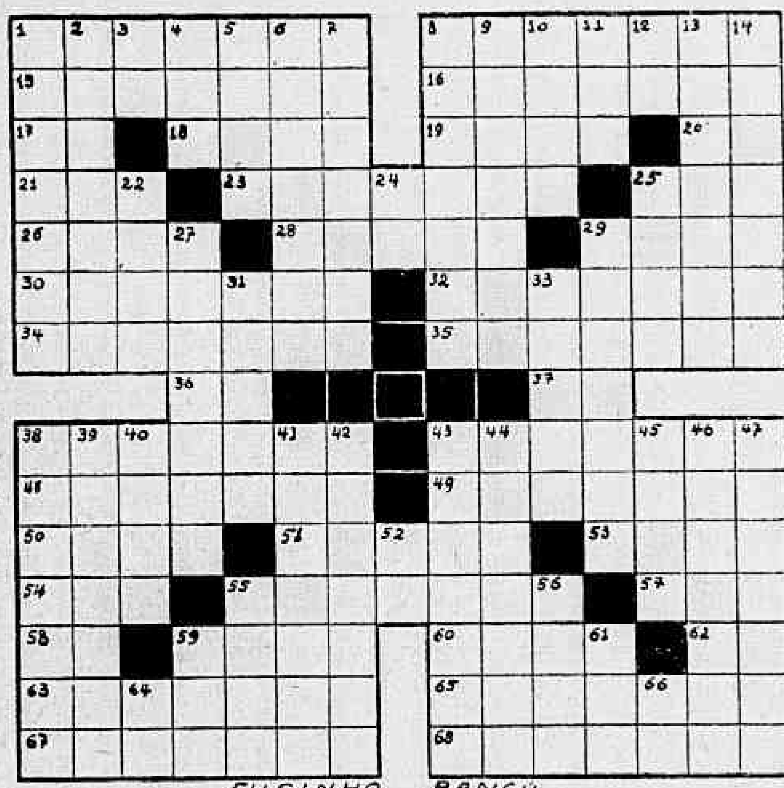
TRAJANDO SUAS VESTES à holandesa dos tempos de Nassau, esta garota faz o «passo pernambucano» e domina a todos



QUEM disse que velho não cai na farra? O Recife, ao mandar-nos o seu «Misto Vassourinha» dá ao Brasil e ao mundo esta imensa lição: a vida começa aos setenta...

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 42 - PARA VETERANOS

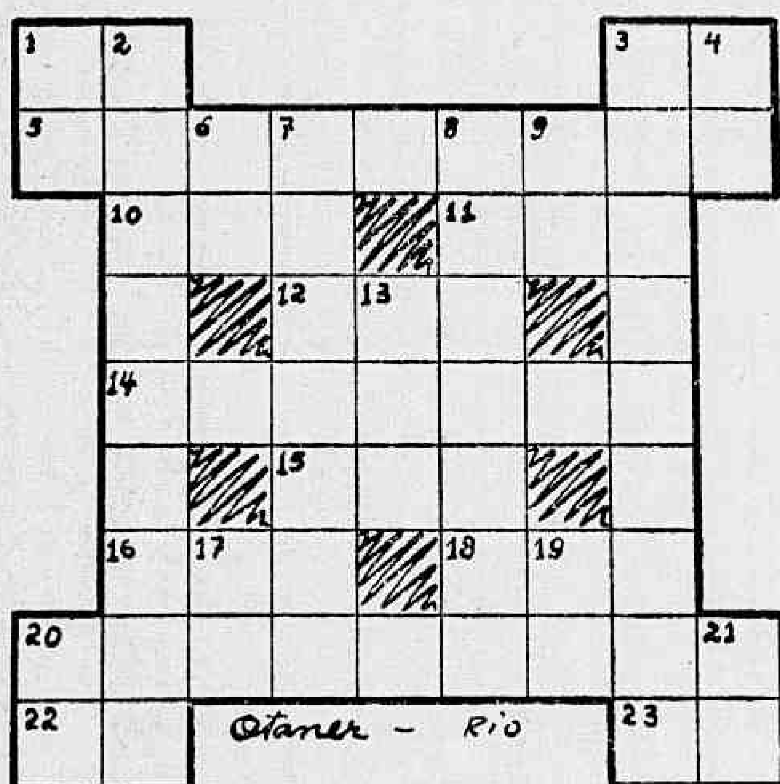


HORIZONTAIS: — 1. Suportar — 8. Molusco gastrópode pulmonado — 15. Mangerona — 16. Besta velha e cansada — 17. Planta da família das Liliáceas — 18. Espuma do mar — 19. Alcoviteira — 20. Símbolo da prata — 21. Fútil — 23. Sobrecarregada — 25. Antiga cidade da Colchida — 26. Utensílio de crina para limpar bestas — 28. Muito boa — 29. Semelhante — 30. Caixeiro viajante — 32. Ave da família dos Icterídeos — 34. Róseos — 35. Roubar com violência — 36. Patente — 37. Sua (arc.) — 38. Armadilha para apanhar animais — 43. Preprar — 48. Menino rapazinho — 49. Espécie de betume líquido — 50. Determinações escritas — 51. — Das Filipinas — 53. Imposto gravoso — 54. — Desmorona-se — 55. Côro pequeno (pl.) — 57. Fôlha de palma — 58. Símbolo de ilínio — 59. Carne salgada — 60. Azedume — 62 — Pref. que indica aproximação — 63. Conjugal — 65. Entalhe — 67. Misturado com areia — 68. Apareces em lugar elevado.

VERTICAIS: — 1. Agarrar — 2. Mantilha — 3. Soa — 4. O mesmo que araf — 5. — Imperador romano 282 a 283) — 6. Mordomo — 7. Boatos falsos — 8. Polvo, chamado «mão do camarão» — 9. Irritara — 10. Rangifer — 11. Governanta — 12. Coque — 13. Olaia — 14. Lagoa de água salgada — 22. Povo de Madagascar — 24. Escarnece — 25. Respiração curta (ortog. antiga) — 27. Touro covarde (pl.) — 29. Asbesto — 31. Dividem em aduas — 33. Cidade da Suécia — 38. Quadrupede do gênero dos macacos — 39. Pôr inscrição — 40. Içai — 41. Taramelas de moinho — 42. Da cor do âmbar — 43. Pagara — 44. Aldeias de índios — 45. Canção religiosa — 46. Destruira — 47. Igualadas — 52. Símbolo do germânio — 55. Procuro — 56. Ruidos — 59. Prefixo que traz a idéia de junção — 61. — 17ª letra do alfabeto grego — 64. A parte de trás — 66. Certo.

*

PROBLEMA N.º 42 PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Instrumento agrícola — 3. Preposição — 5. Sujo — 10. Sapo das regiões do Amazonas — 11. Reze — 12. Prefixo que traz a idéia de posição inferior — 14. Escolheria — 15. Escarnecia — 16. Pedra em tupi-guarani — 18. Segue — 20. Esconderam — 22. Isolado — 23. Batráquio.

VERTICAIS: — 1. Base — 2. Relativo à anatomia — 3. Produzir ede[…] — 4. Pedra de moinho — 6. Símbolo químico do crômo — 7. Meridional — 8. Vergava — 9. Seguir — 13. Interjeição de espanto — 17. Pronome pessoal — 19. Atmosfera — 20. Artigo plural — 21. Perversa.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N.º 41

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Sergipe — Adiaram — Liar — Nu — It — Oval — Nada — Mó — Amarias.

VERTICAIS: — Salina — Editam — Ria — Caroar — Ir — Panamá — Êmulos — Dá.

PARA VETERANOS

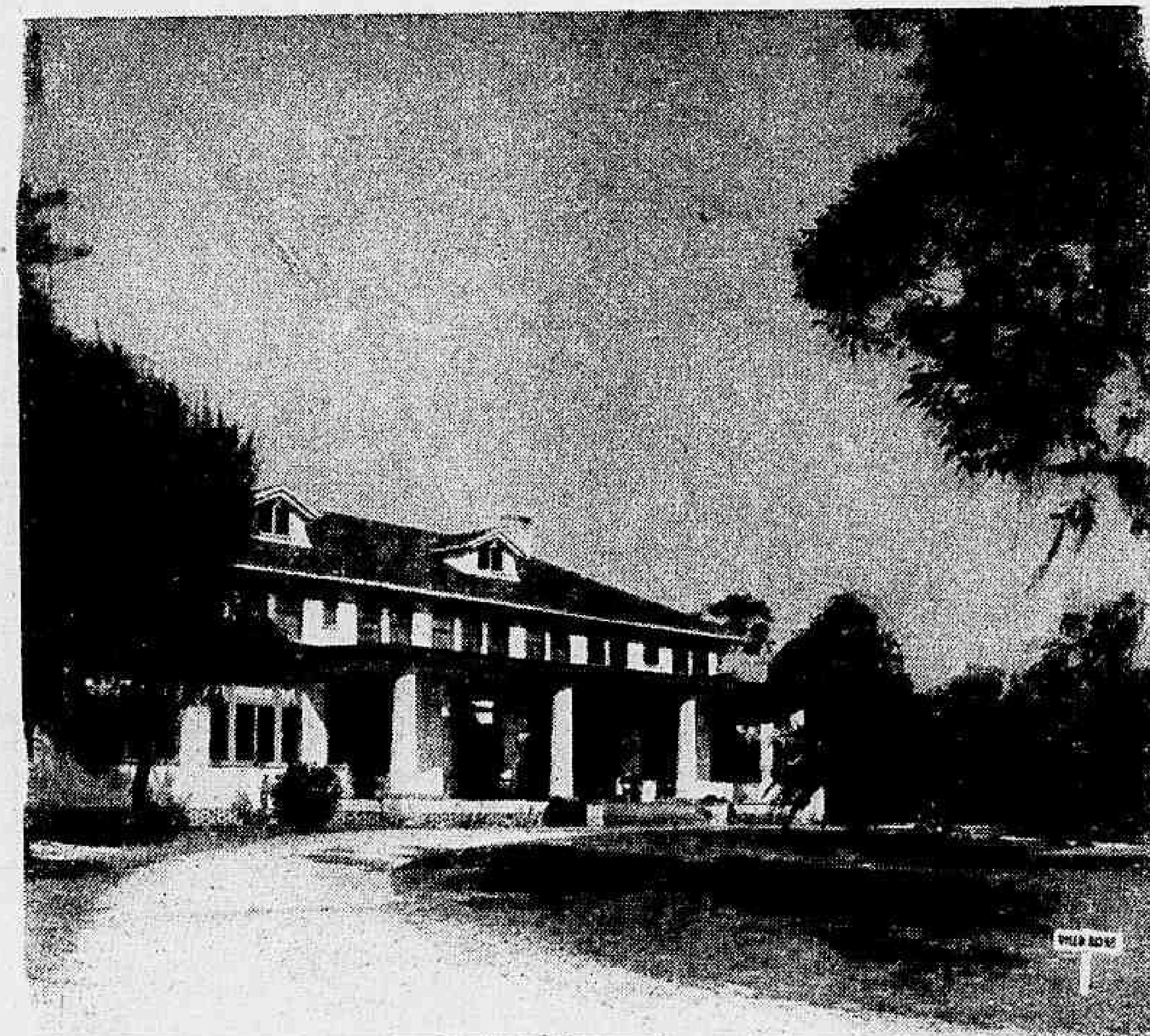
HORIZONTAIS: — Albardeiro — Ar — Ara — Ab — Em — Ri — Naus — Croup — Grã — Riamba — Arraia — Air — Tauro — Urde — Ar — Ob — On — Cão — Re — Absorvente.

VERTICAIS: — Acangatara — Ba — Ares — Da — Engra — Ia — Oniparente — Barrar — Rúbido — Uarú — Cia — Omar — Ria — Arcão — Ubre — Cs — Or — En.

Colaborações e correspondencia para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.



FESTA DE FORMATURA — **No dia 23 de dezembro, realizou-se no salão nobre do Colégio «DANTE ALIGHIERI», a cerimônia da entrega dos certificados aos alunos que concluiram o 1º e 2º ciclos colegiais; 130 alunos receberam seus certificados nessa solenidade. O clichê fixa um aspecto do momento em que falava a oradora da turma, sta. Anésia Christiano, filha do dr. Augusto Ferreira da Costa, industrial em São Paulo.**



«VILLA ROSE» é o nome hospitaleiro do Instituto-Escola, em De Soto City-Florida, que aparece no clichê acima. Ali é prestada assistência, tratamento e carinho a cêrca de trinta crianças e jovens portadores dêsse «handicap» físico que provém de asfixia pre-natal ou de certos traumatismos violentos afetando o comando cerebral dos movimentos e da fala. Também são designados por «Espásticos» por apresentarem em todos os casos maior ou menor grau de rigidez muscular a dificultar o andar ou os gestos, ou ambos ao mesmo tempo. Amplas salas para exercícios físicos e de aulas especializadas e um corpo de enfermeiras, técnicos, massagistas e professôras; todos orientados por um médico da especialidade e sob as vistas da Diretora Mrs. Rose McQuade — servem a humanitária tarefa de reabilitação de um grupo sempre renovado de criaturas que estariam fadadas a ser um valor negativo na Sociedade ou, pelo menos, sofrerem do complexo de inferioridade por tôda a vida. Situada numa região de lagos, «De Soto City» fica à margem de Estradas de rodagem e do caminho de ferro que liga Miami a Washington e Nova-York, numa das mais ricas regiões de frutas cítricas do mundo. A cêrca de cinco minutos de taxi fica a pitoresca cidadezinha de Sebring, ponto de «veraneio» dos que fogem do frio rígido do Norte... Suas autoridades e associações privadas prestam às crianças de «Villa Rose» carinhosa assistência na organização de programas festivos como pic-nics, espetáculos cômicos, filmes, passeios, etc., o que caracteriza a simpatia social de que gozam não só aquela Instituição mas também o casal McQuade, que ali reside e lhe dedica todos os seus momentos. Em «Villa Rose» encontram-se várias crianças do Brasil e de outros países sul-americanos.

SURPRÊSA

TIRANDO o lenço do bôlso, Alfredo enxugou o suor que lhe inundava o rosto. Nunca pensara que fôsse tão trabalhoso trocar o pneumático de um automóvel. Bem que êle poderia ter estourado em uma cidade qualquer do caminho, mas ali, no meio da estrada... De qualquer forma, o rapaz estava satisfeito com seu próprio trabalho. Comprara o carro havia pouco tempo, aquela era a primeira viagem que fazia nêle e pudera resolver a situação sòzinho. Uma sensação eufórica de auto-suficiência recompensou-o pelo esfôrço. Guardou as ferramentas e consultou o relógio. Eram quase seis horas da tarde. Se tudo tivesse corrido normalmente, estaria chegando a Belo Horizonte.

Olhou em volta. A estrada se mostrava deserta em tôda a sua extensão. O único sinal de vida eram os animais que pastavam às margens do ribeirão que corria paralelo à estrada. No campo, cêrca de meio quilômetro dali, elevando-se acima do mato rasteiro, via-se uma pequena casa. O tênue fio de fumaça que se elevava da chaminé fêz Alfredo pensar em comida e a fome que sentia aumentou ainda mais. O rapaz entrou no carro, encostou-o à margem da estrada, saiu, e depois de trancar a porta dirigiu-se para a casa, disposto a conseguir alguma coisa para comer antes de prosseguir viagem.

★

De dentro da habitação, duas pessoas o observavam.

— Êle vem para cá, Maria — observou o homem.

— Será que êle serve, Joaquim?

— Sei lá!... Nós não combinamos que é você quem escolhe? Se êle servir, você me faz o sinal e eu acabo o negócio.

★

Alfredo subiu alguns degraus de uma escada de pedra e bateu fortemente.

A porta abriu-se e uma bela moça apareceu, observando-o com desconfiança.

— Que quer o senhor?

— Boa-tarde, minha senhora. Eu estive consertando meu carro ali na estrada por mais de duas horas e antes de continuar a viagem pensei em conseguir alguns alimento nesta casa, pois estou com muita fome...

Nos belos lábios da moça esboçou-se um sorriso que não chegou a surgir. Olhou-o por alguns instantes e por fim disse sècamente:

— Pode entrar.

O rapaz não esperou outro convite. Entrou. Seus olhos percorreram as paredes nuas da casa, os poucos móveis e admirou-se de encontrar ali uma mulher tão bela.

— Sente-se aí nessa cadeira, enquanto eu acendo o lampião — disse ela. — Já está escurecendo.

— Sinto muito ter vindo incomodá-la — desculpou-se Alfredo. — Farei o possível para recompensar a sua bondade.

Ela voltou-se para êle com um brilho estranho nos olhos, que o fêz arrepender-se de suas palavras. Em seguida, afirmou com energia:

— Nós aqui na roça não vendemos hospitalidade.

Alfredo quis dizer alguma coisa, defender-se, mas ela virou-lhe as costas e saiu do aposento. Voltou pouco depois, olhou-o sem nada dizer e largou sôbre a mesa em sua frente um prato fundo com feijão, arroz, batata doce e um pedaço de carne sêca.

— Pode comer que está bom — disse por fim.

O rapaz tinha fome mas comeu devagar. Por várias vêzes surpreendeu-se olhando para a mulher sentada a um canto. Já vira muitas moças lindas, educadas e bem vestidas, mas aquela ali... era diferente. Por mais que seus olhos dela fugissem, voltavam sempre para fitá-la. Sua pele morena era lisa e uniforme. Os cabelos negros caíam longos e ondulados sôbre o vestido simples e pobre. Os olhos escuros eram profundos e sinceros. A bôca sem pintura e o nariz eram bem feitos e finos. Tudo nela atraía e enfeitiçava.

— A senhora não vai comer?

— Não. Vou esperar um pouco. Meu marido foi à vila e deve voltar daqui a pouco.

— E' casada então?... — observou Alfredo, sem esconder seu desapontamento.

— Sim. Pensou que eu morasse aqui sòzinha?

— Bem... Eu só poderia ter pensado isso.

— E o senhor? E' casado?

— Não.

— Noivo?

— Também não.

Ela sorriu ligeiramente, parecendo satisfeita. Depois, mudou de assunto:

— Vai para Belo Horizonte?

— Sim. Sou advogado e tenho um escritório lá.

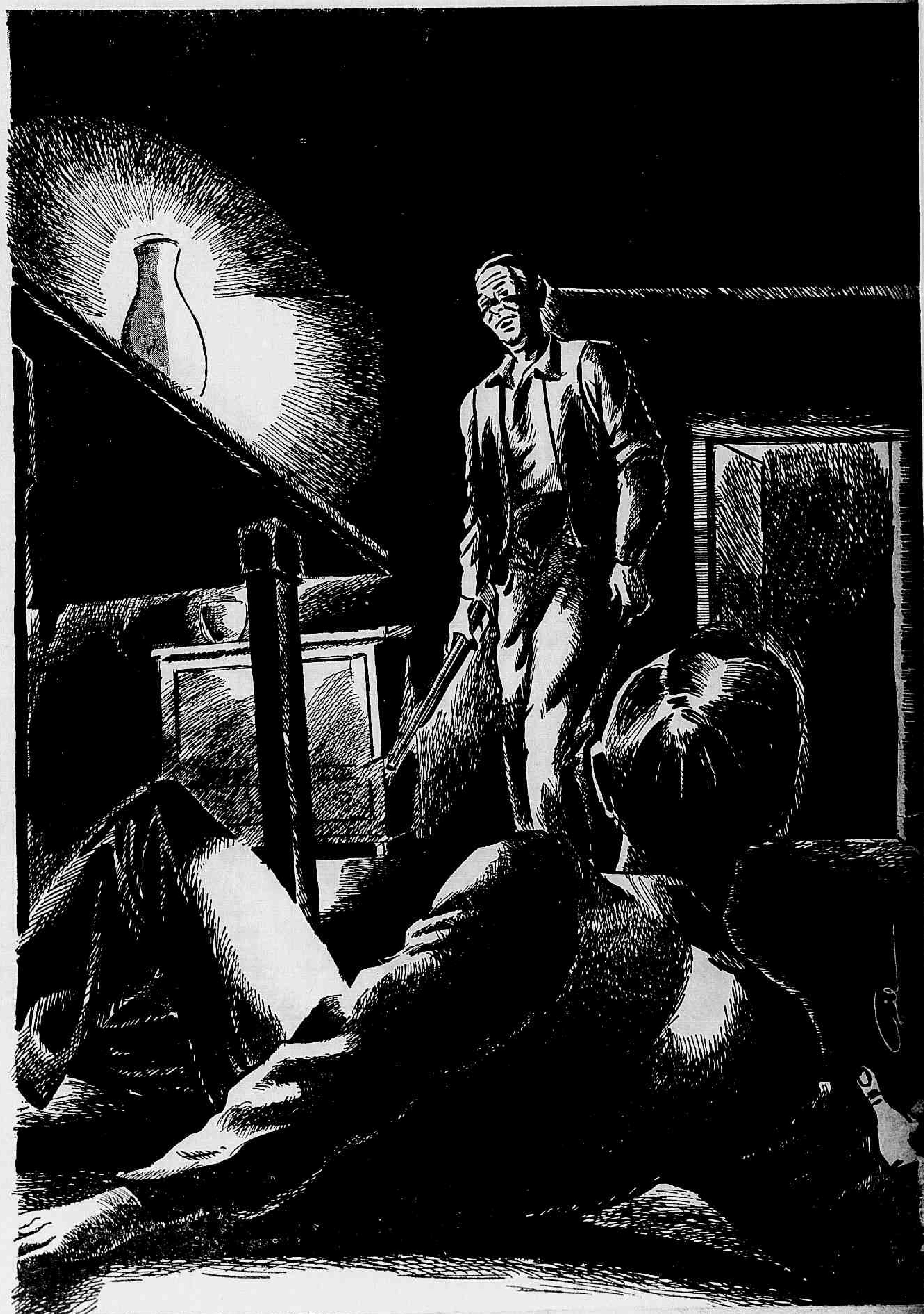
A conversa continuou por algum tempo. Alfredo esforçou-se para comer mais devagar, a fim de prolongar ao máximo sua permanência na companhia da linda mulher. Por fim, terminou. Viu chegar a hora de despedir-se. Lá fora, a escuridão da noite já envolvia tudo. Pensamentos bons e maus surgiram em seu cérebro, atropelando-se, aumentando a confusão de suas idéias.

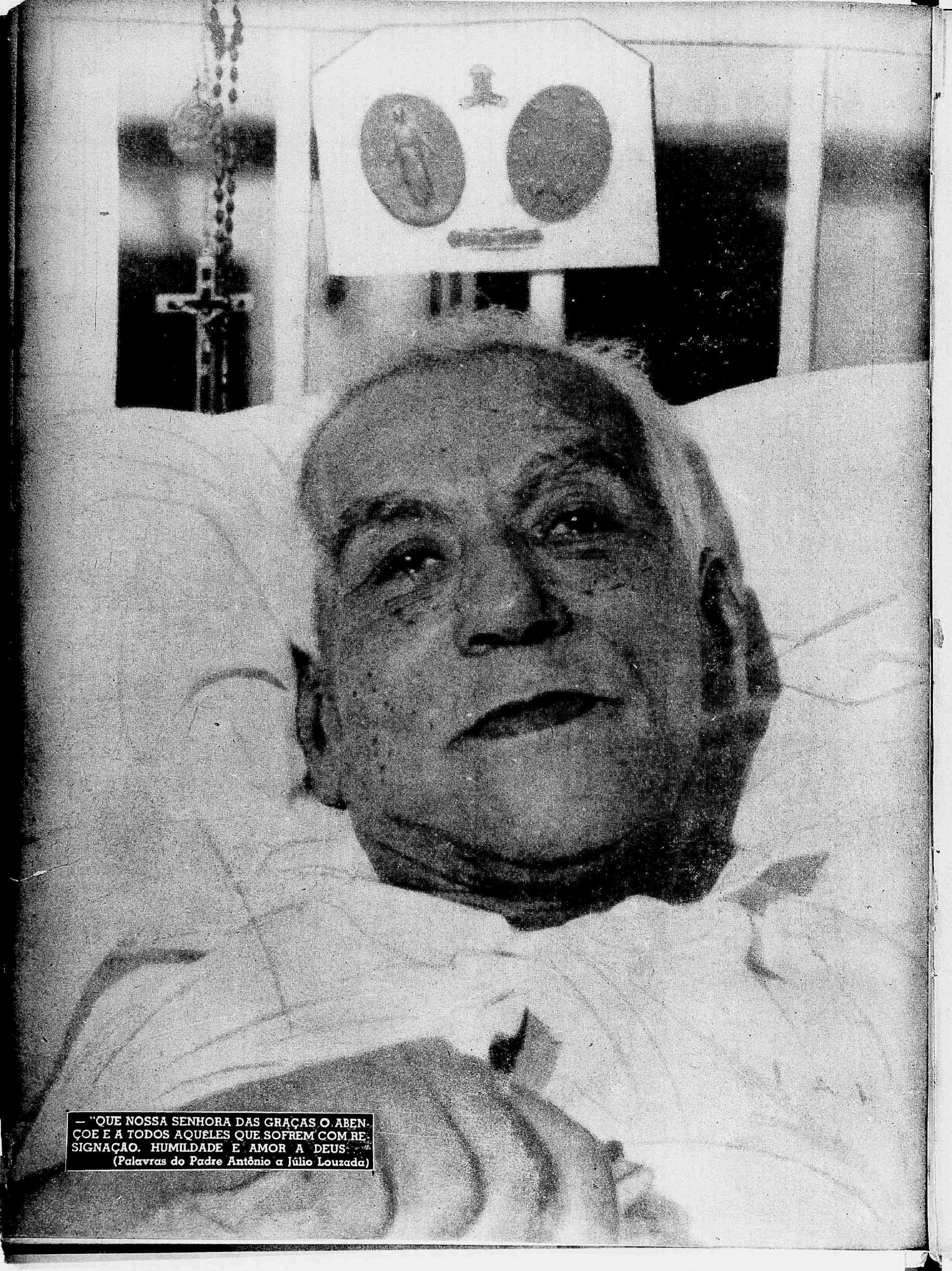
A luz do lampião iluminava frouxamente o quarto. Alfredo olhou com insistência a mulher que o fitava e sentiu uma vontade imensa de beijá-la. Sem pensar em mais nada levantou-se e abraçou-a. Ela murmurou alguma coisa como se fôsse gritar, lutou em seus braços, mas cedeu por fim.

Joaquim saiu então da janela lateral de onde pacientemente estivera observando e entrou calmamente pela porta. Apoiava uma espingarda no braço esquerdo e o dedo da mão direita tremia no gatilho.

(Cont. na pág. 42)

CONTO DE JORGE S. DE SEMENOVITCH ★ ILUSTRAÇÃO DE GIL





— "QUE NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS O ABENÇOE E A TODOS AQUELES QUE SOFREM COM RESIGNAÇÃO, HUMILDADE E AMOR A DEUS."
(Palavras do Padre Antônio a Júlio Louzada)



A CHEGADA do Padre Antônio ao Rio foi coisa inesperada. O virtuoso páreco estava muito doente: submetido a um tratamento especial no Hospital dos Marítimos, depois de 40 dias foi operado pelo cirurgião dr. Condeixa Filho, com absoluto sucesso. Batemos êste flagrante quando Júlio Louzada estava em visita ao vigário de Urucânia, que o recebeu carinhosamente

MILAGRE DE NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS

JÚLIO LOUZADA EM VISITA AO PIEDOSO SACERDOTE ★ INCUMBIDO O LOCUTOR DA AVE-MARIA DE TRANSMITIR SEUS AGRADECIMENTOS AO POVO CARIOCA PELAS DÁDIVAS, PROMESSAS E NOVENAS QUE FÊZ PELO SEU RESTABELECIMENTO ★ "A OPERAÇÃO ERA MELINDROSA: A CURA FOI UM MILAGRE, NÃO DA MEDICINA, MAS DA SANTA" — DIZ O MÉDICO OPERADOR ★ "E PORQUE ÊSTE MUNDO É UM VALE DE LÁGRIMAS, SÃO GRANDES OS SOFRIMENTOS HUMANOS: ASSIM CONTINUAREI DANDO MINHAS BÊNÇÃOS EM URUCÂNIA" — PALAVRAS PROFERIDAS PELO PADRE ANTÔNIO PARA ESTA REVISTA

Reportagem de ABDIAS RODRIGUES   Fotos de WALTER MORGADO

NÃO. O povo não esquece. Ainda estão na memória de todos os milagres de Padre Antônio. O que houve foi apenas um intervalo. O milagroso páraco estava muito doente e era preciso que se tratasse. E assim o fêz. Êle que, com suas bênçãos, curou a tantos enfermos, agora necessitava também de um milagre para aliviar os seus males. E assim aconteceu. No dia 31 de dezembro passado, o piedoso reverendo foi internado no Hospital dos Marítimos, nesta Capital. O seu estado era gravíssimo. [illegible] acometido de uma séria afecção das vias urinárias. Submetido a um tratamento especial pelo cirurgião especialista dr. Condeixa Filho e auxiliado pelos clínicos



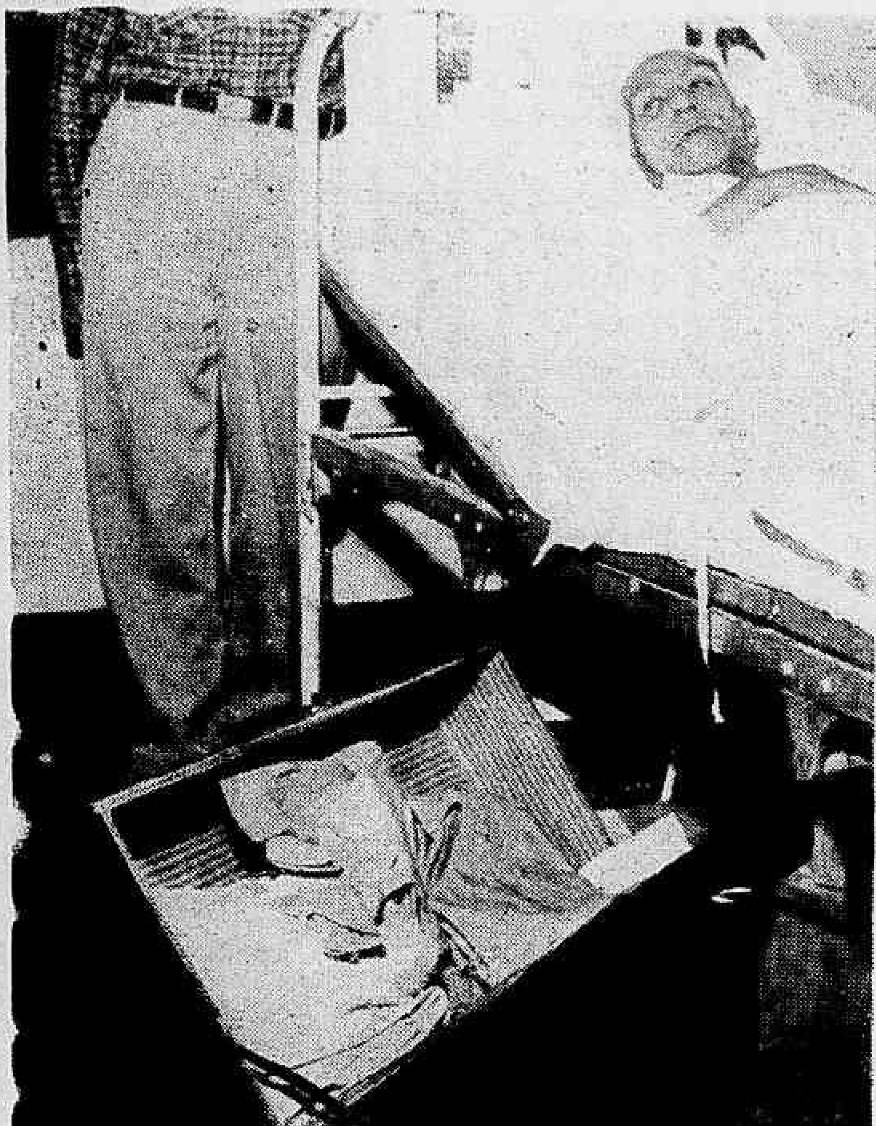
Medalha de Nossa Senhora das Graças, a santa da devoção do Padre Antônio. O original fotografado está bento pelo sacerdote



Do seu leito de enfêrmo, o bondoso reverendo lança a bênção nas medalhas que piedosamente ofereceu ao nosso repórter



— «Nunca fiz milagres — quem os fêz foi a Santa» — diz sempre Padre Antônio, num sorriso de fé, humildade cristã e devoção.



A bagagem de Padre Antônio é um franco atestado da sua humildade: uma pequena mala, 2 camisas, 2 toalhas, eis todo seu patrimônio.



Seu fiél sacristão, Raimundo Henrique da Silva, segurando a batina do sacerdote. Hoje êle é também prefeito de Rio Casca.



Bonita imagem de Nossa Senhora das Graças, que uma devota senhora colocou no quarto nº 70 do hospital onde se encontra o padre.

drs. Octávio Dreux e Meer Gurfinkel, foi, depois de 40 dias, operado pelo dr. Condeixa Filho, que teve como auxiliares os drs. Gilvan Tôrres e Benjamim Lima. O tratamento teve ainda a supervisão dos professôres Moreira da Fonseca, Luis Capliglione e Artidônio Pamplona.

Interrogado sôbre o êxito de seu trabalho, o dr. Condeixa disse:

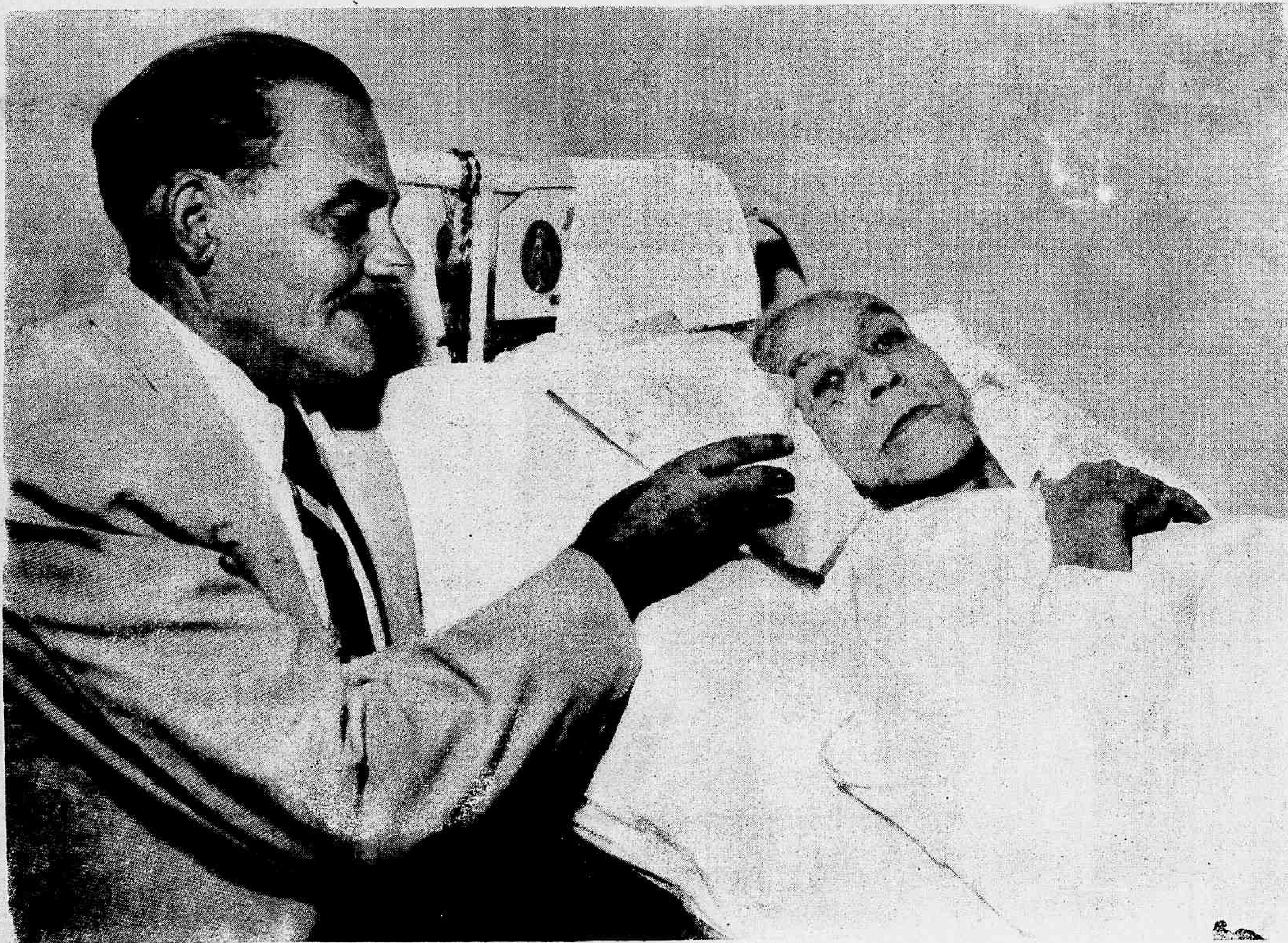
— Não houve êxito nosso. O que houve foi um verdadeiro milagre. O piedoso sacerdote, preocupando-se naturalmente com os males dos seus fiéis, esqueceu da sua saúde. Basta dizer que êle não veio; trouxeram-no. Em outras palavras: veio na maca. Estava, como se costuma dizer, quase morto. Fizemos, inicialmente, um tratamento especial e depois o operamos. E, graças à Virgem milagrosa êle está em franca convalescença. Enfim, o seu restabelecimento foi um milagre; não da medicina, mas da santa de sua devoção.

— O senhor é católico, doutor?

— Sou. E tenho fé em Nossa Senhora das Graças.

— O senhor foi buscar o Padre Antônio em Urucânia?

— Bem. Isso é outra história que peço não relatar.



— «Êle é sacristão da minha igreja há 19 anos» — diz padre referindo-se ao sr. Raimun do. «Veio mocinho para minha companhia, eu o casei, é pai de 11 filhos e é de uma dedicação confortadora». Realmente, o prefeito-sacristão (que derrotou um padre nas eleições de 3 de outubro), mostra-se zeloso dedicado ao seu vigário. Para êle todos os cuidados são poucos.



— "MEU FILHO: FAÇA UMA PRECE E AGRADEÇA POR MIM AO BOM POVO DESTA TERRA..."
(Palavras do Padre Antônio)



Quando o fotógrafo bateu o «flash», o vigário de Urucânia não fêz mais que uma exclamação de encantamento: — «Que beleza de luz!» A reatou a palestra com Júlio Louzada, sempre bem humorado. Seu exemplo de resignação vale ser divulgado e por todos imitado.

A conversa estava nesse pé. Quando íamos pedir ao diretor do Hospital para fazer uma visita a Padre Antônio, eis que chega Júlio Louzada. A presença do criador de "Pausa para Meditação" naquele nosocômio não nos causou surprêsa, pois, como já tivemos ocasião de noticiar, periòdicamente êle costuma fazer visitas a hospitais, asilos e orfanatos. Essa visita, entretanto, era especial. Ali fôra a fim de falar com o Padre Antônio. Apesar de estarem proibidas as visitas àquele sacerdote, a direção do Hospital abriu uma exceção para Júlio Louzada.

★

Sendo como é uma figura popular, ou melhor, um verdadeiro ídolo do público, a presença do criador da "Oração da Ave-Maria", no Hospital, causou reboliço. Assim, quando nos dirigíamos para o quarto número 10, onde estava Padre Antônio, ecoavam pelos corredores do hospital a ressonância dessas duas palavras: — Júlio Louzada... Júlio Louzada...

Todos queriam receber a visita do locutor da Ave-Maria. Muitos foram atendidos. Mas muitos outros não tiveram a mesma sorte, dado ao adiantado da hora. Depois de percorrer dois longos corredores, chegamos ao quarto número 10. O dr. Condeixa Filho entrou primeiro e fêz a apresentação:

— Padre Antônio: êste é o sr. Júlio Louzada...

— Oh! Como é moço... e fala tão devagar...

— E êste é o repórter...

— Hum! O sr. deve ser um Ruy Barbosa... para escrever...

O fotógrafo queimou o primeiro "flash" e o bom vigário exclamou:

— Oh! que beleza!...

★

Assim é Padre Antônio Ribeiro Pinto. Simples, bom, humilde, bem-humorado. Fala com muita doçura na voz e tem muita presença de espírito, revelando ainda uma sólida cultura filosófica. Não quisemos cansá-lo com perguntas, pois ainda lhe estava prescrito absoluto repouso. E' uma figura simpática e impressionante. Possui, como todos os grandes iniciados, um poder oculto e cativante. Fala pouco de si mesmo e quando se refere aos milagres diz sempre que é Nossa Senhora das Graças quem os faz. Aludiu com palavras de louvor ao jornalista Álvaro Gonçalves, seu biógrafo, e enalteceu a fidelidade do seu sacristão, sr. Raymundo Henrique da Silva que o acompanha, juntamente com a espôsa, sra. Teresa Salgado Henrique e um filhinho de nome João Bosco, de 7 anos de idade. O casal possui onze filhos. Os outros dez ficaram em Rio Casca, onde o sr. Raymundo foi eleito Prefeito Municipal nas eleições de 3 de outubro, tendo derrotado um padre, que também foi candidato.

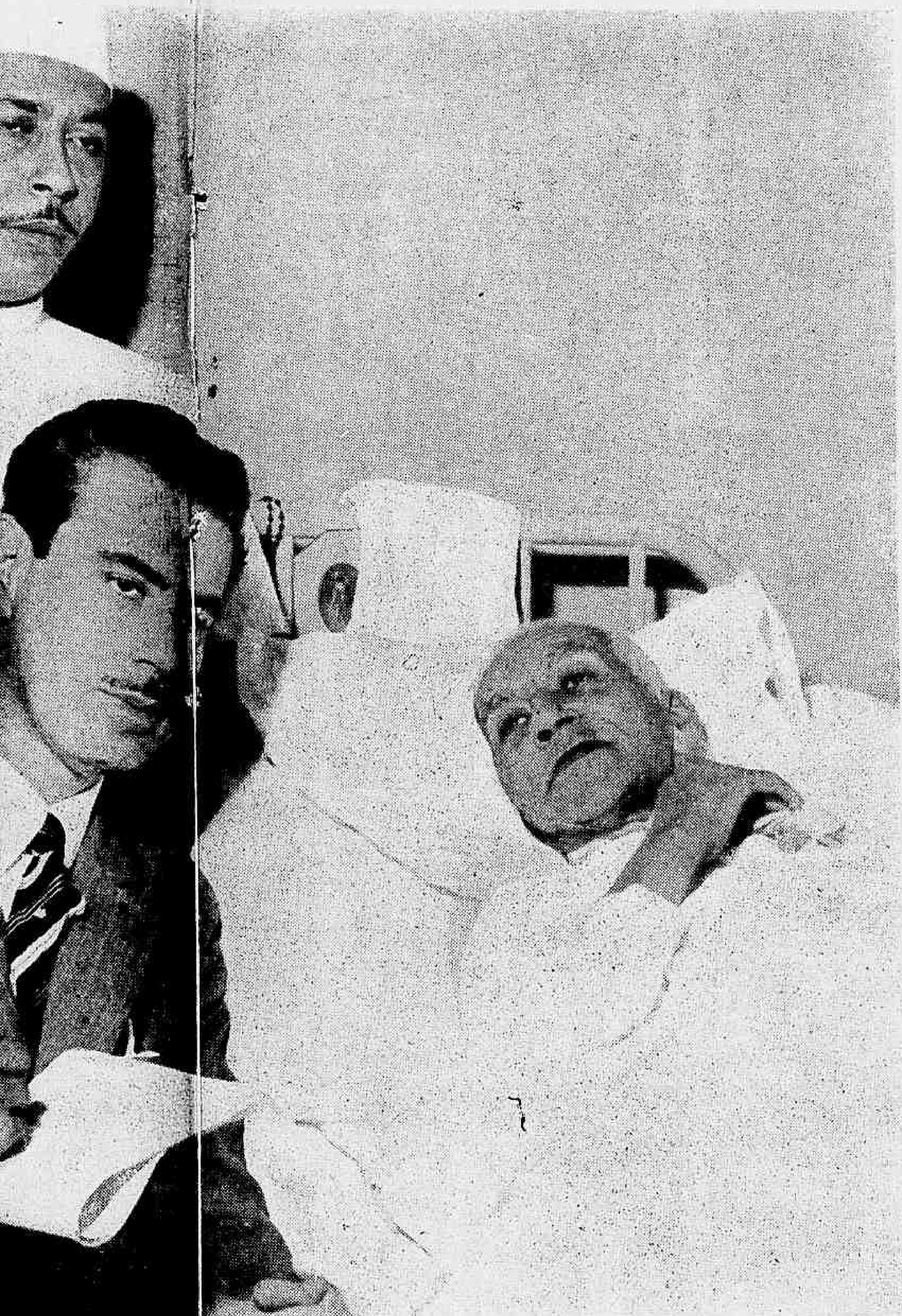
Padre Antônio disse ser ouvinte da "Oração da Ave-Maria" e elogiou a obra religiosa de Júlio Louzada, incentivando-o a prosseguir. Falou, finalmente, da dedicação e carinho com que é tratado no hospital, tendo uma palavra de louvor para cada um em particular. Ofereceu-nos medalhas de Nossa Senhora das Graças, depois de nos lançar a sua bênção.

A sua bagagem é um franco atestado de humildade:



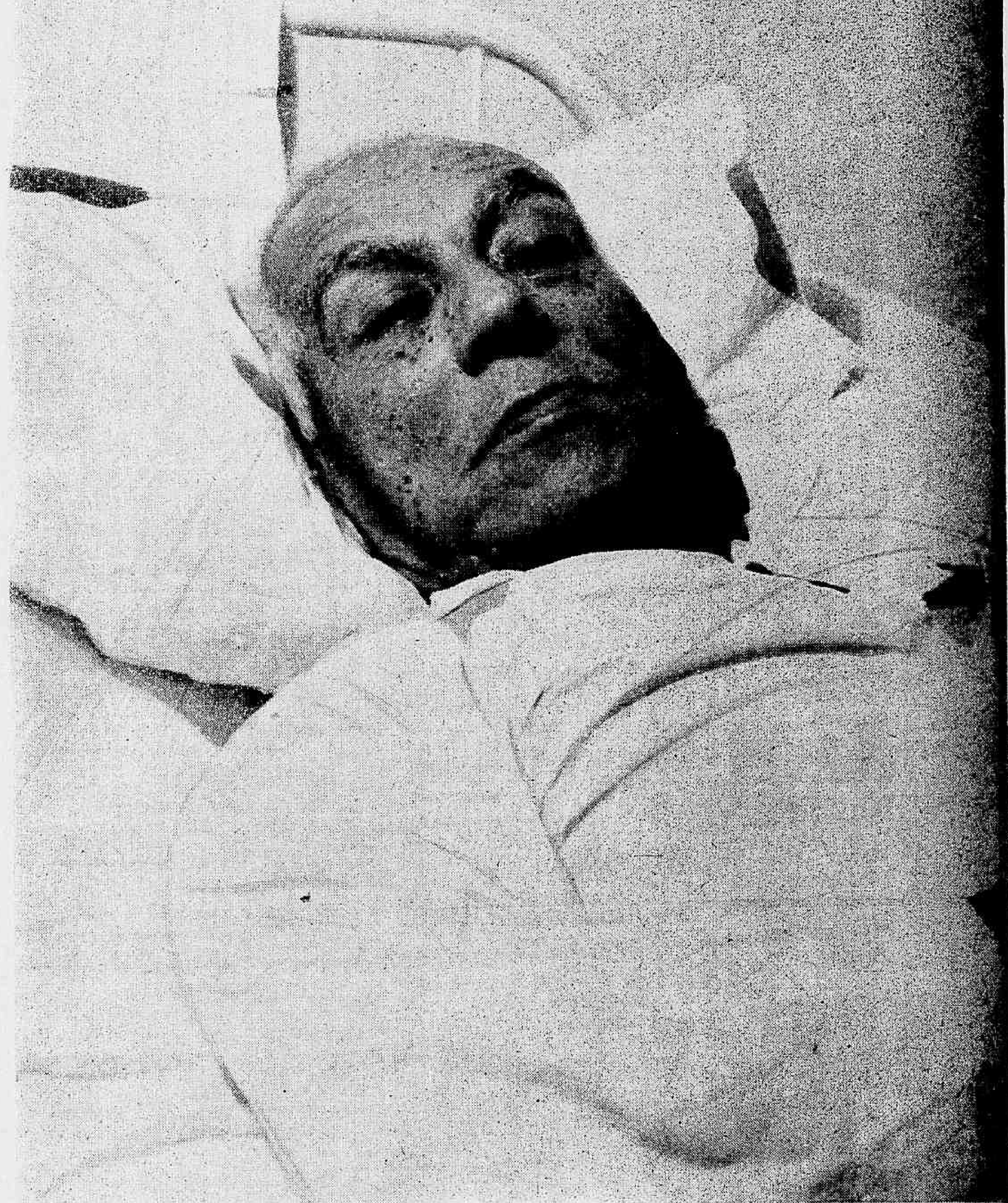
A «REVISTA DA SEMANA» foi a única publicação que focalizou Padre Antônio no seu leit... do santo sacerdote. Em baixo, o criador da «Oração da Ave-Maria» conversa com os drs. O...





que foca..zou Padre Antônio no seu leito do Hospital dos Marítimos. O repórter anota as palavras o da Ave-Maria» conversa com os drs. Otávio Dreux e Condeixa Filho, êste que operou o reverendo.





— «Com a graça de Deus e de Nossa Senhora, espero muito breve estar de volta ao meu canto onde farei minhas preces pela felicidade daqueles que com tanta abnegação curaram os meus males. Levarei no coração a imagem de todos êstes bondosos amigos».

uma pequena mala, 2 camisas, 2 toalhas e algumas peças mais íntimas, eis o patrimônio de Padre Antônio. Todavia, seu quarto estava refrigerado. E' que, felizmente, neste mundo ainda existem muitas almas generosas e que praticam a caridade silenciosamente, como determinou Jesus. O dr. Condeixa falou ao conhecido capitalista dr. José Gonçalves de Sá acêrca do calor reinante e das possíveis conseqüências que isso traria ao melindroso estado de saúde de Padre Antônio. Foi o bastante. No dia seguinte, o quarto número 10 estava refrigerado. O aparelho custou mais de 30 mil cruzeiros e foi oferecido ao piedoso vigário, que, falando da gentileza do seu benfeitor, exclamou:

— Que Nossa Senhora das Graças abençõe o dr. José Gonçalves de Sá. Graças a êle não sinto calor aqui no Rio.

E, virando-se para Júlio, acrescentou: — "Meu filho: faça uma prece e agradeça por mim ao bom povo desta terra..."

*

Outras dádivas têm chegado às suas mãos. Muitas imagens da santa milagrosa foram doadas, outras levadas para serem bentas, ou mesmo para serem tocadas pelas mãos do piedoso vigário.

O Cardeal D. Jayme Câmara visitou-o por intermédio do bispo D. Rosalvo Costa Rêgo, juntamente com Monsenhor Távora e outros reverendos. Também D. Helvécio Gomes, bispo de Mariana, mandou um emissário visitá-lo. D. Carlos Carmelo de Vasconcelos, arcebispo de São Paulo, mandou o padre José Conceição Meireles fazer-lhe visitas. O mesmo fêz o bispo de Caxias. O senador Melo Viana e o Ministro João Neves da Fontoura visitaram Padre Antônio, tendo a sra. de S. Excia. colocado no seu quarto uma imagem de Nossa Senhora das Graças.

Só o povo não pôde visitar Padre Antônio. Contudo, mostrou-se sempre interessado pela sua saúde e fêz novenas e promessas pedindo à santa milagrosa o seu restabelecimento. Se tivesse sido possível, sem dúvida, iria ter com êles os dois e meio milhões de habitantes do Rio de Janeiro. O povo não esquece. Breve as estradas que dão a Urucânia ficarão sulcadas novamente. A romaria recomeçará porque a fé é eterna. Padre Antônio voltará a dar as suas bênçãos milagrosas, que tantas dores aliviaram. E haverá mais lágrimas de alegria, novamente. Haverá novas emoções; novas esperanças. E por que êste mundo é um vale de lágrimas, grandes são os sofrimentos humanos. Aqui um paralítico que ficará são; ali um cego que voltará a enxergar; acolá um louco que passará a ter juízo. Terá começo uma nova redenção de horrores.

RELEMBRANDO OS MILAGRES

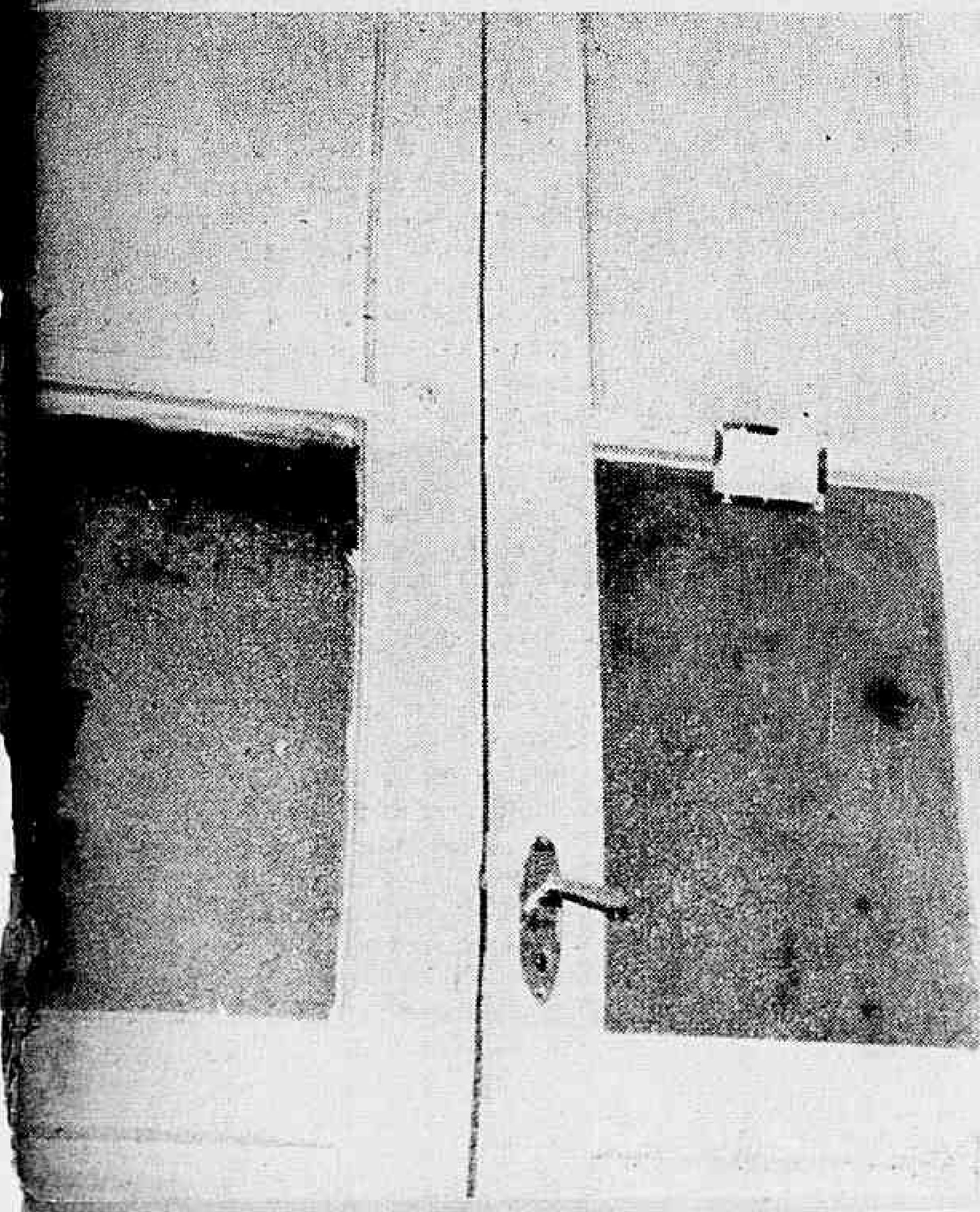
"O poder da fé é algo de estranho, é algo difícil ao repórter descrever, tal a emoção que o domina, constatando os milagres que se operam diàriamente aqui em Urucânia" — escreveu naqueles tempos um jornalista. Já no transcurso da bênção o repórter corre os olhares e vê, consternado: dementes conduzidos por mãos caridosas, aleijados que se arrastam pelo chão, mostrando a todos seus males físicos; pais que erguem seus filhos disformes sôbre os ombros, cegos que são guiados, enfim, todos os males físicos que afligem centenas de milhares de entes humanos. Os casos que verificamos diàriamente estão muito além



Entrada principal do Hospital dos Marítimos. Ao centro, fachada do prédio, vendo-se indicado pela sêta o quarto nº 10, já disputado por muitos enfermos. Em baixo, a



porta que dá acesso ao leito de Padre Antônio e que não pode ser aberta sem ordem especial.





A presença de Júlio Louzada pôs em rebuliço o hospital. Todos queriam saudar o locutor de «Pausa para meditação» e muitos foram por êle atendidos. Fez-se êste flagrante no corredor, vendo em primeiro plano o enfermeiro do padre, Vicente, muito dedicado.

do que podemos escrever. A emoção que nos surpreende, impossibilita-nos de colhêr preciosos instantâneos que serviriam como documentários incontestáveis, tal o tremor que abala o nosso ser. Hoje, segunda-feira, um cego se colocara bem próximo à janela do dr. José Miranda Chaves, residência do Padre Antônio. Chama-se Monésio dos Reis, com 27 anos de idade e 25 de cegueira, residente em Teófilo Otôni, Minas Gerais. Monésio dos Reis, logo após ter recebido a bênção, ergueu-se e, de olhos abertos, soluçava violentamente. O repórter se aproxima e pergunta:

— Está se sentindo mal?

— Nossa Senhora das Graças, meu Deus, estou vendo! — exclamou Monésio.

E mais um milagre se verificava. Mais um exemplo ao mundo descrente na fé de Cristo, estava provado ante milhares de pessoas de ambos os sexos. Será, meu Deus, que ainda existe no mundo algum descrente na fé de Cristo? Não. Não é possivel."

....

"Agora é a menina Isabel, filha da viúva Maria Madalena de Jesus, residente na rua do Gavetão, 12, em Ponte Nova. Essa menina, que tem 7 anos de idade, perdeu ambas as vistas, apresentando mesmo na direita uma deformidade. Assim que o Padre Antônio terminou a bênção, disse: — "Mamãe, que é aquilo?"

A mãe, em prantos, por ver a filha enxergar, saiu para a rua como uma desatinada."

....

"Outro fato emocionante, ocorrido nessa segunda-feira nublada, foi verificado com o sr. Acácio Soares de Mendonça, residente na Estrada Velha da Pavuna, 1.331, em Inhaúma, com 28 anos de idade e filho do sr. Jacinto Soares de Mendonça, operário. Desde março de 1931, quando fôra vitima de forte congestão, encontrava-se paralitico, não podendo andar. Acácio chegou hoje mesmo e rumou *incontinenti* para a rua Sete de Setembro, residência do Padre Antônio. Ali chegara já no fim da bênção e, contudo, seu pai lhe dissera:

— "Reza, meu filho, reza com fervor, nunca é tarde..."

Uma senhora a seu lado, piedosa, principiou a rezar acompanhando o enfêrmo, depois de lhe ter oferecido uma medalha com a imagem de Nossa Senhora das Graças, a qual Acácio agarrara e comprimira junto ao peito.

Quando todos principiaram a se locomover de volta aos lugares em que se encontram hospedados, Acácio, trêmulo, derramando copiosas lágrimas, caminhou em direção ao seu velho genitor, que se achava um pouco afastado e, emocionado, abraçou-o. Tôda a multidão chorava e erguia louvores a Nossa Senhora das Graças."

....

"E' com a mais indescritivel emoção que registramos mais êsse surpreendente milagre da fé. A sra. Elza da Conceição, de 21 anos de idade, casada com o sr. Geovano da Conceição, residentes no Rio, era muda desde os três anos de idade, em virtude de uma queda que sofreu. Conseguiu, mais tarde, aprender a escrever e a ler e cursou mesmo uma escola especializada para o seu mal. O fato que se passou com a sra. Elza nós o testemunhamos, pois estávamos bem debaixo da janela do Padre Antônio, local escolhido pela enfêrma. Em certo momento, notamos que



Médicos e enfermeiros do hospital. Na 1ª fila aparecem, da esquerda para a direita, os drs. Meer Gurfinkel, Soares Brandão (novo diretor da casa), Condeixa Filho (cirurgião-operador) e Otávio Dreux, assistente do diretor. Em baixo, Júlio Louzada, sr. Raimundo com a espôsa e filho, e duas amigas do casal. Todos acompanharam com dedicação a convalença do padre.

o virtuoso sacerdote dirigiu-se à senhora e perguntou-lhe o nome. Ela deu a entender que era muda. Padre Antônio, então sorrindo, disse-lhe:

— Muda, não senhora. A senhora fala e muito.

Pois bem, leitores, a sra. Elza imediatamente atirou-se sôbre o Padre Santo, agarrou-lhe uma das mãos e profundamente emocionada, entre lágrimas, proferiu o nome do virtuoso sacerdote."

....

"Onésia Gonçalves de Almeida, cega de nascença, com 14 anos, residente na rua Alfredo Baralos, 721, em Olaria, Rio, logo após haver recebido a primeira bênção, começou a enxergar. Quando era conduzida por pessoas amigas que a trouxeram, Onésia disse: "Deixa que eu vou sòzinha". E saiu, efetivamente, por entre a multidão."

E assim foram milhares de curas. Não são simples relatos nem impressões dos jornalistas. E' a própria voz dos beneficiados. Está visto que tôda a emoção nunca poderia ser impressa, porque aquêle sentimento todo, aquêle pranto que molhou as terras de Urucânia, num misto de alegria e ardência religiosa, paira acima de qualquer descrição."

★

Deixamos o Padre Antônio, ainda em seu leito de enfêrmo, com o ânimo revigorado e inteiramente fora de perigo. Quando esta reportagem fôr publicada, êle estará restabelecido — e o milagre consumado.

— Nossa Senhora das Graças foi piedosa — disse-nos — e quero voltar ao meu canto para continuar as minhas orações, que farei também pelos que tão piedosamente me trataram aqui no Rio — e pelo povo tão bondoso, cheio de fé e de virtudes...



ESPREME A GLÂNDULA

tireóide

Nicodemus

COMO FALAVA AQUELA MULHER:
FALAVA PELA BOCA
MULHER LOUCA
E PASSANDO A VOZ PELO PESCOÇO
NUMA TORRENTE INTERMITENTE
JORRAVA PRA CIMA DE MOI
UMA MULTIDÃO DE PALAVRAS
QUE ME AFOGAVAM
EM ONDAS E MAIS ONDAS,
JÁ ANDAVA FARTO
DE SOPAS DE ALFABETO
QUE ME LEMBRAVAM
O DESPERDICIO
VOCAL DAQUELA
MULHER...



UM
DIA
NÃO
AGUEN-
TEI
MAIS
ENFOR-
QUEI
O
PESCOÇO
DELA
NUM
GALHO
DE
MANGUEIRA
GUARDANDO O RESTO COMIGO...



E AQUILO SE GRAVOU
EM MINHA MENTE
CARIMBOU-SE A FERRO
EM BRASA
COM TINTA
DE MARCAR CAMISA
EM LAVANDERIA;
JÁ VIREI
MINHA MENTE DO AVESSO
MAS
NÃO HÁ
LIMPA MANCHAS
QUE
REMOVA AQUILO...

ARREPENDI-ME
POR TER
ENFORCADO
AQUELE PESCOÇÃO
E TANTO
MAS,
MESMO ASSIM,
QUANDO
OLHO AS
MULHERES,
NÃO DEIXO
DE REPARAR
PRIMEIRO
EM COISAS
OUTRAS,
DEPOIS
AS VEJO
TODAS

SÓ
PESCOÇO...

TEATRO

GAR



ANITA D'RA
a 30 libras s

EXISTEM
Windmill
mesmo d
após os pri



O CORPO d
sam, cantam

TEATRO EM LONDRES

GAROTAS DO "WINDMILL"

(Texto de DERIC PEARSON)



ANITA D'RAY, garota clase A do Windmill, com direito a 30 libras semanais. Apresenta-se seis vêzes por dia no mesmo «show».

EXISTEM quarenta e dois teatros em Londres Mas o Windmill foi o único que sempre se manteve aberto, mesmo durante a guerra de 1939 a 1945 Na verdade, após os primeiros meses dêsse conflito, várias casas de espetáculos abriram suas portas, em Londres, mas durante as primeiras semanas de perturbação, sòmente o Windmill funcionou com regularidade. Seus artistas continuaram dando seis funções por dia e foram responsáveis pelo «slogan» famoso: «Nós nunca fechamos». O referido teatro foi fundado pela sra. Henderson que faleceu em 1944 e sua idéia era que artistas desconhecidos deviam ser apresentados num teatro londrino onde poderiam ser vistos pelos grandes produtores de «shows». Dêsse modo muitos atores e atrizes foram descobertos e se tornaram «astros» graças a essa excelente iniciativa. O programa consiste sempre de variedades do tipo das do antigo «music hall»: dansas, cantos, bailados, quadros-vivos, ventriloquia e comédia.

As garôtas pertencem a dois grupos, A e B. Trabalham ininterruptamente das 12,15 da tarde às 10,45 da noite. Cada grupo representa em dias alternados a fim de permitir que cada pequena tenha pelo menos três dias de trabalho por semana. Cada seis semanas é apresentado novo «show». O ordenado inicial nunca é inferior a 10 libras por semana, mas êsse salário pode subir até trinta libras. Várias «estrêlas» e «astros» do teatro, rádio e cinema iniciaram carreira no Windmill. Talvez algumas das figuras mais conhecidas sejam Jean Kent, Anita D'Ray, Chamian Innes, Valerie Tandy, Eric Barker, Richard Murdoch e Jimmy Edwards.

Se o leitor projeta uma viagem a Londres, certamente não deixará de frequentar essa tradicional casa de espetáculos da capital inglêsa. Ali encontrará muito com que se divertir, aplaudindo os «brotos» do teatro, que amanhã podem ser famosos, cedendo então a vez a outros que se irão revezando sem quebra de continuidade. O Windmill tem sido um celeiro, uma forja de artistas que dali saem com o nome bem trabalhado, depois de revelarem suas aptidões para qualquer modalidade artística. E os descobridores de talentos costumam frequentar o Windmill, com seu olho clinico e seu cartão de visita, observando a gente nova que vai aparecendo para substituir os «medalhões» e convidando os legitimos valores a comparecer aos seus escritórios onde um contrato mais compensador é então redigido.



SÃO ASSIM os números apresentados no Windmill, onde o público se diverte por pouco dinheiro. Ainda existem tipos de vaudeville à maneira do princípio do século, simultâneamente com os dansarinos acrobáticos mais modernos. Ilustres figuras do rádio e do teatro, desfrutando agora de grande popularidade e fazendo jus a salários vultuosos, iniciaram suas carreiras no palco dêsse pitoresco e muito frequentado teatrinho da capital britânica.





O CORPO de «girls» do popular teatro londrino é constituido por admiráveis tipos do antigo «music hall»: elas dansam, cantam, formam quadros-vivos, são ventriloquas e interpretam divertidos «sketchs». Têm muitos admiradores mas não ligam a nenhum convite.





O governador Jones dos Santos Neves lê o compromisso constitucional perante a Assembléia Legislativa do Estado do Espírito Santo, como ato inicial de sua posse no govêrno capixaba.

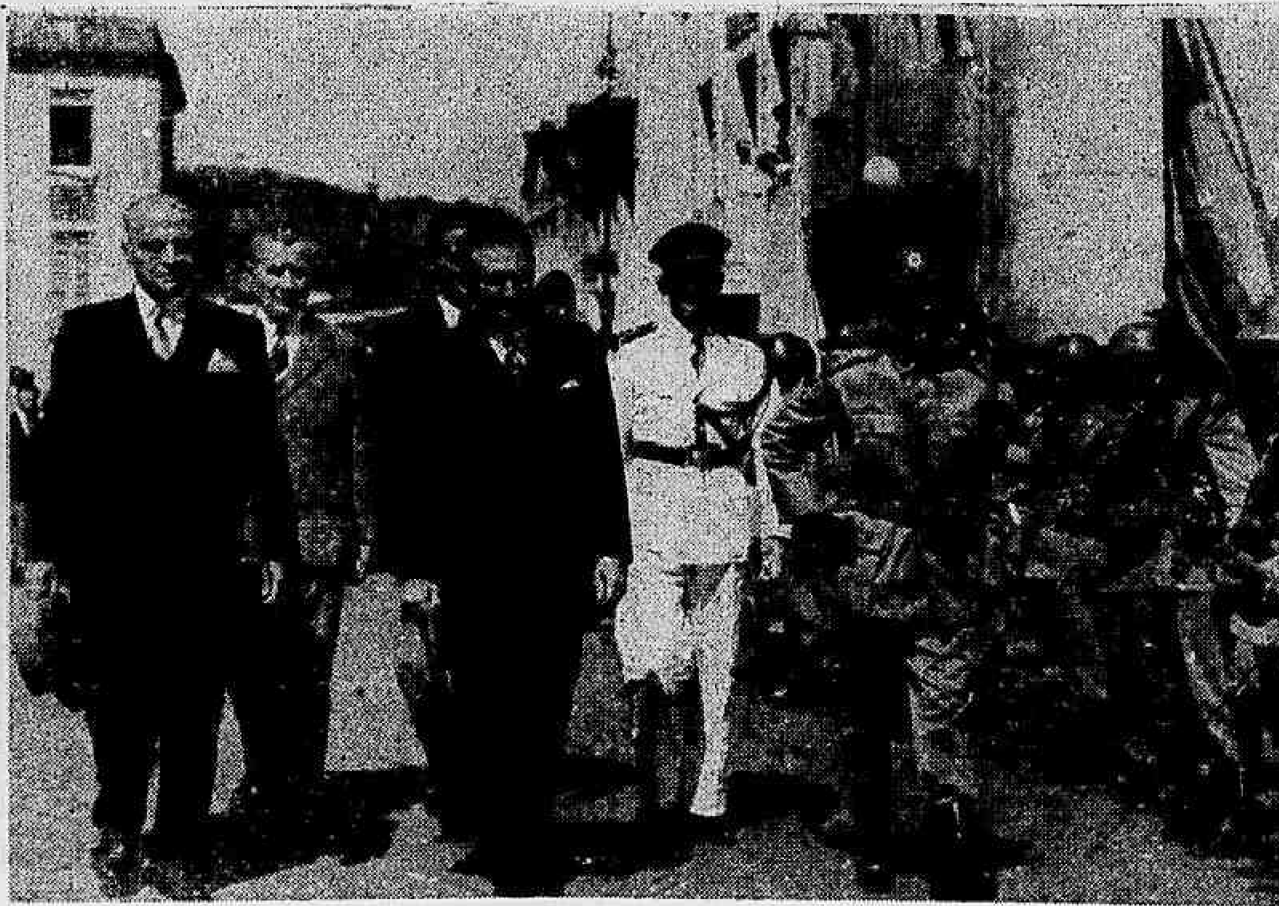
A POSSE DO NOVO GOVERNO CAPIXABA

A TRIUNFAL CHEGADA A VITÓRIA DO GOVERNADOR JONES SANTOS NEVES ★ CONSAGRAÇÃO POPULAR ★ A FESTIVA SOLENIDADE DA POSSE ★ INICIA-SE, SOB OS MELHORES AUSPÍCIOS, NOVO PERÍODO ADMNISTRATIVO NO ESPÍRITO SANTO

No dia 31 de janeiro último tomou posse solenemente do cargo de governador do Estado do Espírito Santo o dr. Jones dos Santos Neves, eleito por significativa maioria pelo povo capixaba. Tendo já ocupado o govêrno espírito-santense na qualidade de interventor federal, deixou o novo chefe do executivo capixaba um bom lastro de realizações que o recomendaram ao eleitorado de sua terra no pleito de 3 de outubro, do qual saiu vitorioso por larga margem. Inicia-se assim, sob os melhores auspícios, nova fase administrativa no Espírito Santo, cuja população muito espera do espírito empreendedor e da capacidade de trabalho do seu novo governador.



A sua chegada a Vitória, no dia 30 de janeiro, para assumir o govêrno, o sr. Jones dos Santos Neves foi alvo de grande manifestação popular. Na gravura vê-se s. s. carregado aos ombros do povo.



O governador Santos Neves dirige-se à Assembléia Legislativa, a fim de prestar o compromisso de praxe. Acompanha-o o vice-governador, cel. Francisco Alves de Athayde e outras autoridades.



Vista parcial da grande assistência ao comício popular improvisado no dia da chegada a Vitória do governador Santos Neves, quando lhe foi prestada grande manifestação de aprêço

Chegando a Vitória a 30 de janeiro, para empossar-se no dia seguinte, foi o sr. Jones dos Santos Neves recebido entusiàsticamente pelo povo, que lhe proporcionou uma grande manifestação de simpatia e aprêço, que sòmente são tributadas aos homens públicos de real merecimento. A recepção, que teve inicio no aeroporto local, terminou com um grande comício popular em frente ao Palácio Anchieta, ouvindo-se ai a palavra de numerosos oradores e do governador Santos Neves. Foi essa uma das maiores homenagens já prestadas a um politico espirito-santense.

Um dia depois, empossou-se solenemente, perante a Assembléia Legislativa, o governador Jones dos Santos Neves. Vitória ostentava fisionomia festiva e em todos os semblantes notava-se a alegria que os grandes acontecimentos inspiram. Acompanhado do vice-governador, cel. Francisco Alves de Athayde, o governador Jones dos Santos Neves dirigiu-se à sede do Poder Legislativo, onde prestou o compromisso constitucional, sendo aplaudidissimo pelo recinto e galerias repletas. Logo após, no Palácio Anchieta, dava-se a transmissão do cargo, falando nessa ocasião o ex-governador, dr. José Rodrigues Sette, e o governador Santos Neves, que leu o seu discurso plataforma, no qual enumerou o seu programa de govêrno à frente dos destinos do Espirito Santo.

Terminada essa cerimônia, o novo governador passou a assinar os primeiros atos de nomeação do secretariado, tendo a seguir recebido o cumprimento das altas autoridades, corpo consular e de elementos de tôdas as classes populares. Estava, assim, começada uma nova etapa administrativa no pequeno Estado litorâneo, entre as melhores e as mais justificadas esperanças do seu povo ordeiro e trabalhador.



O novo governante espiritosantense discursa no ato de transmissão do cargo no Palácio Anchieta, quando discorreu sôbre o seu programa de govêrno. À sua esquerda está o ex-governador Rodrigues Sette.



O governador Jones dos Santos Neves assina, após a transmissão do cargo, os seus primeiros atos administrativos de nomeação do secretariado. Assistem-no o vice-governador e o ex-chefe do govêrno.

ALMANAQUE EU SEI TUDO

PARA 1951

Contendo entre mil e uma atrações:

A HISTÓRIA COMPLETA DO "TEMPO E A CIÊNCIA DA SUA MEDIDA". — PREVISÕES SÔBRE O FUTURO DO NOSSO PLANÊTA.

ANO:

Aeronáutico — Científico — Artístico — Esportivo — Católico — Protestante — Israelita — Muçulmano. CALENDÁRIOS — Católico — Protestante — Muçulmano — Israelita — Perpétuo das festas móveis.

E mais: — 1 comédia — 1 romance completo — Os mortos do ano — Os campeões do ano — Contos — Charadas — Adivinhações — Provérbios — Lendas — Histórias infantís e deslumbrantes páginas coloridas.

★

E, ATENÇÃO! — Além da organização católica no Brasil, o histórico completo e a organização atual das Igrejas Evangélicas na nossa terra, inclusive "Lições Dominicais" e "Evangelhos".

★

À VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAIS DO BRASIL

P R E Ç O : — Cr$ 20,00

★

ATENDE-SE PELO REEMBÔLSO POSTAL OU MEDIANTE VALE DO CORREIO.

COMPANHIA EDITORA AMERICANA

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO.

O INFERNO

(Cont. do número anterior)

— A mesma coisa! — diz o velho com um sorriso sem dentes. — Bêbado! E, desde que aqui cheguei, o diabo me conserva embriagado, tonto... as vistas baralham, eu cambaleio... e hei de cambalear, bêbado, eternamente, como castigo! Conseqüência de uma vida desperdiçada e arruinada. Até... até quando o diabo quiser! — ao dizer isso suspira e conclui encolhendo os ombros — E o diabo é que o diabo quer!

— E êle não perdoa nada? — Ruth pergunta ansiosa.

— Diabo perdoar?! — o velho não se contém e ri alto. Mas é uma risada sem alegria, forçada. — Perdão só se obtém enquanto a gente está na terra — diz o bêbado — e quem perdoa é só Deus — suspirando e falando com profunda tristeza, o homem alquebrado prossegue: — E eu podia ter-me salvo em tempo. "Êste rosto fanado foi outrora belo, sadio... êste corpo mal equilibrado era direito, fui um homem do mundo. Eu tive casa, amigos, posição social. Eu tinha uma mulher tão bela com o sonho de um artista; mas deixei cair esta pérola sem preço no fundo de um copo e, como Cleopatra, vi-a dissolver-se... Esvaziei o copo. Eu tinha filhos encantadores, puros como as flores da primavera e vi-os estiolar-se e morrer pela maldição da minha bebedice.

Eu tive um lar onde o amor tinha acendido sua chama; mas apaguei êsse fogo sagrado... Tive aspirações elevadas como as estrêlas; mas esmaguei-as e arrastei-as na lama... e terminei meus dias como um espôso sem espôsa, um pai sem filhos, um vagabundo sem lar, um homem em que tudo já estava morto antes de morrer. Tudo foi tragado pela bebida. Agora, estamos no inferno e tudo que se bebe aqui queima como ferro em brasa, você vai ver!

Ruth tem mêdo e implora: — Meu Deus! A vela que o ancião seguira apaga-se, o bêbado desaparece no meio da bruma e em seu lugar um sujeito mal encarado, iluminado pelos seus próprios olhos acesos como duas lanternas oculiformes, diz com um sorriso arreganhado: — Não fale êsse nome aqui, viu?

— Quem é o senhor? — pergunta Ruth depressa, amedrontada.

— Oficial de Gabinete do diabo, às suas ordens.

— Que quer de mim?

— Conversar... O diabo mandou-me fazer um relatório sôbre o seu estado de alma, e a senhora vai me dizer o que sente, por dentro.

— Calor! Falta de ar! Estou suando frio...

— Isso é do corpo — interrompe o auxiliar de Satanaz — diga-me o que lhe vai pela alma! Seu pensamento, suas emoções, suas paixões, desejos e fraquezas...

Ruth está exausta. De olhos vermelhos e lacrimosos, cabelos embaralhados, trêmula, esconde o rosto entre as mãos num suspiro sentido, deixa cair os braços e se esforça para obedecer. E consegue revelar o que sente:

— Mistura de prêto com branco... uma vontade de dormir. Dormir, dormir duma vez.

— Fechando os olhos você vê alguma coisa?

— Rostos de crianças, bons de se ver. Ficar olhando... olhando...

Sùbitamente, um grito de dor, que logo é interrompido e abafado, assusta Ruth.

— Não é nada — adianta-se o anjo mau. — Foi uma aplicação de elétro-choque na língua de um ex-deputado egoista, que ainda só diz coisas inúteis. Mas, continue.

Ruth entontecida aperta os olhos, fazendo rolar duas lágrimas, abre-os de novo, toma fôlego e balbucia:

— ... ficar olhando... Olhando o quê? Gargalhada de menina, gracejo infantil nos olhos lindos de uma pequenina... flor!

— Que mais?

— Tristeza! Tristeza bem no fundo. Emoções que perturbam... sentimentos que machucam, apertam até espremerem lágrimas.

Chora então, chora — sugere o assistente de capeta.

— Consôlo... E' preciso inventar... imaginar... recordar, vale a pena? Recordar o quê? Tudo é... é...

— Melhorou a cabeça?

— A cabeça nem dói, nem dói nada. Uma oração, quem sabe?! Quem sabe... Ninguém sabe nada.

Outra vez alguém grita e se aproxima chorando, até chegar-se bem perto. E' um homem de idade, mirrado, calvo e desdentado, coxo, de mãos juntas cal de joelhos e implora: — Eu não posso... não posso! Não posso não!

— Não pode o quê? — pergunta o oficial.

— Êles querem me obrigar a comer, mas eu não posso comer — choraminga o condenado, abrindo a bôca e mostrando a língua. — Olha! Aaahh, estou com a bôca tôda inflamada!

— Qual o pavilhão em que o senhor está?

— No Pavilhão Inferno da Gula.

— Da gula? Ah, meu velho, então... Só comendo! Vá, vá logo. Hoje tem carne de urubu com picadinho de morcêgo e coruja... E não demore, vá!

O miserável afasta-se ziguezagueando, lastimando-se convulsivamente: — Mas eu não posso comer!

— Continue você — ordena a autoridade a Ruth.

Ruth boceja e prossegue:

— Sono... desejo... Sono... Estão machucando os sentimentos, estão apertando outra vez.

— Deixa, dorme — atalha êle — dorme.

— Mistura de prêto com branco. Uma vontade de dormir. Dormir de uma vez.

Com um sorriso de escárneo o oficial-de-defunto resmunga: — Coitadinha... que agonia, não?

Ruth, atordoada, sonolenta, percebe as coisas com dificuldade. O informador de Satanaz prossegue com a entrevista: — Está com sono ainda? — e antes de Ruth responder, já munido de uma seringa, ordena: — Vamos acabar com isso, arregace a manga da blusa!

— Prá quê? Vai me dar injeção?

— Vamos lá! Essa injeção logo faz efeito!

Ruth não tenta evitar a aplicação. Sente a picada — Ui! — e fica numa espectação ansiosa.

Lentamente, ela percebe uma reação obscurante e quase violenta. Respira com dificuldade, sua de ensopar a roupa, perde o domínio dos seus movimentos.

— Está melhor? — ela ouve, lá de longe. — Está passando?

Ruth já pode ouvir um pouco e coordenar com dificuldade os pensamentos, e pergunta a si mesma: — O oficial do diabo falando com delicadeza? Perguntando se estou melhor?

A mesma voz, ora de longe, ora de perto, insiste: — Está melhor? Melhorando?

Ruth vai devagar recuperando os sentidos. Abre os olhos, mas ainda não enxerga. Aperta-os e arregala-os em seguida. Solta um gemido fraco, respira fundo e passeia com os olhos morteiros e curiosos o ambiente. Percebe que está na cama de seu quarto, em sua casa. Suspira satisfeita. Vê um homem simpático sentado ao seu lado, que lhe pergunta: — Melhorou?

Ela sorri mansamente e diz devagar: — Um pouco... Quem é o senhor?

— Nosso médico — responde o marido dos pés da cama — não se lembra?

— José! — exclama Ruth ao vê-lo. — Ah, é... eu estou em casa...

Sorrindo, o clínico intervém: — Então, pregou um susto no "seu" José, hein?

— Eu? Por quê?

— Perde os sentidos de repente, fica em estado de coma, dorme uma porção de tempo — isso se faz?

— Mas o doutor chegou em tempo — atalha o marido — aplicou-lhe uma injeção e graças a Deus você está melhor.

— Ah! — Rute interrompe sorrindo. — Eu me lembro. Foi o senhor que me aplicou a injeção?

— Foi, mas a senhora não viu. Estava dormindo.

(Cont. na pág. 42)

A beleza dos móveis consiste apenas em saber tratá-los com Óleo de Peroba.

BRANCA E HELENA

(Cont. do número anterior)

— Vingança não é bom plano.

— Responda à minha pergunta: porque fixaram residência no Alto da Serra?

— Foi infeliz no casamento. Separou-se do marido.

— Como assim? Por que você nunca me disse isto?

— Para não o aborrecer. O marido dela está numa casa de saúde. Recolheu-se ao Alto da Serra para ocultar o filho defeituoso. E' muito infeliz, compreende?

— Defeituoso?!

— Um monstro. Tenho pena de revelar isto. Verdade.

— E'?! Um monstro? — perguntou, acendendo outro cigarro e calando-se.

Rodrigo explicava, explicava. Minúcias sôbre a mulher, tratando-a sempre respeitosamente por dona Branca, dona Branca. E aparecia no espírito dêle: os cabelos negros. A pele clara. O olhar triste de Branca.

★

Escurecia quando atingiram o alto da Serra. Rodrigo apontava lá no fim da estrada o palacete branco, iluminado, de Branca. Depois de uma curva, súbito, parou.

— E' aqui a nossa casa. Vá entrando enquanto ponho água no radiador — desceu.

— Meu amigo, que vista empolgante! Que ninho de amor a sua casa! Como é bela a modéstia, Rodrigo!

— Por quê?

— Você progrediu, muito! Que paraíso a sua casa!

— Vá entrando! — ordenou, sorrindo, retirando-se à procura de uma lata.

— Que susto! — suspirou Helena, cobrindo o rosto com as mãos. Sentada à cabeceira da mesa. Lia uma revista.

— Susto? Como? Não me esperava? Com quem me pareço? Diga, ande! — batia o cigarro na ponta da mesa.

— Marcos! Que susto! Não calculei que chegassem hoje. Desculpe-me... — insistia na mesma atitude. Ocultava o rosto.

— Helena, não me quer fitar? Por que não respondeu às minhas últimas cartas?

— Não gosta de cabelos negros? Está vendo como são loiros os meus?

— Foi êste o motivo? — caminhou para uma das estantes de livros. Achara-a mais linda que nos retratos enviados. Não diria. Desviou o assunto: — Li tudo isto, minha Bibliotecária? Puxa!

— Leu sim. Esta estante você leu o ano passado — aproximou-se dêle. Sentindo que o amava muito. Grande satisfação de ver finalmente livre. Coitado! Tantos anos prêso! O olhar era triste. Muito mais que nos retratos. Retirou da estante um livro. Marcos segurou-lhe o pulso. Nada pôde dizer. Rodrigo entrava.

— Rodrigo, é impossível que tantos livros custassem apenas os vinte contos...

— Apresentar-lhe-ei oportunamente as notas — abraçou a filha. Beijou-a. — Lenita, chegou finalmente o nosso orgulhoso prêso. Digo assim porque não queria vir para cá... Minha filha, estamos com fome.

— Sente-se, Marcos. Está em sua casa — — retirou-se para a cozinha.

Não respondeu. Aproximou-se da janela. Escureceu ràpidamente. Luzes pequeninas brilhavam mortiçamente nas casinhas que repousavam ao longe, nas grotas e nas grimpas dos morros. Depois, orientado por Rodrigo examinou tôdas as dependências da casa. A tristeza invadia-o sorrateiramente. O coração estava nas tranças loiras da filha de Rodrigo. Aquêle quadro imaginário de mulher ideal que as cartas da moça haviam lentamente pendurado na escuridão de seus dias tristes, brilhava agora diante dêle. Cabisbaixa, Helena entrava na sala e do mesmo modo saia da mesma. Graciosa e meiga. Olhar bondoso. Rostinho de santa. Duas vêzes tentara traduzir a paixão tempestuosa. Ela interrompia-o com gestos amigos, insistindo entretanto sôbre a carta que lhe escrevera comentando entusiasmado os cabelos negros como os de dona Branca.

— Leia ao menos a carta que deixarei para você — pediu, aproveitando-se de um certo momento, às escondidas de Rodrigo.

— Vai partir? — perguntou baixinho, fitando-o surpreendida.

— Sim.

— Duvido. Para onde? — retirou-se.

Jantaram em silêncio.

Observando a agitação nervosa de Marcos e a indiferença da filha, Rodrigo, após o jantar, fumando o cachimbo, resolveu intervir.

— Marcos. quer divertir-nos um pouco?

— Como assim?

— Helena — ordenou à filha. — Vá buscar o acordeon dêle.

— Cantar? Ora, Rodrigo, deixe isto para mais tarde.

Enquanto discutiam, a moça regressou abraçada ao instrumento. Insistia. Que haveria de cantar sim. Desejava conhecer a voz que o pai tanto admirava:

— Cante, Marcos. "Dos almas" — pediu, entregando-lhe o acordeon.

— Não. Preciso contentar o Rodrigo. Cantarei "Tu lo sabes" — e não se fêz esperar. Enchendo de som a casa de Rodrigo e a solidão poética do Alto da Serra.

Helena sentou-se. Não supunha ser tão linda a voz. Emocionada ao extremo, por mais aquela surprêsa que lhe proporcionava o muito amado "prisioneiro", levantou-se novamente. De costas para o cantor, pôs-se disfarçadamente a examinar um livro na estante. Não queria, por outro lado, que Rodrigo lesse nos olhos dela o que estava sofrendo. E Marcos cantava, cantava. Torturando-a. Depois levantou-se. Sentiu que se aproximava dela.

— Ótimo! — disse baixinho, assim que Helena ergueu para êle os grandes olhos azuis.

— Ótimo, o quê? — perguntou, também baixo, enxugando as lágrimas.

— Helena, responda minha carta.

— Sim. Fique bem em minha frente. Não quero que meu pai me veja.

— Gostei muitíssimo de suas tranças, não crê?

— E eu do "Tu lo sabes"...

— Marcos! — interrompeu-os Rodrigo. — Você hoje dorme aqui.

— E' verdade. Que horas são? Terei de levar o caminhão para São Paulo.

— Não seria preciso. Em breve chegará o substituto.

— Não. Quero apresentar-me amanhã ao escritório da Companhia.

Discutiram um certo tempo até que Rodrigo cedeu.

Marcos foi mesmo.

Até que desaparecesse o ruído do caminhão e os holofotes do mesmo riscando a escuridão da noite, nas curvas distantes, Helena não abandonou a janela. Depois, voltou-se para o pai, que fumava filosòficamente o cachimbo:

— Meu pai, sua filha é profetisa.

— Diga lá a profecia, Lenita.

— O senhor fêz mal em trazer o nosso prêso para esta Companhia. Marcos tem qualidades excepcionais que justificam o romance trágico com dona Branca. Iremos assistir agora ao segundo ato: "Dez anos depois".

— Não creio.

— O senhor verá. Conheço dona Branca na intimidade. Aquêles olhos verdes! As tranças negras!

— Depois do que êle sofreu?! Não creio que volte a gostar dela. Uma noiva que, durante nove anos, não lhe escreveu uma carta. E casou-se com outro!

★

Oito meses depois, Rodrigo estava desnorteado. Não o aborrecia tanto o não compreender mais o amigo Marcos, quanto a ver a filha abismada naquela tristeza perene. No último mês, então, o drama de amor entre o amigo e a proprietária da Companhia assumira proporções escandalosas. Dona Branca, como no tempo de noiva, viajava nas cabines de caminhão, durante a noite com Marcos. Doidice de moça leviana que havia sido a causa do crime do rapaz. Certa noite, o pai de Branca surpreendera-os, ordenando, de revólver em punho, que parasse o carro.

(Cont. na pág. 42)

Para a renovação dos seus móveis torna-se indispensável a aplicação do Óleo de Peroba.

"Seja Kolynos-ista, como eu!"



Na fórmula científica e maravilhosa de Kolynos há ingredientes especiais que eliminam realmente os ácidos bucais, causadores das dolorosas cáries. Provas científicas, realizadas por famosas universidades norte-americanas e européias, demonstraram que Kolynos destroi até 92% das bacterias que formam esses ácidos.

A espuma refrescante e penetrante de Kolynos limpa melhor os dentes e a boca, purificando o hálito. Siga os conselhos do seu dentista: proteja os dentes escovando-os com KOLYNOS depois de cada refeição.



1. *Você já teve uma boa dor de dente? Então sabe o quanto são prejudiciais os ácidos bucais que atacam o esmalte dos dentes...*



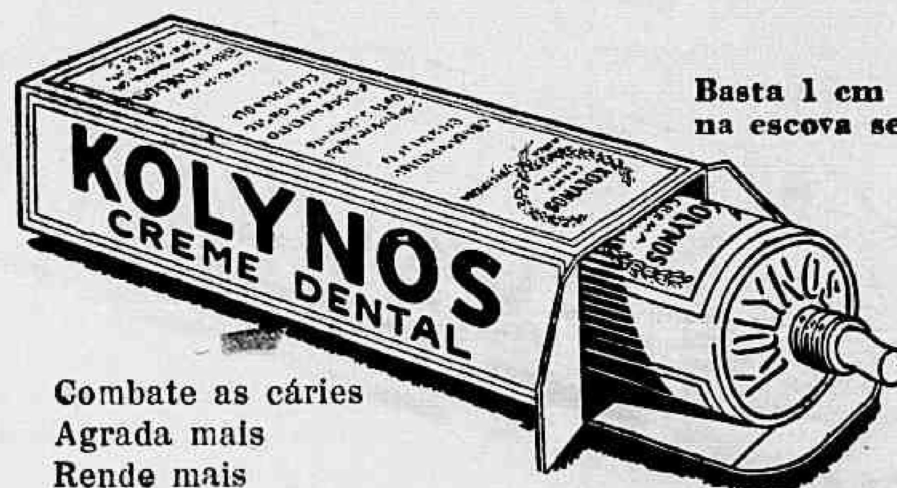
2. *Como se formam esses ácidos?... O dentista disse-me que são milhões de bacterias que os produzem e... que essas bacterias são muito difíceis de destruir!*



3. *Difíceis de destruir?... Não, senhor! Basta usar Kolynos! Kolynos destroi essas bacterias que produzem os ácidos causadores das dolorosas cáries.*



4. *E, o que é mais, o famoso Creme Dental Kolynos refresca realmente o hálito, clareia os dentes, tem sabor agradável e... protege a saúde!... Seja Kolynos-ista!*



Basta 1 cm na escova seca

Combate as cáries
Agrada mais
Rende mais

Não há nada melhor que KOLYNOS para combater a cárie dentaria.

K-407-P

BOLERO

— Alice!

— Eu mesma. Como vai?

Pararam, um em frente ao outro, na surprêsa do encontro. Os olhos de Luis analisavam o rosto da moça, com um pouco de incredulidade.

— Você mudou muito, Alice. Nem sei como a reconheci. Sabe que está linda?

— Obrigada.

Luis não percebeu o seu tom de ironia.

— Sinceramente, você nem parece aquela garôta franzina do colégio. Lembra-se? Desconfio até de que cresceu alguns milímetros...

Riram-se ambos.

— Você também tem ótima aparência. Aliás, sempre teve, não?

Êle continuava sorrindo o seu belo sorriso de dentes claros, que lhe dava um ar infantil. Sorria e olhava-a tranqüilamente, sem se importar com os transeuntes que passavam apressados.

A moça estendeu-lhe a mão, um pouco embaraçada:

— Agora preciso ir-me. Foi um prazer encontrá-lo.

Ignorando a mão estendida, êle protestou:

— Nada disso. Vamos tomar chá, para comemorar o encontro. E não me diga que tem algum compromisso importante...

Segurando-lhe o braço, familiarmente, começou a guiá-la entre o tráfego intenso das dezessete horas. Alice não protestou. Sabia que seria inútil. Êle sempre fôra assim, apossando-se simplesmente das coisas e pessoas, com o seu sorriso de menino grande.

A confeitaria não era longe e Luis, com a estranha facilidade que parecia achar em tudo, conseguiu guiá-la, através da confusão dos "garçons" e das pessoas que esperavam mesa, até um lugarzinho meio oculto por um vaso de palmeira.

— Pronto. Parece que estava reservada para nós dois.

Enquanto se sentavam, um diante do outro, Alice compreendeu de súbito que cometera um êrro. Deveria ter recusado o convite. Apertava-lhe o coração um mêdo estranho, alguma coisa como um pressentimento. Mais uma vez, diante dêle, portara-se como uma tôla.

Fitou o companheiro do outro lado da mesa, que continuava a sorrir com a mesma expressão despreocupada. Ergueu então a cabeça, como se o desafiasse. Precisava dominar aquêle temor ridículo, mostrar-lhe que não era mais a menina romântica que êle conhecera.

Alheio a êsses pensamentos, Luis prendeu-lhe a mão que descansava sôbre a mesa. Havia ternura em seus olhos claros.

— Quanto tempo!

— Oito anos.

Uma onda de sangue subiu ao rosto da moça. A prontidão da resposta fôra uma traição a si mesma. Era como se lhe revelasse a amarga contagem do tempo, dias, meses e anos de tristeza e desalento.

Luis apertou-lhe a mão com mais fôrça.

— Nesses oito anos você mudou muito. Ficou uma moça linda.

Alice sorriu jovialmente.

— Será que antes eu era tão feia?

— Não. Era apenas franzina e tímida de mais. Em compensação, tinha um temperamento adorável.

— Bem. As mocinhas feias sempre precisam ter alguma qualidade.

Luis não respondeu. Parecia divertir-se com a susceptibilidade da moça.

O "garçon" aproximou-se, e, enquanto o seu companheiro encomendava o chá, Alice observava as mesas próximas, procurando algum conhecido. Sentia-se constrangida e não conseguira dominar o mêdo. Precisava encontrar algum rosto amigo, alguém que lhe lembrasse sua vida atual, mantendo-a em contacto com a realidade.



Passaram longo tempo em silêncio, depois que o "garçon" se afastou. Alice evitava os olhos do rapaz, fingindo-se interessada nas "toilettes" das mulheres. A orquestra bisou um "fox" na moda e Luis começou a cantá-lo baixinho, perfeitamente senhor de si mesmo. Parecia achar natural o silêncio da moça e não o interrompeu até que o "garçon" voltou. Serviram-se, ainda em silêncio, esperando que êle se afastasse. A orquestra, por sua vez, emudecera.

Luis perguntou com naturalidade:

— Não foi uma sorte encontrarmo-nos?

— Sim. E' bom rever os velhos amigos.

— Não era isso o que eu queria dizer. Refiro-me ao fato de reconhecê-la de súbito, entre tanta gente, depois de procurá-la durante anos.

— Procurar-me?

— Você sabe que sim.

Sua voz estava um pouco rouca e parecia sincera.

— Claro que a procurei e nunca perdi a esperança de encontrá-la.

Alice tentou sorrir. Agitou a cabeça delicadamente, como se falasse a uma criança.

— Não, Luis, não precisa ser galante comigo.

— Galante? Galante, por quê? Digo-lhe a verdade. Esperei-a todo êsse tempo e estava certo de que você voltaria.

O riso da moça soou alegre.

— Você não mudou nem um pouco. Compreendo agora por que tôdas as meninas do colégio eram loucas por você. Como sabe dizer coisas bonitas...

O rapaz segurou-lhe a mão com firmeza.

— Olhe para mim, Alice. Veja se estou brincando.

Havia um desafio na sua voz e ela o aceitou. Seus olhos se encontraram orgulhosamente, quase agressivos. E a vontade da moça teve que lutar, lutar desesperadamente, contra uma fraqueza, uma lassidão completa que ia tomando conta do seu ser.

Desviou os olhos e retirou a mão, suavemente.

— Não somos mais crianças, Luis.

Êle sorria, entre carinhoso e irônico.

— Você está com mêdo.

— Mêdo? De quê?

— Do passado.

— Passado? Ora. Um simples namôro de estudantes...

— Nosso primeiro amor.

Alice riu, por sua vez, com ironia.

— Quantos "primeiros amôres" você teve? Só no colégio...

Êle tornou a prender-lhe a mão.

— Você era a única e nunca deixou de ser. Sabe muito bem que gosto de brincar e divertir-me, mas nenhuma outra moça me interessou.

— Agradeço-lhe muito. Só que você demorou um pouquinho a descobrir.

— Demorei? Desde que a conheço que lhe digo isso. Foi você quem me deixou. Lembra-se?

Lembrar-se! E como poderia ter esquecido? A angústia e a saudade a devorá-la como uma febre. Febre de adolescência, quando tôdas as coisas são sentidas com uma espécie de exaltação.

Um cansaço triste dominou o coração da moça, refletindo-se nos olhos. Ela se desculpou suavemente.

— E' êste tango, sabe? Tenho uma paixão suburbana pelos tangos argentinos.

Ficaram em silêncio, ouvindo o tango e ouvindo-se a si mesmos. Alice aos poucos conseguiu dominar-se. Perguntou com naturalidade:

— Concluiu o seu curso de medicina?

— Não. Meu pai achou que eu seria mais inofensivo, ajudando-o a dirigir a fábrica.

— E' pena. Você parecia ter vocação.

— Acho que a perdi. E você? Será que também desistiu da música?

— Não. Formei-me no ano passado.

— Parabéns. Pretende dar algum concêrto?

— Não é provável. Vou casar-me daqui a uns meses, e depois iremos viajar.

O rosto de Luis enrijeceu. Olhou, na mão direita da moça, o pequeno anel que até então lhe passara despercebido.

— Não sabia que estava noiva. Quem é êle? Algum dos nossos colegas?

— Não. Um engenheiro de S. Paulo.

O silêncio caiu entre ambos, pesado e embaraçoso.

Luis, com uma lentidão deliberada, tornou a servir-se de chá. Via-se que estava tentando prolongar o encontro.

— Não quer mais um pouco de chá? — perguntou.

Alice teve uma hesitação. Sabia que precisava ir-se logo, afastar-se dêle como de um perigo. Mas reagiu ao mêdo, procurando sorrir.

— Sim. Obrigada.

(Cont. na pág. 44)

Novela de MARIA ALBA

VOCÊS VIRAM?

AQUÊLE pequeno bando de "estrêlas" do cinema que passou pelo Rio em fins de fevereiro, pôs em alvorôço muita cabecinha fútil nossa conhecida. Não faltou quem quisesse ver de perto a Joan Fontaine, a Lizabeth Scott, a June Haven — sem falar na Silvana Mangano — manganona! — que andou fazendo exibições pessoais em alguns cinemas onde se projetasse o seu filme. E, como sempre, as pequenas que são bonitas, irresistíveis, terrivelmente sedutoras na tela — vistas ao natural, decepcionam a maioria. Houve quem descobrisse sardas mais feias que as de Van Johnson no rosto delicado de Lizabeth Scott, quem comparasse as pernas da "arroz doce" italianinha às de Stan Laurel, quem afirmasse que o sorriso de Joan Fontaine é forçado, metido a martelo na sua carinha de anjo. Só os homens não sofreram a maledicência dos seus semelhantes, porque o grupo masculino é unido, muito camarada. E ambos — homens e mulheres — falaram mal a valer da nossa semelhante, enquanto Ricardo Moltaban saiu do Rio ainda mais cotado do que entrou. Quando acabaremos tomando juízo? Quando vamos compreender que as mulheres precisam fundar a Liga do Bom-Senso e da Compreensão Mútua, sem a qual continuaremos sendo um bicho que se entredevora, e o que é pior, sem a menor razão de se digladiar? Vocês viram o que se passou com a Mangano, com a Scott, com a Fontaine, com a Haven? Pobres moças! Só faltou dizer que são capengas, estrábicas e inteiramente calvas. Soubessem elas o que foi dito a seu respeito e nunca mais voltariam a pisar no Galeão. Depois ainda queremos receber a visita mais freqüente das atrizes de cinema! Aos homens, arrancam as gravatas, amarrotam o S-120 e atacam, numa investida furiosa, com livrinhos de autógrafos. Às mulheres, fazem ainda pior — dizem que são feias, deselegantes, matronas e antipáticas... — MARY.





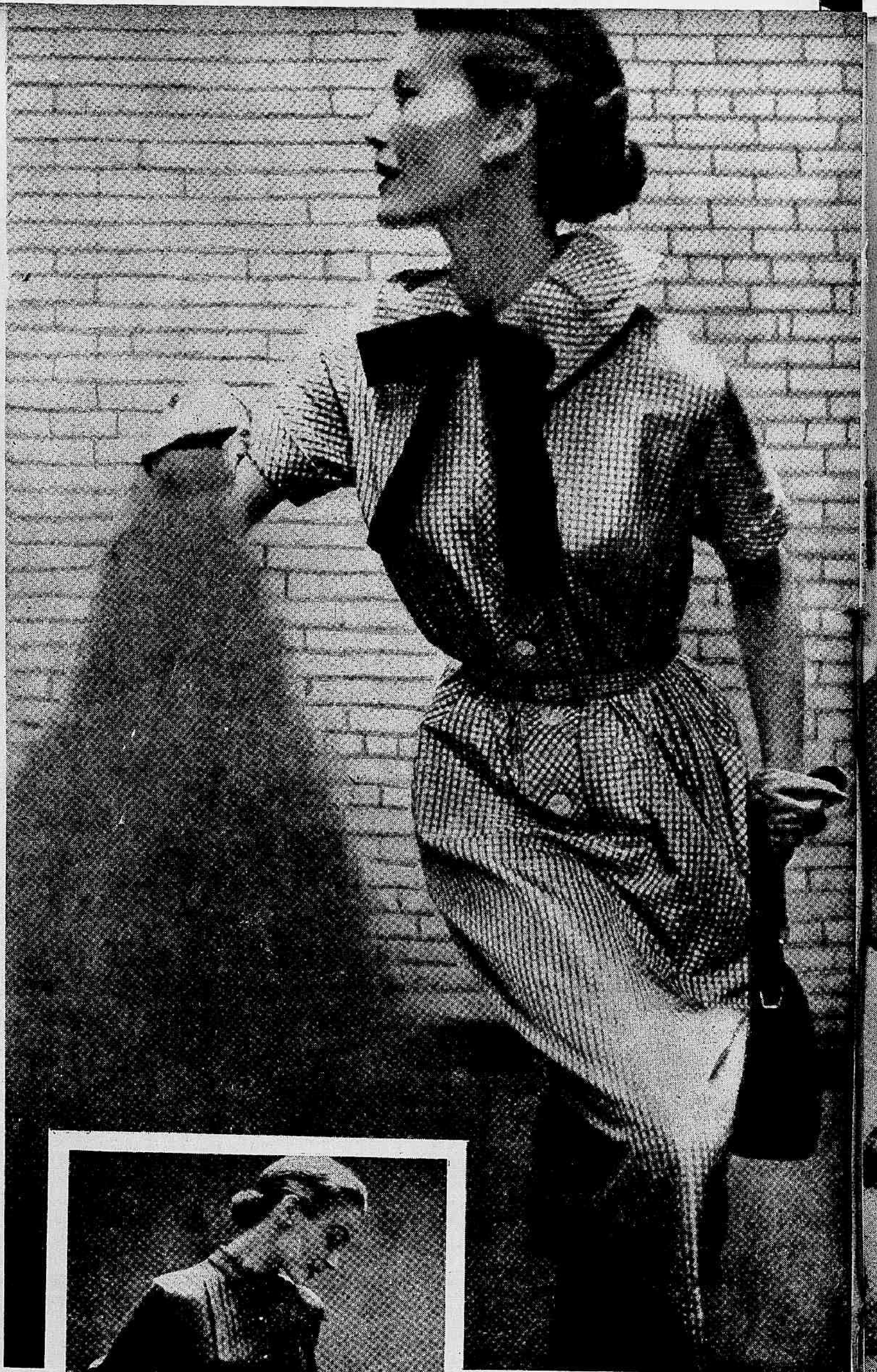
MODELOS BORDADOS

OS modelos bordados continuam a merecer as atenções femininas. O bordado empresta sempre uma nota alegre e distinta aos vestidos. Nesta página apresentamos às nossas leitoras alguns sugestivos modelos bordados para várias horas do dia. Em cima, modêlo em lã com bordados nos bolsos e na gola; à esquerda, dois modelos para passeio, também bordados e finalmente um modêlo para a noite bordado a «paillete».





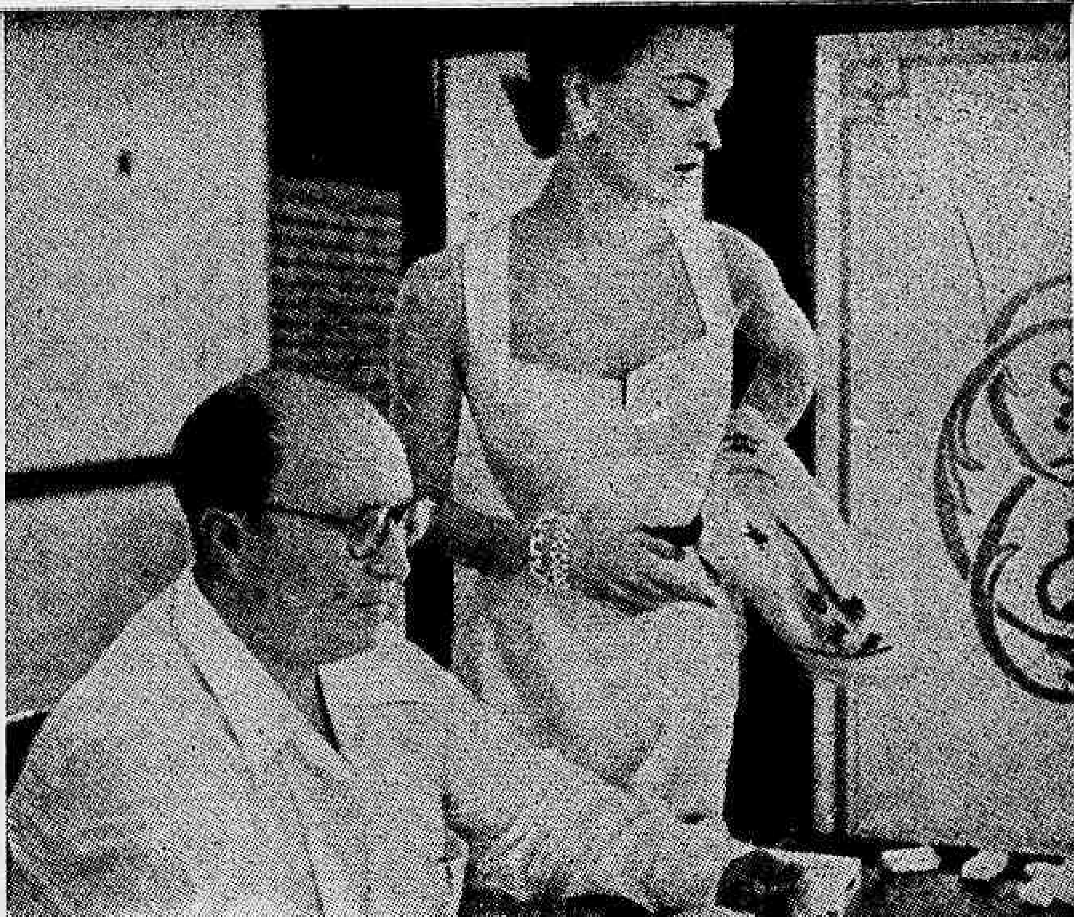






MODELOS JUVENIS

OS vestidos juvenis em qualquer estação caracterizam-se pela graciosidade das linhas e são geralmente confeccionados em padrões alegres. Vestido em tafetá com saia franzida, possuindo uma grande gola usada com laço em tafetá liso. Modêlo em sêda com o corpo pregueado e a saia franzida, pequena gola redonda. A particularidade dêste vestido está no corpo formando recortes em bico e nos bolsos bordados. Modêlo em tafetá tendo também com o corpo pregueado, a gola e os punhos são em fazenda mais clara

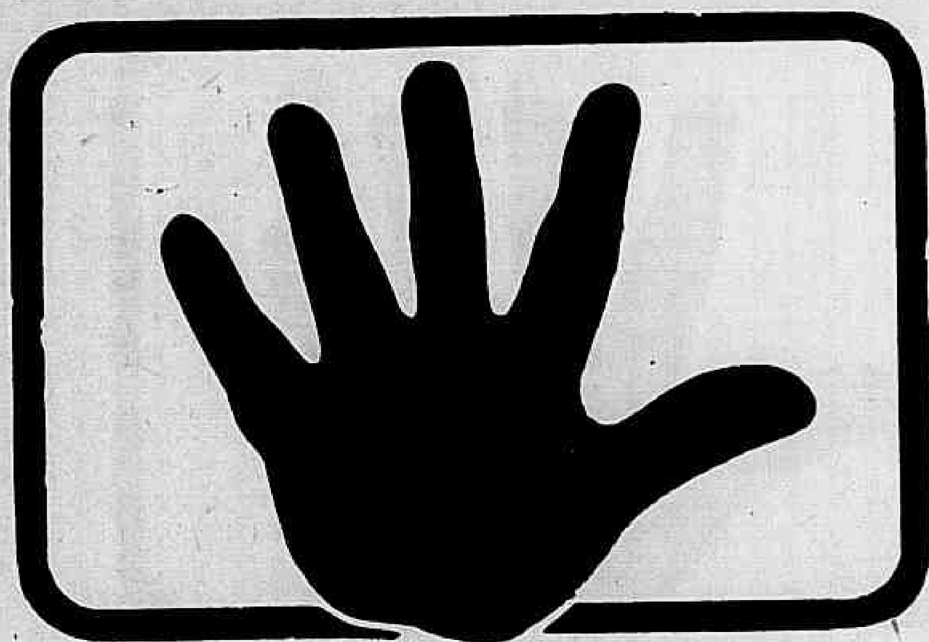


APESAR da predominância dos vestidos escuros nos guarda-roupas femininos, os modelos brancos continuam tendo também as suas admiradoras. Nesta página temos estampado algumas sugestões para os dias quentes. Em cima, modêlo em linho branco bem decotado, com bolero; à direita, modêlo em sêda branca todo pregueado, e à esquerda, modêlo em linho duas côres, azul e branco.





VESTIDOS BRANCOS



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO

WEEK-END NA COZINHA

PUDIM DE AMÊNDOAS

Leve ao fogo meio quilo de açúcar e consiga ponto de calda grossa. Junte 500 gr de amêndoas passadas na máquina, uma gema desmanchada, mexa ligeiramente, retire do fogo, junte 1 xícara-de-café de farinha de rôsca, misture bem e leve ao fogo em banho-maria em fôrma untada com açúcar queimado.

Quando estiver quase pronto leve para um forno brando ou em banho-maria. Esta receita pode servir de base para pudins com outros ingredientes: nozes, etc.

BATATA ASSADA RECHEADA

Tome 8 batatas de tamanho médio para grande. Lave-as bem e passe na casca, já enxutas, um azeite qualquer, untando bem. Leve ao forno quente até que fiquem macias, o que pode ser verificado com um palito. Retire do forno e, enquanto estiverem quentes, corte uma rodela e faça um buraco com o auxílio de uma colherzinha-de-café. Prepare o recheio assim: — meia colherzinha de aipo picado, meia colherzinha de sal, uma colher-de-chá de açúcar, meia cebola picada, pickles picados, queijo prata reduzido a pedacinhos, vinagre e azeite. Encha as batatas com êsse recheio. Pode servir o prato frio acompanhado de salsicha ligeiramente frita ou então quente, voltando ao forno.

RABANADAS

Corte um pão de fôrma em fatias finas, conserve a casca. Leve ao fogo 1 ½ copo de vinho fino com açúcar, quando estiver bem quente, virar sôbre as fatias e abafar depois bem alguns instantes, passar estas fatias em ovos batidos, deixando nêles por algum tempo fritar as fatias com azeite fino ou manteiga.

CHIFRES DE VEADO

150 gr de manteiga, 250 gr de açúcar, uma pitada de sal, 4 ovos, farinha — a necessária.

Bate-se bem a manteiga, mistura-se com o açúcar, o sal e os ovos, mexe-se bem e junta-se tanta farinha quanta fôr necessária para formar uma massa consistente. Estende-se na grossura de 1 dedo, cortam-se tiras mais ou menos compridas, curvam-se um pouco, fritam-se devagarinho em gordura quente e servem-se com açúcar e canela.

LINGUIÇAS

125 gr de manteiga, 125 gr de açúcar, casca ralada de limão, 80 a 100 gr de amêndoas raladas, 4 ovos, 320 gr de farinha de pão.

Bate-se bem a manteiga, junta-se açúcar, casca ralada de limão, amêndoas e ovos. Mexe-se tudo durante 1/4 de hora e junta-se então a farinha de pão pouco a pouco até que se obtenha uma massa consistente, porém, úmida.

Com esta massa fazem-se linguicinhas do tamanho de um dedo, fritam-se em gordura bem quente, deixa-se escorrer e servem-se com môlho de vinho. Polvilham-se com açúcar e canela.

PUDIM DE MAIZENA

100 gr de maizena, 1 litro de leite, 6 ovos, 100 gr de açúcar, 1 pitada de sal, casca ralada de meio limão.

Dissolve-se a maizena em um pouco de leite frio e depois vai-se batendo sempre com os ovos (só as gemas), o resto do leite, o açúcar, o sal e a casca ralada de limão, logo depois de frio, as claras batidas em neve. Vai ao forno com calor moderado em fôrma untada com manteiga, onde deverá ficar durante vinte minutos para assar.

BOLINHOS DE SAL OU DE CUMINHO

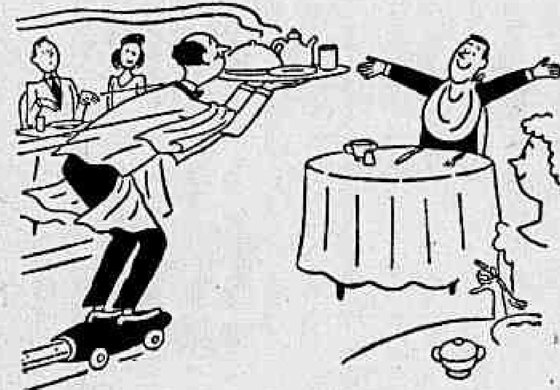
500 gr de batatas cozidas e raladas, 125 gr de manteiga, 160 gr de farinha de trigo, uma pitada de ingredientes à manteiga amolecida.

Depois de descansar a massa ½ hora, fazem-se uns 20 rolinhos mais ou menos da grossura de 1 dedo, põem-se em assadeira untada, pincelam-se com gema, polvilham-se com sal meio grosso ou com cuminho e levam-se ao forno brando. Servem-se com cerveja.

PÃO PAULINA

300 gr de farinha, 2 colheres de manteiga, 1 colher de fermento, 1 xícara de mel, 1 pitada de sal.

Mistura-se a farinha com a manteiga, acrescenta-se o mel e a pitada de sal. Antes de ir ao forno, junta-se o fermento. Unta-se uma fôrma rasa, onde se deita a massa, que vai cozinhar em forno quente.



BISCOITOS ESTRANGEIROS

5 ovos, ½ colher de carbonato de amoníaco, 250 gr de banha, farinha de trigo.

Batem-se bem os ovos, juntam-se com o amoníaco e com a banha e vai-se acrescentando a farinha de trigo, até ficar em ponto de sovar. Forno quente. Crescem muito.

CREME LIGEIRO

6 gemas, maizena, ½ litro de leite. Faz-se um mingau com as gemas bem batidas, com o leite e com 2 ou 3 colheres de maizena ou milharina. Depois de cozido deita-se em fôrma de louça, deixa-se esfriar bem e se desmolda numa cremeira. Serve-se com môlho de três gemas, meio litro de leite, 3 colheres de açúcar e uma colher de chocolate em pó, que se arruma em volta do creme.

BIFE ACEBOLADO

Fazem-se êstes bifes com pedaços de carne pouco grossos. Primeiro faz-se um môlho com cebola cortada em rodelas, tomates e mais temperos. A panela deve ser grande, para nela se poder pôr a carne depois de bem batida. Vai-se regando sempre com o môlho, até os bifes ficarem bem cozidos. Logo que estiverem prontos devem servir-se, pois demorando muito tempo no fogo perdem o sabor.

COMO APRENDER A DANÇAR

4.ª EDIÇÃO AMPLIADA

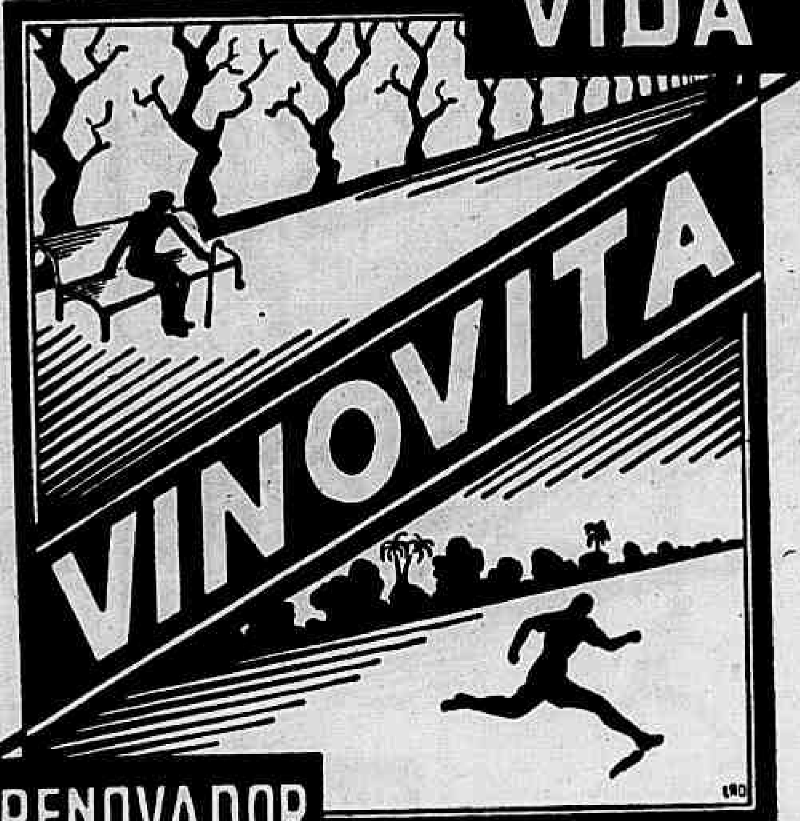


Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 330 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembolso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda, também, nas Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

Contra o esgotamento físico e mental!

VINHO DA VIDA



RENOVADOR DAS FÔRÇAS

Tônico poderoso

A SAÚDE DO BEBÊ

O SAPINHO - SINAL DE ALARME

DR. SABOIA RIBEIRO

DUAS circunstâncias, com grande constância, determinam o aparecimento do sapinho na criancinha: 1.º — Os traumatismos da mucosa bucal, a título de fazer a limpeza da cavidade oral, após as mamadas, com o dedo envolto em alguma gase ou algodão embebido em soluções diversas; 2.º — O mau estado geral da criança, criando um terreno favorável ao desenvolvimento do fungo que o produz.

Sob nenhum pretexto, a prática da limpeza da cavidade bucal deve ser utilizada, e muito principalmente se já existe um estado desfavorável da nutrição do bebê, que aumenta a vulnerabilidade da mucosa da bôca para que se estabeleça a afecção.

Em todos os estados que se acompanham de desnutrição da criança, como nas infecções agudas e nas diarréias, essa vulnerabilidade aumenta de um modo particular, quer pela perda hidrida em si, quer pela perda dos elementos minerais através das evacuações freqüentes.

Como se vê, o sapinho não existe por si mesmo, e para que surja se torna sempre necessário que certas condições ocasionais venham criar o terreno favorável ao seu aparecimento.

Nos estados febris a perda hidrida, com ressecamento da mucosa da bôca, é decida à intensa eliminação do vapor d'água pela respiração ou sudorese; nas diarréias pela eliminação aquosa violenta das evacuações.

São êstes os fatôres que respondem pela maioria dos casos. Os traumatismos entram em menor porção dos casos.

Antigamente, se atribuía ao sapinho a causa de muitas diarréias e outras enfermidades da criança.

Confundia-se, dêsse modo, o efeito com a causa. A prova, entretanto, que êle não representa, nesses casos, a moléstia principal, porém uma afecção *dependente*, é que as lesões do sapinho desaparecem ràpidamente quando o estado geral do bebê melhora com o tratamento que, em todos os casos, deve cuidar urgentemente de reidratar a criancinha e deter as perdas líquidas ou freiar o estado febril.

O sapinho é causado por um fungo, o Oidium albicans, mostrando-se como uma camada cremosa branca, de um lado e outro das bochechas. São exsudatos mais ou menos extensos, feito placas, compostos de filamentos, esporos e cócus a se infiltrarem no epitélio da mucosa; porém, pode o sapinho apresentar-se como simples semeadura de pontos mais ou menos discretos.

O causador do sapinho — o citado fungo, *Oidium albicans* — anda muito espalhado, o que explica a existência dêle na cavidade bucal, mesmo em condições normais da criança, isto é, com saúde. Nos objetos, nas pessoas que lidam com a criança, no ar, **na água usada na limpeza da bôca, utensílios,** bicos e até no seio materno; existindo êle em tudo isso é quase impossível evitar sua entrada na cavidade bucal da criança.

Mas, como dissemos, sòmente em face de condições que facilitem a vulnerabilidade da mucosa, o *Oidium albicans* faz o *sapinho*.

Já falamos da ação dos traumatismos ocasionados pelas fricções.

Advertindo contra o mau veso de tal prática, um mestre já escreveu: "A bôca de teu filhinho é um santuário; as suas próprias defesas garantem a sua esterilização, não se devendo, sob nenhum pretexto, introduzir nela os dedos ou qualquer outro objeto com o fito de "desinfetar" as suas mucosas.

A mucosa que reveste a cavidade bucal no lactente é tão delicada que a gase mais fina atuaria sôbre ela como um pedaço de arame farpado, produzindo escoriações e feridas, em cujas fendas poderão penetrar os mais variados germes, determinando o aparecimento de sapinho, de aftas e de úlceras. Há uma espécie de aftas, as aftas de Bednar, que resultam de manobras intempestivas e prejudiciais."

A verdadeira prevenção do sapinho, pelo exposto, vê-se, então, que deve residir, de um lado, em se evitar tôda ação traumatizante sôbre a mucosa da cavidade oral, de outro, nos cuidados todos capazes de manter o bom estado de nutrição do bebê.

Como terapêutica local poder-se-á dar à criança, às pitadas, de hora em hora, a seguinte fórmula:

Biborato de sódio	3 gramas
Bicarbonato de sódio	7 "

Havendo diarréia, urge restabelecer as boas funções intestinais e, de um modo geral, o alimento de escolha, até o sexto mês, é o Letelho, alimento rico em sais minerais e que vai corrigir o estado de acidose da criança sempre presente com o sapinho.

CORRESPONDÊNCIA DAS MÃES

D. L. (Nesta) — Sua pergunta, se é mal na formação do caráter infantil usar certas promessas e deixar de cumpri-las, merece sòmente uma resposta: sem dúvida nenhuma, é mal, e grande. As evasivas, as desculpas engendradas, trazem a desconfiança da criança e, se reiteradas, denunciam o embuste, em que se edificam para também faltar à palavra empenhada, à promessa feita. Vale a pena, portanto, nada prometer com a intenção de faltar, que é um convite à mentira como maneira de descartar-se de dificuldades, que mais caberiam ser expostas com sinceridade, sem quebra de ensinar à criança a ser compreensiva.

N. V. (Nesta) — E' comum que, nas mudanças de regimes da criança, as mães se vejam a braços com o problema de que muitos relutam em aceitar o novo alimento, os novos pratos, as sopinhas. Sobretudo nas crianças nervosas, os caprichos do apetite, respectivamente, cabem os mingaus a leite e farinhas (mesmo que a leitamento seja nessa fase, criam muitas vêzes situações difíceis, dando mesmo de emagrecer, algumas. Não obstante, deve-se insistir em variar a alimentação e, de um modo geral, há sempre necessidade de o fazer, ao terceiro mês, ao sexto mês e no décimo-primeiro mês, quando, ao seio), as sopinhas de legumes, e um cardápio variado em que tanto as carnes como as frutas devem entrar na sua alimentação.

No caso de seu menino, já é tempo de dar-lhe 2 sopinhas de legumes, em caldo de carne, engrossadas, e frutas.

Em suma:

De uma para outra dessas refeições, deve observar o espaço de 4 horas em média; exemplo: 7 ½ horas (desjejum) — 11 (almôço) — 14 (lanche) e 18 (jantar).

R. A. (Campos) — Os quatro dados que devem orientar sôbre o desenvolvimento do bebê (quer dizer, dados métricos) são: O pêso e a estatura, as circunferências da cabeça e do tórax; para que possa guiar-se na criação de seu filhinho, forneço-lhe êsses dados relativos aos primeiros 12 meses; trata-se de cifras que representam médias e para o sexo masculino:

Idade	*Pêso*	*Estatura*	*Cir. Cabeça*	*Idem tórax*
Nascimento	3.410	0,50	32	34
1 mês	4.350	0,55	34	36
2 meses	5.020	0,57	36	38
3 "	5.950	0,61	38	40
4 "	6.550	0,62	39	42
5 "	6.970	0,63	40	42
6 "	7.440	0,65	41	43
7 "	8.020	0,66	42	44
8 "	8.530	0,68	43	44
9 "	8.910	0,69	43	45
10 "	9.190	0,70	44	45
11 "	9.460	0,71	44	46
12 "	10.320	0,72	45	46

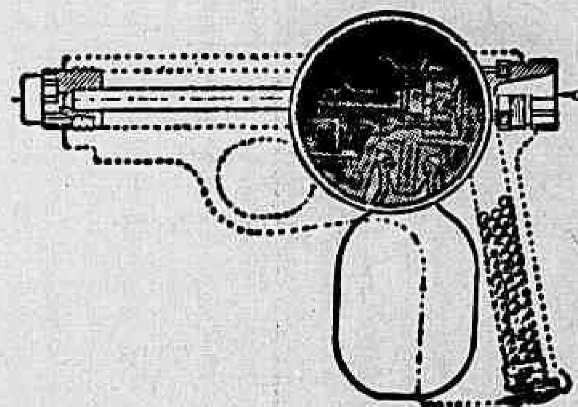
Tira-se a estatura da criança com ela deitada sôbre uma mesa, as pernas e pés unidos, a cabeça defletida, e com o auxílio da fita métrica. A circunferência da cabeça obtém-se com a fita métrica passando pelas saliências frontais e parietais, e parte mais alta do occiput; a do tórax, com a fita passando pelos mamilos.

NOTA: — Qualquer correspondência sôbre a saúde de seu bebê dirigir à REVISTA DA SEMANA, para a seção SAÚDE DO BEBÊ — R. Visconde de Maranguape, 15 — Rio.

Pistola "PNEUMA-TIR"

PATENTEADA EM TODOS OS PAÍSES

A pistola metralhadora atira 500 balins sem necessidade de carregar. Ar comprimido por novo processo



Corte da pistola

Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantida contra qualquer defeito. Fabricada em várias côres

FABRICADA POR

ALFREDO ELLIS & CIA. LTDA.

RUA URUGUAIANA, 104

Tel. 43-0766 — RIO

Estojo contendo uma pistola, um desentupidor, uma alça de mira, 2.000 balins com 2 membranas sobressalentes

Cr$ 250,00 pelo REEMBÔLSO POSTAL

Caixa de munição com 2.000 balins. c/2 membranas sobressalentes

Cr$ 15.00

Peço-lhes enviar-me pelo Serviço de REEMBÔLSO POSTAL, sem aumento de despesa, a PISTOLA «PNEUMA TIR», conforme indicação abaixo:

Nome ....

Euderêço ....

Cidade .... Estado ....

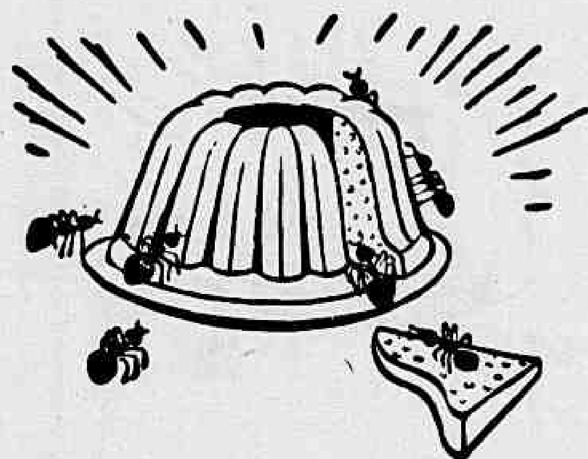
O BRASIL INTEIRO

CRUZEIRO DO SUL

SOB AS ASAS DA "CRUZEIRO"

"Hóspedes indesejáveis"

...são baratas e formigas que invadem a cozinha para estragar e contaminar os alimentos.



Proteja armários e prateleiras com NEOCID em pó, que não transmite cheiro à comida e é inofensivo.

Prefira a lata grande – a embalagem mais econômica do NEOCID em pó

NEOCID

O SEGREDO DE SUA MOCIDADE!...

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Póde ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as particulas mortas e queimadas da pele, sardas manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

(Exigir a embalagem verde)

MULTIFARMA

Praça Patriarca, 26 — 2º — sala 6 — São Paulo

Remessas pelo Reembolso Postal

À venda nas boas Farmácias

SURPRÊSA

(Cont. da pág. 21

— Parem já com isso! — gritou autoritário.

Alfredo deixou cair os braços e extremamente pálido viu a mulher correr para o quarto.

— Muito bem, meu senhor... Pode falar. Estou escutando.

O advogado aprendera a defender e a acusar com base no Direito e sabia que êle não estava ao seu lado naquele momento. Limitou-se a encarar o homem, nada dizendo.

— E então? — insistiu Joaquim.

— Vai matar-me?

— Vou.

— Mas...

— Mas... o quê? O senhor não estava abraçando e beijando minha mulher?

— O que vai fazer com ela? Vai matá-la também?

— Não. Ela merece desculpa. Vive aqui tão sòzinha... Quase não vê ninguém... Isso lhe servirá de lição.

— Mas, se você me matar, como fugirá da polícia?

— Não fugirei. Há muita terra aí para se enterrar um homem, sabe?... Quem é que vai saber? Dou um jeito para o seu carro sumir também.

Alfredo viu-se perdido. Joaquim levantou a arma e apontou-lhe o coração. Seria triste morrer assim. Poucos minutos antes estava no automóvel e poderia nunca ter batido naquela casa. Mas... pelo menos morreria lutando.

De um salto, lançou-se sôbre o homem. Como se já esperasse tal atitude, Joaquim esquivou-se como um felino e dando-lhe uma rasteira jogou-o ao chão. Com a arma apontada ainda para o jovem caído perguntou:

— Diga-me uma coisa... Você gosta mesmo de Maria?

— Gosto. Muito mesmo. Ela é linda e se não fôsse sua mulher eu me casaria com ela — afirmou Alfredo valentemente.

O rosto rude do homem abriu-se em um largo sorriso.

— Que diabo, moço... Eu estava só querendo saber se você era corajoso e se gostava mesmo dela... Acho que já é hora de dizer-lhe que Maria não é minha mulher.

— Quê?!

— Ela é minha irmã. Moramos aqui tão sòzinhos que eu pensei que ela nunca se casaria... sabe?... A gente tem que dar um jeito para cada situação...

A voz de Joaquim tornou-se branda e quase tímida. Voltou-se para a moça que olhava para êles da porta do quarto e perguntou:

— Eu não lhe disse que arranjaria um bom marido para você?

O INFERNO

(Cont. da pág. 34)

— Mas eu sonhei que... que havia ido para...

— ... uma festa?

— Não, sonhei que estava no inferno!

O marido e o médico sorriem. Êste, levantando-se, oferece a mão a Ruth: — Bem, já não há mais perigo. Vocês vão me dar licença, eu tenho de ir ver uns clientes ainda hoje.

— Até logo doutor — despede-se Ruth apertando-lhe a mão, agradecida.

O médico despede-se de José, deixa o quarto e acompanha a empregadinha mulata, que estava espiando da porta, com uma garrafa de cachaça na mão.

— Então, resolveu criar juízo? — brinca carinhosamente José, sentando-se ao lado de Ruth, na cama.

— Que loucura a minha, agora compreendo melhor. Você me perdoa, José?

— Perdoo, Ruth. Mas há uma questão ainda.

— Questão?

— Você ainda terá vontade de beber. Terá sêde muitas vêzes e é preciso resistir à tentação!

— Eu prometo.

— Mas não é fácil. A partir do momento em que o álcool se mescla ao sangue de uma pessoa, ela perde o domínio e não consegue controlar o seu desejo de tomar bebidas, sabia disso?

— E' difícil, eu sei. Mas eu posso. Não há tanta gente escrava dêste vício que resolve reagir e um dia abandona êste hábito?

— Está certo, mas o álcool é um vício dos mais difíceis de se dominar. Olha, no mundo inteiro o alcoolismo é um problema muito sério. Já existem até organizações assistenciais destinadas à luta contra o alcoolismo. E não é fácil combater o alastramento dêste vício que domina tanta gente. Em tôda a parte, luta-se, combate-se o alcool. Porque êle é um veneno que intoxica o organismo, deturpa a inteligência, inferioriza o espírito e debilita o viciado até a sua completa ruina. Infelizmente, desde o princípio da civilização o álcool possui seus adeptos. Preferem o veneno porque preferem a desgraça.

Ruth, envergonhada, está agora com os olhos rasos d'água. Vira o rosto para o canto e soluça. José vê que está produzindo efeito a sua prédica, e prossegue:

— Agora me lembro; com referência à bebida há uma passagem na Bíblia que resume uma advertência oportuna de Jesus.

— Você sabe o que ela diz? — pergunta Ruth.

— Não me recordo bem, mas vou buscar a Bíblia que está no escritório. Já volto.

Enquanto José vai ao escritório Ruth enxuga as lágrimas com uma ponta da fronha do travesseiro e murmura uma prece: — Meu Deus, perdoa a minha fraqueza, permita-me a minha reconciliação com o Senhor, e serei útil ao meu lar, resistindo às tentações, vivendo uma vida cristã.

José, de volta, vem com a Bíblia aberta nas mãos, folheando-a até que encontra o trecho desejado. Senta-se na cama, olha para Ruth que responde com um sorriso de amor e carinho. José então inclina-se. Beijam-se com emoção e renasce neste instante, com mais êxtase do que da primeira vez, um amor vibrante, intenso, inefável. O beijo longo quase não tem fim. Até que separam-se, José toma fôlego e lê a Bíblia:

— "Não olheis para o vinho quando se mostra vermelho, quando resplandece no copo e se escoa suavemente. No seu fim morderá como a cobra e como o basilisco picará".

A ornamentação do lar resume-se na beleza dos móveis, e conservando-os com Óleo de Peroba.

Querendo ver os seus móveis sempre novos, conserve-os com Óleo de Peroba.

Para manter os seus móveis vivos e lustrosos é indispensável o uso do Óleo de Peroba.

BRANCA E HELENA

(Cont. da pág. 35)

Revoltado contra aquilo, Rodrigo regressava de São Paulo aquela noite resolvido a entregar o caminhão a Marcos e abandonar o emprêgo, onde trabalhava havia dezesseis anos.

Quando começou a subir a serra estranhou, durante duas horas, o silêncio. Não se ouviam ruídos de outros carros, nem os holofotes riscavam o céu escuro daquela noite terrivelmente chuvosa. Vinte vêzes seguidas, submetera-se à humilhação de passar pela casa da patroa e levá-la na cabine para o encontro com o namorado. Achava, entretanto, que, pelo menos numa tempestade como aquela, dona Branca não iria cometer a loucura de viajar. Enganou-se. No ponto exato de sempre, vislumbrou a lanterna vermelha. Sinal de parada. Freiou o caminhão e abriu a porta.

— Minha senhora, a noite está perigosa. Tenho até receio de que haja desabado alguma barreira... — ponderava. Inùtilmente, porque, fechando o guarda-chuva a mulher penetrou na cabine, ordenando que partisse.

— Queria também levar minha filha — tornou Rodrigo.

— Sim senhora. De hoje em diante não serei mais seu empregado. Já estou com o dinheiro no bôlso.

— Sem minha ordem?

— E' lei, minha senhora.

— E é também ingratidão, senhor Rodrigo. Tanto tenho feito pelo senhor e sua filha!

— A gratidão tem limites, dona Branca.

— Pois vá buscar sua filha — ordenou, fechando a gola do mantô.

Correndo, atravessou o jardim do palacete. Minutos depois regressou com a filha, explicando-lhe ràpidamente o acontecido. Que não se preocupasse muito com o que iria ver, pois ela mesma havia profetisado aquilo.

O caminhão partiu, atingindo logo o

BANCO DO COMÉRCIO S.A.

FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro

Sede:
Rua do Ouvidor, 93-95
Tel. 43-8966

Agência no: DISTRITO FEDERAL e ESTADO DE SÃO PAULO
Seção Especializada para Guarda de Títulos e Valores.

★

Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio.

FÁBRICA BANGÚ
TECIDOS PERFEITOS

Preferidos no Brasil

BANGÚ

Grande sucesso em Buenos Aires

EXIJA NA OURELA
BANGÚ-INDÚSTRIA BRASILEIRA

VARIZES EM SENHORAS
E HEMORRÓIDAS EM GERAL

Novo tratamento sem operação e sem injeções

Após longos anos de estudos foi descoberto um ótimo remédio vegetal para o tratamento das **varizes**. Usado na dose de 3 colheres (das de chá) ao dia, em água açucarada, em pouco tempo restitue às pernas seu estado normal e beleza estética. Em idêntica dose debela os males **hemorroidários** (mamilos externos e internos), inclusive os que sangram. **Para varizes** (nas pernas) tome o liquido via bucal e friccione a pomada no local. **Para hemorróidas** use a pomada no local e tome juntamente o liquido. USE DURANTE 3 MESES.

Procure nas farmácias e drogarias, e na falta à V. Sandoval Jr., **Caixa Postal 187 São Paulo**



H-10-4 Ag. Petinatti

FARMÁCIA GUANABARA LTDA.

Farm. responsável:
AGAR DE SCHUELLER BARBOSA LOPES

Variado sortimento de Perfumarias dos melhores fabricantes. Completo stock de drogas nacionais e estrangeiras — Manipulação escrupulosa.

RUA LICINIO CARDOSO, 261 — Tel. 28-0909

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos

Em sua casa

Dê vida a seus cabelos

Conserve-os fórtes, brilhantes, sedosos e sem caspa, com

SHAMPOO MYSTIK

Evite cabelos brancos, sem pintar, com

TÔNICO YILDIZIENNE

Mme Campos

Assembléia, 115 - 1.º Rio

ACADEMIA SCIENTÍFICA DE BELEZA

Em nossos salões

CIRURGIA PLÁSTICA

Dr. Fausto Campos

Prática nas clínicas de Paris, Berlim, Londres, Milão e Viena.

CORREÇÃO CIRÚRGICA SEM DÔR DAS RUGAS DO ROSTO

Tratamento da pele e do cabelo

Assembléia, 115 - 1.º - Fone: 22-1701

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2 BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ..

CIDADE .... ESTADO ......

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

portãozinho da casa de Rodrigo, onde habitualmente entrava a Marcos o carro, tôdas as noites.

Helena viajou o pequeno trecho calada, sem coragem de fitar a amiga e protetora. Quando Rodrigo abriu a porta do caminhão, saiu em disparada sem se despedir. Na varanda, quis desviar-se de Marcos, que a segurou pelos ombros:

— Deixe-me. Largue-me! — protestou, irritada.

Marcos deixou-a, compreendendo num segundo o que se passava.

Já no caminhão entregou a Rodrigo um livro:

— Dê isto a Helena, por favor, Rodrigo.

— Boa viagem, Marcos. Cuidado com a estrada.

Os seus móveis velhos poderão ficar novos se aplicar em sua limpeza Óleo de Peroba.

Os móveis representam a vida do seu lar, e o Óleo de Peroba a vida de seus móveis.

— Você despediu-se da Companhia?

— Como soube? — gritou.

— Depois conversaremos. Adeus, Rodrigo.

Durante muito tempo, Rodrigo permaneceu de pé na varanda, até que desaparecesse o ruído do caminhão. Entrou na sala preocupado.

Helena, com os cabelos ainda molhados pela chuva, soluçava perdidamente, sentada à cabeceira da mesa. O rosto apoiado sôbre os braços. O operário sentou-se perto dela sem saber como começar a conversa.

— Meu pai, não tenho mais fôrças para ocultar o meu segrêdo! Sofro muito, meu pai! — exclamou, erguendo o rosto amargurado.

— Pediu-me que entregasse a você êste livro.

— Não. Para mim basta.

— Olhe: duas cartas, Lenita. Uma para mim.

Helena deitou novamente o rosto sôbre os braços.

— Leia a sua carta, minha filha.

— Ora! Cartas! Cartas...

— Está bem. Vou ler a minha em voz alta, quer ouvi-la? — perguntou, colocando os óculos e começando logo:

"Meu grande Rodrigo. — Como eu arrastasse naqueles tempos grandes dificuldades nos estudos, você arranjou-me um emprêgo. Era feliz, naquela camaradagem, bebendo com você aperitivos para enfrentarmos noites tempestuosas como esta, recorda-se? Depois de certos acontecimentos que não desejava revelar agora, você achava até graça de eu merecer a simpatia da filha de nosso falecido patrão. Recordo-me também dos seus conselhos, quando lhe revelei ser a moça um tanto ousada, oferecendo-se para passar as noites comigo na cabine do caminhão. "Esquisitices pitigrilescas" — disse-me você naquela noite. Evidentemente, aquilo só poderia ter o fim desastroso que teve. São coisas da vida, meu amigo!... O fato é que desabaram nove anos terríveis sôbre a minha mocidade. Não poderei me esquecer do que sofri na prisão. Não me sai do pensamento a figura daquele velho curvando-se diante de mim varado pelo tiro criminoso. Correram os anos Rodrigo! E que fatalidade! Volta esta mulher à cabine do meu carro como sombra tenebrosa do meu passado. Tudo tenho suportado calculadamente. Precisava e consegui que a Companhia me indenizasse dos nove anos que estive prêso, por intermédio desta sua "dona Branca". Entretanto, Rodrigo, não é êste o assunto "delicado" de minha carta. Pense você em alguém, a viver folheando livros nas trevas de uma existência desesperadora, e num dêles encontrar certa vez uma cartinha bondosa, assinada: "Sua Bibliotecária". E outras mais que vêm chegando, enchendo meu coração de esperanças. Sùbitamente, Helena, assustada com a sombra má do meu destino trágico, furta-se a responder minhas cartas. Um ano passei assim, novamente infeliz. Depois nos conhecemos. Lá dentro de mim se acende a lareira agasalhadora, a esperança de um lar feliz e simples como tiveram meus pais...

Rodrigo, amo sua filha! Diga-lhe se o mereço. Que a quero muito. Aponte-me o caminho da felicidade! Não esperarei mais que uma semana a resposta. — Um grande abraço do Marcos."

Enxugando as lágrimas, Rodrigo passou a mão calosa e trêmula pela cabeça da filha.

— Então, Helena? Soluçar não responde. O que digo ao moço? Leia sua carta!

— Ler a minha? Ah! Talvez o senhor permitisse que a guardasse em segrêdo... Ouça, meu pai — disse, retirando da estante próxima um lápis — passe um telegrama para êle assim:

"Meu querido Marcos. — Estou aqui, no Alto da Serra, os olhos fitos na estrada. Venha, meu querido! — "Sua Bibliotecária".

BOLERO

(*Cont. da pág.* 44)

ambos soava a cada passo. Conversavam e riam, muito juntos, embalados pelo ritmo do "bolero".

A orquestra parou. Repetiu-se a música. Começou pela terceira vez, e Luís no mesmo encantamento, dançando com a moça loura e atraente. Simplesmente se esquecera de Alice.

Ainda lhe doía, oito anos depois, a humilhação daqueles instantes. Saíra do baile silenciosamente, sem se despedir de ninguém, receiosa da ironia dos colegas, habituados a presenciar as infidelidades de Luís. Voltara sòzinha para casa e atirara-se à cama, num desespêro. Fôra tôda uma longa noite de amargura, em que chorara o seu amor perdido. Mas jurou a si mesma que nunca mais falaria com Luís e que aquelas lágrimas seriam as últimas que choraria por êle. Cumpriu pelo menos a primeira parte da promessa, por que as lágrimas não lhe foi possível reprimir.

Lembrava-se da solicitude e da compreensão dos seus pais, naquele transe. Levaram-na a viajar, aproveitando as férias do colégio; depois mudaram de casa, permitindo-lhe criar novas relações e freqüentar outros meios.

E, aos poucos, com o tempo, a ferida fôra cicatrizando. Custara muito esfôrço, porque ela era sentimental e orgulhosa demais. Porém, o tempo e a sua juventude operaram o milagre.

Mais tarde, encontrara Eduardo. Seu amor, seu devotamento, restituíram à moça a sua confiança própria. Foi recuperando a alegria, o entusiasmo, a esperança, e tudo isso se ia refletindo na sua aparência. Tornou-se linda e encantadora, porque se sentia amada e podia ter confiança nesse amor.

Era essa a sua vida até aquela tarde em que reencontrara Luís, em que ouvira o seu apêlo para voltar ao velho amor, retomar os fios de uma história interrompida havia oito anos.

Alice tornou a abrir os olhos para a realidade do salão em penumbra, e sentiu a carícia da mão de Luís, prendendo a sua. O "bolero" triste e sensual ainda não terminara. Fôra mais rápida do que lhe parecera aquela viagem ao passado.

Retirou a mão, suavemente, e sorriu para o rapaz com uma ironia que êle não compreendeu. Parecia-lhe agora vê-lo pela primeira vez. Leviano, egoísta, superficial. Brincando com os sentimentos alheios, para lisonjear a sua vaidade. Ansioso por apoderar-se de tudo o que lhe parecia difícil, pelo simples prazer de abandoná-lo depois.

Assim tornaria a fazer com o seu amor, se o recuperasse. Vira-a mais mulher, mais atraente, tudo pelo milagre do amor de Eduardo. E logo se manifestara o seu egoísmo, a avidez do seu coração. Quis roubá-la ao noivo que a amava, tornou a prendê-la a tôdas as incertezas e amarguras do passado. Não. Luís não poderia amar ninguém. Para êle só um ser existia e tinha importância: era êle próprio.

O velho "bolero" se extinguiu, num acorde suave, e com êle se desfez o encantamento que dominava a banalidade do salão de chá.

Alice tornou a sorrir, já agora sem ironia. Compreendia-o agora tão bem, sentia-se tão segura de si mesma, que poderia perdoá-lo.

Apanhou a bôlsa, as luvas, e estendeu-lhe a mão, simplesmente.

— Obrigada, Luís. Muito obrigada por tudo. Foi um prazer revê-lo e escutar as cosas tão amáveis que você sabe dizer.

Havia incredulidade e tristeza no rosto do rapaz, mas Alice o conhecia tão bem que não se comoveu.

— Você tem coragem de deixar-me, Alice? Você sabe que a amo.

— Não, Luís, graças a Deus você não me ama, nem a ninguém, pode estar certo. Quanto a mim, amo o meu noivo e sei que êsse amor é definitivo.

Levantou-se, sem que o rapaz pensasse em acompanhá-la, vencido pela primeira vez e talvez pela primeira vez compreendendo o que havia perdido.

Alice atravessou a sala sem olhar para trás e achou-se novamente na rua.

Tudo lhe parecia mais belo, sob um céu dourado pelo crepúsculo. Olhou o relógio. Breve encontraria Eduardo, o homem a quem realmente amava, o homem que a merecia. E agora, depois daquele encontro decisivo, a vida, o futuro, tôdas as coisas adquiriram para ela uma nova significação. Era totalmente feliz, porque conseguira vencer a sugestão do passado. E o passado, como todos os fantasmas, destrói-se por si mesmo, quando temos a coragem de enfrentá-lo.

Mantenha os seus móveis bem lustrosos, aplicando com uma flanela Óleo de Peroba.

O preço da REVISTA DA SEMANA, para a venda avulsa, é Cr$ 3,00. Os agentes e revendedores recebem os pedidos com o desconto necessário para que o público não pague mais do que o preço de capa.

Não se submeta a explorações. Tome uma assinatura que, por seis meses custa Cr$ 70,00; por um ano Cr$ 140,00. Registrada custa, respectivamente, Cr$ 85,00 e Cr$ 170,00.

Pedidos para a Rua Visconde de Maranguape, 15. — Lapa. — Distrito Federal.

"Êle" depende da Sra...



e a Sra deve confiar na

ÁGUA INGLÊSA

GRANADO

o tônico das lactantes



Veja que magnífico calçado é DIPLOMATA!



Através do mais original e vantajoso plano de vendas que até hoje foi oferecido ao público, apresentamos, pela primeira vez no Reembolso Postal, êste magnífico calçado super-luxo, para cavalheiros e rapazes. Nunca houve uma oferta tão vantajosa como esta! DIPLOMATA é distinto, é forte, é elegante! Veja e compare as excepcionais qualidades do calçado número um no momento:

- ★ *Em cromo de superior qualidade.*
- ★ *Costurado com especial fio duplo de linho.*
- ★ *Elegante desenho "bostok", broqueado.*
- ★ *Inteiramente forrado com especial couro macio.*
- ★ *Fôrma anatômica tècnicamente desenhada para proporcionar o máximo confôrto aos pés.*
- ★ *Ilhoses para a proteção dos furos e cordões.*
- ★ *Tamanhos de 33 a 44.*
- ★ *Côres: marrom claro, marrom escuro e preto.*



Sola de borracha leve e macia. Frisos antiderrapantes, salto de borracha.

Cr$ 200,



ECONOMIA ACUMULADA

Todos os compradores de calçados DIPLOMATA participam do nosso sensacional e rendoso plano "Economia Acumulada". Não é concurso, nem sorteio. É formidável, porque todo o mundo ganha! Faça o seu pedido hoje.

REEMBOLSO POSTAL
PORTE GRÁTIS

CALÇADOS Inca

À INCA Indústria Nacional de Calçados Ltda.
RUA BARÃO DO BOM RETIRO, 1104 — RIO

Nome ....
Cidade .... Estado ....
Rua .... N.º ....
Quantidade de pares ....
N.º .... Côr ....

Aceitamos agentes em todo o país
REEMBOLSO REVISTA DA SEMANA

CAINDO NO FREVO

(Cont. da pág. 18)

Nada disso. *Frevo* é corrutela do verbo *ferver*, na formação de um substantivo com a significação de multidão a apertar-se em meneios de Carnaval, aos pulos, às gingadas, num fervedouro diabólico. Pereira da Costa esclarece muito bem o caso. "E' o apertão do frevo, nesse descomunal amplexo de tôda uma multidão que se deslisa, se cola, se encontra, se roça, se entrechoca, se agarra."

O *frevo* é o conjunto da festa Carnavalesca, do apêrto, da confusão do povo em ebulição. Visto de cima para baixo, a massa que pula, ginga, se aproxima e se afasta, dá exatamente a idéia de enorme estendal de cabeças, braços, mãos a *ferver* desordenadamente, num caldeirão que é a própria rua, a praça em que atua. No começo, não se dizia *frevo*. A dança era o "passo". Todo mundo fazia o "passo", subdividido em vários nomes: o passo do *jocotó*, o da *tesoura*, da *tesourinha*, do *corta jaca*, etc. Saber dançar o passo e cair no *frevo* das ruas, era assim que se dizia. Mas, com o tempo, o têrmo de caráter individual foi absorvido pelo de natureza coletiva, e todos passaram a chamar *frevo* à própria dança. E' fenômeno conhecido em matéria de linguistica. Mas, em verdade, *passo* não é *frevo*, e *frevo* nem sempre é *passo*. O nome popularizado criou outro verbo: *frevar*, como prova esta quadrinha:

Do mundo a gente se esquece
Pinta a manta, pinta o bode,
E se o *frevar* recrudesce
Mais a gente se sacode.

AS MOCINHAS E AS SENHORAS NA IDADE CRÍTICA

Duas fases diferentes mas importantes na vida das mulheres

Não deve e não pode passar despercebida aos bons pais a fase compreendida entre os 13 e os 16 anos, por que passam suas filhas quando se tornam verdadeiramente mulheres. Nesse período — quando o fluxo mensal começa a aparecer — são comuns as perturbações que trazem para as jovens uma série de grandes sofrimentos físicos e morais. Essas perturbações resultam do desequilíbrio orgânico próprio da idade e se manifestam pela falta, diminuição ou atraso das regras. Administrar-lhes sem perda de tempo o Regulador Xavier N.º 2 é dever de todos os pais que amam de fato suas filhas e que não as querem ver doentias, tristes e, o que é pior: atacadas por moléstias que, por terem sido descuidadas, se tornam crônicas e incuráveis.

Não menores, nem menos perigosos são os males que geralmente afligem a mulher na idade crítica — aos 45 anos mais ou menos — e que, mal tratados ou tratados por remédios ineficazes, lhe acarretam sofrimentos tão torturantes que essa idade crítica se lhe transforma numa verdadeira idade dolorosa. Entretanto, tais males, que em geral se manifestam pela abundância ou repetição das regras e pelas hemorragias, encontram remédio fácil e de absoluta eficácia no Regulador Xavier N.º 1.

O Regulador Xavier usado em seu número adequado dá às mocinhas e às senhoras na idade crítica, o bem-estar e a saúde indispensáveis para as labutas e as alegrias da vida.

BOLERO

(Cont. da pág. 36)

Serviu-se, por sua vez, lentamente. Devia mostrar-lhe que sabia tomar conta de si mesma.

Quando ergueu a cabeça, os seus olhos se encontraram, longamente, como de dois inimigos que medissem fôrças. Luís pousou a mão sôbre a dela.

— Você sabe que não vai casar-se com êle. Você sabe que me ama tanto quanto eu a amo.

A orquestra tocava suavemente uma "lied" de Schubert. A melodia era ingênua e tranqüila, parecendo dizer aos corações humanos: "A vida é breve como um sonho de infância. Sorri ao minuto que passa. A felicidade não espera, a felicidade não volta..."

Mas, outra voz, no coração da moça, murmurava: "Não esqueças... Não perdões".

Continuou olhando o companheiro, sem demonstrar emoção.

— Nada disso, Luís. Nosso pequeno romance é coisa passada. Você merece uma moça que o compreenda melhor. Além disso, amo o meu noivo.

Luís não respondeu, mas sua mão prendeu com mais fôrça a de Alice. Parecia querer comunicar-lhe os seus próprios sentimentos, transmitir o apêlo de todo o seu ser, para que ela voltasse. E, aos poucos, uma vibração estranha, uma corrente afetiva, se foi estabelecendo entre os dois. Uma corrente de atração tão forte, que parecia anular o tempo, as amarguras e incompreensões, tudo o que um dia os separara.

Ficaram mudos, um diante do outro, sem ousarem fitar-se, conscientes ambos da onda de emoção que os envolvia como um encantamento. Encantamento dos dias idos, das esperanças vividas em comum, tudo o que constituía a sugestão do passado.

Foi então que a orquestra começou a tocar aquêle velho "bolero", cheio de uma sensualidade triste.

Alice fechou os olhos para não ver o presente, transportando-se, como num milagre, para certa noite, oito anos atrás, a noite em que se separaram.

Viu-se, uma mocinha tímida e insegura, no seu vestido de festa. Ao seu lado, no terraço, dizendo lindas frases, estava Luís. E tudo o que êle dizia parecia mais belo, mais cheio de sinceridade, ao som das lindas músicas que vinham do salão de baile, derramando poesia pela noite afora.

Luís jurava-lhe amor, prometia uma fidelidade eterna, (que significará *eternidade*, para um coração de homem?...) tudo para que ela lhe perdoasse uma pequena falta, o "flirt" que entretivera com uma colega de ambos. Alice ainda se lembrava de como lhe custara perdoar. Doía-lhe o amor próprio, a sua vaidade feminina. Mas perdoara finalmente, dominada pela magia da noite, pela doçura da voz que lhe falava, pela simples proximidade daquele que era o seu primeiro amor.

Esquisito, como pode ser intensa uma lembrança. Na memória da moça, cada pequenino incidente daquela noite era tão nítido, como se o tempo se houvesse detido então e a própria vida fôsse paralizada.

Recordava-se da ternura de Luís, da solicitude com que se preocupara com a frescura da noite, propondo-se a buscar-lhe a capa, com mêdo de que ela se resfriasse. E Alice ficara no terraço iluminado, à sua espera, feliz pela reconciliação, feliz pelo cuidado carinhoso com que êle a cercava.

As músicas se sucediam no salão de baile, sentia sôbre os ombros e braços nus a umidade da noite, e Luís não voltava. Alguma coisa, por certo o retivera.

Entrou no salão, onde estaria abrigada contra o vento frio, enquanto o esperava. Tocava um "bolero" cheio de tristeza e sensualidade.

Foi então que o viu dançando. Dançava de face colada à de uma moça muito loura e atraente, e o riso de

(Cont. na pág. 43)

Para a renovação dos seus móveis torna-se indispensável a aplicação do Óleo de Peroba.

Quanto mais velhos forem os seus móveis, mais bonitos se tornarão, conservando-os com Óleo de Peroba.

A MOÇA TI'MIDA

MARIE KITTEL IRÁ DESMASCARAR CANDY?























Maria sabia perfeitamente que eu não teria coragem para agir contra ela, nem revelar nada. Remmie, de certo, preferiria a ela, e, quando soubesse que fôra eu a cigana, ficaria desencantado!





Grupo feito na Biblioteca do Jockey, no ato da reabertura, vendo-se, a contar da esquerda: dr. Raymundo de Castro Maya, sr. Manoel Araújo Freitas, dr. Antônio Batista Pereira, dr. Américo Jacocobina Lacombe, dr. João Borges Filho, dr. Júlio Moura, senhora Júlio Moura, d. Mercedes Martins, dr. Rodrigo Otávio Filho e dr. Rubens Antunes Maciel.

NO dia 9 do mês passado reabriu-se a Biblioteca do Jockey Club Brasileiro, instalada numa das dependências da sede, à Avenida Rio Branco. Para assinalar êsse feliz acontecimento, o dr. Júlio Moura, sob cuja direção se encontra a Biblioteca, reuniu os seus companheiros de diretoria e jornalistas numa cerimônia simples mas expressiva, tendo servido aos presentes uma taça de "champagne". A atual Biblioteca do Jockey Club dispõe de uma perfeita organização, ostentando cêrca de dois mil volumes esplêndidamente apresentados em ricas encadernações, que encantam a vista e mesmo despertam no visitante a vontade de ler. Um sistema muito prático e eficiente de índices traz catalogada essa soberba coleção bibliográfica, onde há inúmeras obras de destacado valor literário e científico. O dr. Júlio Moura, sob cuja direção se reorganizou a Biblioteca do Jockey Club, deve estar bem recompensado do seu louvável esfôrço no sentido de apresentar uma realização de indiscutíveis méritos; e os associados do Jockey estão de parabéns por mais êsse melhoramento introduzido nos serviços sociais da nossa entidade carreirista.

★

Como acontece com tôdas as personalidades estrangeiras que nos visitam, o Jockey Club acolheu há dias o general Armstrong, chefe do Serviço de Saúde da Fôrça Aérea Americana, que compareceu ao Hipódromo da Gávea, acompanhado de sua comitiva e colegas brasileiros. Dêsse episódio de boa amizade damos um aspecto na página seguinte.

SOCIAIS DO JOCKEY CLUB



Flagrante feito no momento em que o dr. João Borges Filho, presidente do Jockey Clube, felicitava o dr. Júlio Moura, seu colega de diretoria e dirigente da Biblioteca, pelo magnífico êxito do seu trabalho na reorganização da mesma.



Ao alto — O dr. Júlio Moura, entre jornalistas, mostrando alguns dos valiosos exemplares da Biblioteca aos profissionais da imprensa. Em baixo — Aspecto da visita do general Armstrong, chefe do Serviço de Saúde da Fôrça Aérea Americana, ao Hipódromo Brasileiro. O ilustre itinerante está acompanhado do brigadeiro Ferreira Mendes, chefe do Serviço de Saúde da Fôrça Aérea Brasileira, diretores do Jockey, membros de sua comitiva e oficiais brasileiros.



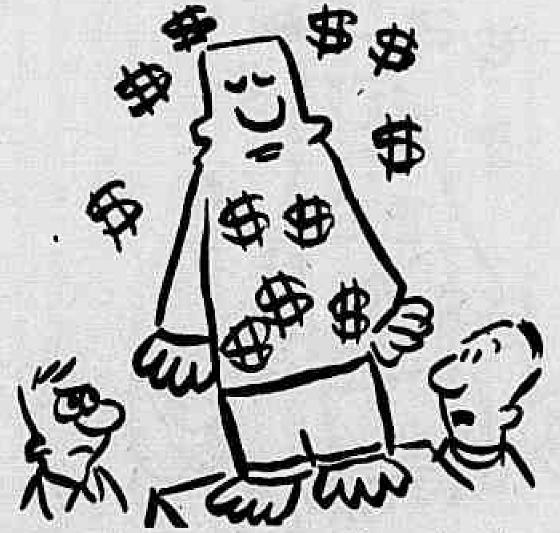


DREW PEARSON é o mais discutido, elogiado e injuriado jornalista dos Estados Unidos. Êsse homem de grande atividade intelectual, iniciou-se no jornalismo aos dezoito anos de idade, publicando artigos semanais que impressionaram os mais altos figurões do seu país. Atualmente os seus artigos são lidos por mais de dez milhões de pessoas, só nos Estados Unidos, e divulgados através de seiscentos jornais, semanalmente. E' hoje odiado e temido por todos os grandes políticos daquêle país, dada a maneira por que Pearson comenta as ocorrências políticas e administrativas dos mais responsáveis pelo progresso e tranquilidade de sua pátria. Ataca de rijo os erros dos homens do govêrno, divulgando sua palavra pela imprensa e pelo rádio. Em 1947 criou o famoso «Trem da Amizade», o que vimos em filmes, páginas de revistas e jornais. Drew Pearson está hoje com cêrca de 50 janeiros, e sempre na estacada.

TUDO ISTO

O MAIS CARO MONSTRO DO MUNDO

O aleijão que, a titulo de monumento ao trabalhador, foi inaugurado diante do edificio do Ministério do Trabalho nos últimos tempos do govêrno Dutra, volta ao cartaz do noticiário jornalistico e promete tomar corpo. Como todos sabem, êsse bicho horroroso, que foi desvendado ao público em um dia azarado, não pôde ser tragado nem pelo general Dutra, homem de muita tolerância, de muita paciência e desambição em conhecimentos de arte. Diz-se que o então Presidente da República, ao ver descerrada a estátua do trabalhador, ficou a olhá-lo, a olhá-lo, a olhá-lo... Um dos oradores, depois que terminou a arenga de elogios ao mostrengo, voltou-se para o Presidente e fêz comparações literárias que impressionaram a muitos dos presentes; mas, quando tudo acabou, o General Dutra perguntou ao Ministro do Trabalho: "E' do Picasso?". No dia seguinte, a monstruosidade havia sido recolhida a um recanto do próprio Ministério a fim de ser submetida a intervenções de cirurgia plástica... Baixara hospital até segunda ordem. O fato foi co-



mentado de todo jeito, até que caiu no mais absoluto silêncio; agora, porém, volta à baila. O seu autor, escultor Celso Antônio, reclama ainda um saldo a seu favor: cem mil cruzeiros. A obra foi aprovada e executada por Cr$ 500.000,00; mas o cliente só lhe pagara 400 mil. E agora o credor bate às portas do Ministro: — Quero o resto! E' êste "monumento", o mais caro monstro do mundo.

AS LUZES DA BROADWAY

OS cegos recuperarão a vista. Isso está nas Escrituras e também nos registros de laboratórios de cirurgia ocular. E tudo está sendo realizado. Veja-se o que acaba de suceder com o Sr. Henrik Botha, um guarda-livros que deixou de trabalhar porque, inesperadamente ficara cego. Casado, não podia ver suas duas filhas, uma de três anos e outra de apenas seis meses. Certo dia uma sociedade civil de ajuda aos cegos teve notícia de que fôra fundado em Nova York um Banco de Olhos, isto é, uma organização cientifica destinada a restaurar a visão daqueles que a perderam. Mas Botha não dispunha de recursos para ir a Nova York e submeter-se a tratamento. A Igreja Reformada Holandesa de Johannesburg ofereceu-se para ajudar o cego, pondo à sua disposição mil dólares necessários à sua hospitalização. Tudo pronto, Henrik Botha tomou um avião para a grande metrópole norte-americana e foi internado. No dia imediato chegava de Ann Harbour, no Michigan, o primeiro ôlho destinado a Botha. Imediatamente o dr. R. Patton transplantou a córnea dêsse ôlho recém-chegado, para um dos olhos

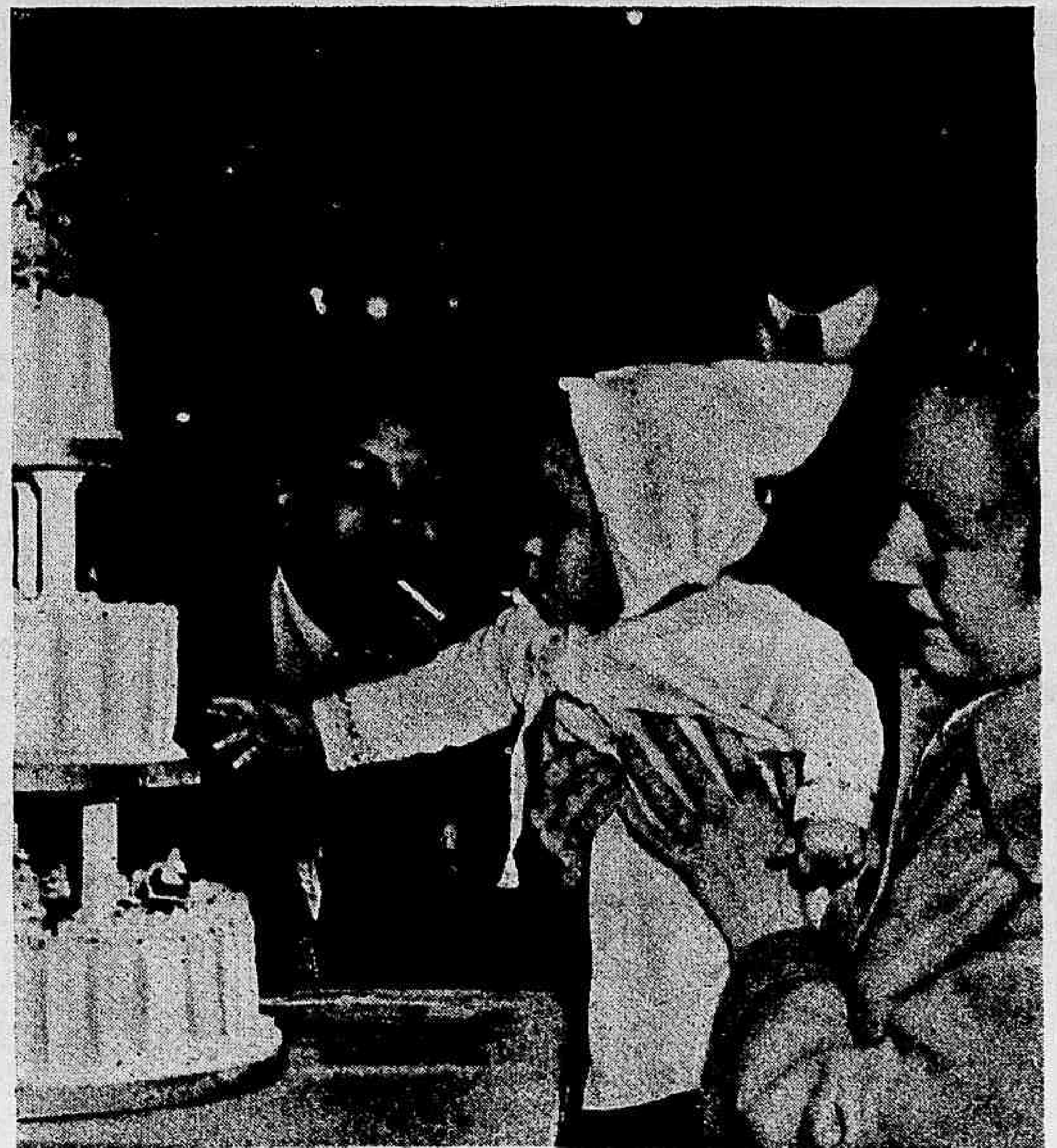


sem luz do internado. Dias depois chegava o outro ôlho e a mesma operação foi realizada. Passado o periodo necessário à adaptação das novas córneas, retiraram as vendas e o cego viu! Sua primeira vontade foi a de admirar a Broadway, mas era tanta luz que êle não pôde suportar. E agora está Mr. Henrik Botha em sua terra, novamente a trabalhar e a ver suas filhas.

CADÊ O "MAILLOT"?



NÃO queremos ser profetas, mesmo porque estamos em nossa terra, e esta casta de gente só tem valor quando vem de fora, de longe. Mas, queridos leitores, o caso é mesmo de a gente bancar o adivinho ou as Cassandras. Será, que, dentro em breve, essa história de andar vestido será mantida? Ou todo mundo passará a usar roupas tão leves e insignificantes que é o mesmo que voltar aos tempos do Paraíso de Adão? Os nossos índios mais afastados da civilização vivem com a roupa com que vieram ao mundo, isto é, nenhuma. Isso, porém, se justifica pelo seu estado de absoluta inocência e ausência completa de preconceitos religiosos. Nada sabem do pecado original. Para êles, usar roupa cobrindo o corpo é uma indecência, e, muitas vêzes até vomitam à vista de uma pessoa vestida... Mas entre os civilizados já vamos verificando que a tendência é a de acabar com os panos. Não haverá mais panos para as mangas, nem camisas de onze varas. Basta uma tanguinha e pronto. Não sòmente nas praias. Na vida social, no comércio, nas escolas, em todos os nossos atos poderemos viver folgadamente, sem maiores preocupações de tinturarias e alfaiates caros. O que nos fêz pensar nisto foi a criação da belíssima Pat Hall, de Los Angeles, ao apresentar a uma comissão de julgadores de "maillots", o seu novo modêlo. Quando apareceu no tablado, foi uma exclamação geral. Mas, passada a primeira impressão, perguntaram: "Mas... e o "maillot"? E ela retirou do pescoço um pequenino avental...



A DATILÓGRAFA RUTH WILLIAMS, casou-se, faz algum tempo com o rei negro, Seretse Khama, do qual surgiu a garotinha Jacqueline. Aqui estão os três: êle ao fundo, com um cigarro à bôca; ela, segurando a filha, que, por sua vez se mostra desejosa de tirar um naco do bolo à sua frente. A foto foi tomada em Londres, durante uma festa em benefício de refugiados políticos. Seretse está exilado como castigo pelo escândalo de ter-se casado com branca...

ACONTECEU

LEGIÃO DA DECÊNCIA



NÃO é a nossa, a que foi fundada há pouco tempo e já afundou quase simultâneamente. Trata-se de uma outra criada agora em Dublin, Irlanda. A Sra. Mac Hale, solteirona de 43 anos na lombada, chefe da associação denominada "Filhas da Legião da Decência" daquela capital, iniciou agora intensa e extensa campanha contra as mulheres norte-americanas, a fim de manter, conforme declarou, as puras tradições da moça irlandesa. Em que consiste essa luta para debelar o "perigo das norte-americanas" na Irlanda? Apenas nisto: não mastigar chicletes, não pintar-se à vista do público, ter bom-gôsto no trajar, amar, respeitar e obedecer aos seus maridos, pais ou maiores, dentro do verdadeiro sentido bíblico. Para a maquilagem, devem preferir o ambiente de seu lar e não bondes, ônibus, teatro, cafés e restaurantes. Uma jovem educada não se pinta diante de estranhos. E' no silêncio de sua casa que devem fazer sua maquilagem e, isto mesmo, discretamente, sem excessos de "rouge" e "batons". Sòmente as atrizes em cena nos palcos e "boites" é que podem mascarar-se assim exageradamente. Uma jovem decente, não. E o hábito horrível de mastigar chicletes? Isso é condenado pela "Associação" da Sra. Hale. Perdão: de Miss Hale. Mas, o ponto capital da campanha de decência irlandesa está no dever da mulher perante o homem. Respeito, obediência e amor sincero. Será que lá já se conhece a história da "Amélia"? Imitadores...



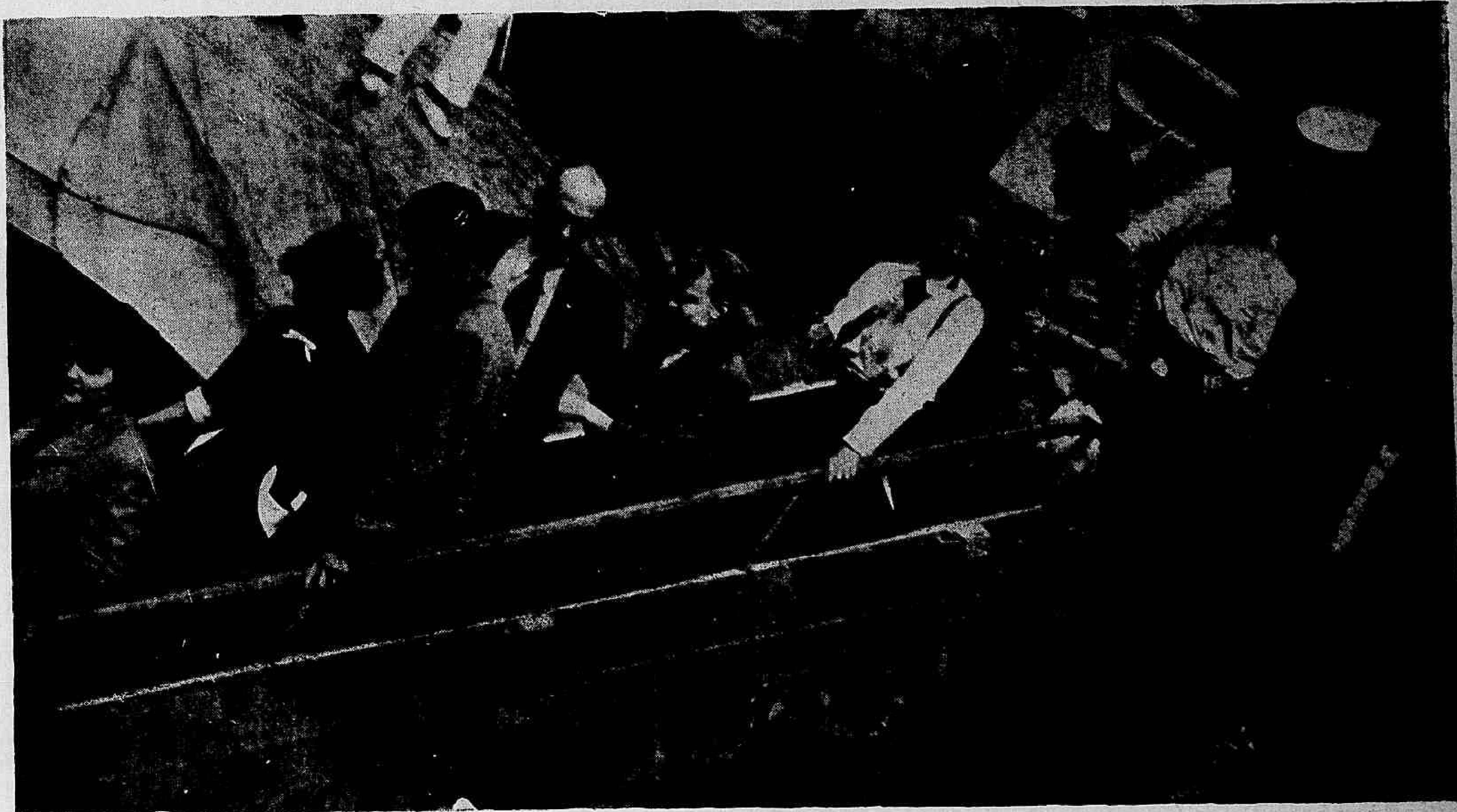
QUIS ENRIQUECER



NADA mais agradável do que ter-se recurso suficiente para possuir "rabos de peixe", bom apartamento, dinheiro para excursões, passeios, bons restaurantes, etc. Para isso, porém, é preciso que o cidadão trabalhe àrduamente, economize, lute... Ou então que a sorte o proteja de alguma forma. Ora, o Sr. Félix Carmona, jovem prêto de Bronx, em Nova York, depois de pensar maduramente no meio de ganhar dinheiro suficiente para tornar-se grã-fino, escolheu esta profissão: vender entorpecentes a estudantes secundários. Como vemos, a profissão escolhida não era nada lícita. Êle podia ganhar 50 dólares diàriamente, como era o alvo do prêto, mas que isso podia tornar tudo muito complicado, lá isso não se discutia. Mas Carmona era mesmo decidido e meteu mãos à obra. Durante alguns dias ganhou muito dólar. Conseguia vários entorpecentes e os vendia exclusivamente a estudantes de "nigh-schooll", isto é, a jovens ginasianos de ambos os sexos. E quando já estava disposto a comprar o seu "Cadillac", a polícia o deteve. Submetido a interrogatórios, confessou tranqüilamente todo o seu plano. E, apesar de seus 17 janeiros, vai êle agora entorpecer no xadrez.

RUMO A PUNTA DEL LESTE

O Festival Internacional de Cinema que vem de se realizar na República Oriental do Uruguai fêz que passassem pelo Rio, com destino a Punta del Leste, algumas figuras conhecidas do cinema norte-americano. Uma delas — Ricardo Montalban — chegou dias antes e a Metro aproveitou sua presença para uma série de «personal apearence» nos três cinemas de sua propriedade aqui do Rio (Passeio, Copacabana e Tijuca). O «astro» mexicano soube conquistar as simpatias do público pela sua simplicidade e pelo modo gentil porque soube comportar-se, em contraste com o procedimento de outros «astros» sumamente temperamentais que nos visitaram em tempos idos. Depois, transitando num avião «Presidente» da Pan American, estiveram algumas horas no Galeão os artistas que se vêem na gravura: ao alto, Lizabeth Scott e Joan Fontaine recebem o abraço de boas vindas de Ricardo Montalban. Na gravura inferior, flagrante tomado quando o grupo desembarcava no Galeão, vendo-se da esquerda para a direita, Patrícia Neal, Wendell Corey e espôsa, June Harver acompanhada por um cavalheiro, Evelyn Keyes, Florence Marly, Lizabeth Scott e Stephen Cockrane. Em virtude de um súbito atraso do avião, só na manhã seguinte os representantes do cinema de Hollywood puderam continuar viagem, passando assim, inesperadamente, uma noite em Copacabana, coisa que não lhes desagradou. Uma vez realizado o Festival, prometeram alguns dêsses artistas passar mais alguns dias no Rio, mas não será fácil: os compromissos de estúdio, como sempre, hão de reclamar suas presenças sem demora. De qualquer modo, algumas centenas de fans acorreram ao Galeão para solicitar autógrafos e vêr de perto se os ídolos são, em carne e ôsso, aquilo que parecem vistos na tela... E não houve muitas decepções.





NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Firme como o Pão de Açúcar 3/8
Caindo no Frevo (Renato de Alencar) 14/19
Padre Antônio está salvo (Abdias Rodrigues) 22/29

LITERATURA

Semana Literária (Edmundo Lys) 12/13
Surprêsa (Jorge S. de Semenovitch) 21
Bolero (Maria Alba) 36

SEÇÕES PERMANENTES

Puxe pelo cérebro 9
A Semana em Revista 10
Personagem da Semana ... 10
Palavras-Cruzadas 20
Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 41
Tudo isto aconteceu 48/49

FEMININAS

Modelos bordados 37
Modelos juvenis 38
Vestidos brancos 39
Week-End na Cozinha 40

TEATRO

O teatro em Londres (Deric Pearson) 31

HUMORISMO

Almôço de pobre (Théo) .. 11
Tireóide (Nicodemus) 30

FOLHETIM

A Môça Tímida 45

ATUALIDADE

Não tem preço o Aguia do Vasco 50

ILUSTRADOR: Gil

BONECOS: Rafael

FOTOS:

Nôdge — Indaiassu Leite — Walter Morgado — Sabino Canalini — Avulsas.

★

NA CAPA:

Ann Miller
(Foto Metro-Goldwyn-Mayer)

NÃO TEM PREÇO O "ÁGUIA DO VASCO"

SIM, é verdade que a saída de Flávio Costa, dos domínios do Vasco, absorveu muitas atenções neste princípio de temporada esportiva — mas nem a sua volta ao Flamengo conseguiu ofuscar o permanente "caso" Ademir. Êsse é um caso que não tem similares: todos entram e saem, todos são motivo de cogitações no reduto dos cruzmaltinos, mas Ademir não se perturba. Já foi dito que êle é o Augusto do Vasco da Gama, o homem que salva as situações mais difíceis, pronto a salvar o "bondinho" e a jogar-se de qualquer cabo e a qualquer altura, para marcar o "goal da vitória", com Flávio ou sem Flávio. Por isso êle não tem prêço. Quase todos os demais o têm — inclusive Eli, cujo tabelamento chegou a ser orçado em dois milhões de cruzeiros. Ademir recebe mais correspondência que os grandes ídolos do rádio, reunidos: Júlio Louzada, Sagramor, César Ladeira, Celso e alguns outros. Ademir é o ídolo das crianças mesmo as não vascaínas. Ademir tem amor à sua "profissão". Ademir, o pernambucano de sorte, cujas primeiras batidas de bola se fizeram no Recife, e que entrou no Rio com o pé direito (ou com os dois pés na frente) é apenas isso: Êle mesmo — Ademir. Pois Ademir será também o motivo de uma das grandes reportagens que a REVISTA DA SEMANA publicará em seu próximo número. O "crack" que nem todos os clubes cariocas reunidos podem comprar, pois o seu prêço "não existe", vai contar episódios absolutamente inéditos sôbre a sua carreira, o segrêdo de seus triunfos e outras coisas pitorescas. Tudo quanto já foi divulgado a seu respeito, é incompleto, diante do que vamos agora dar a conhecer ao público.

Respostas ao teste

1—Aluisio de Azevedo
2—Dicionário Biográfico
3—1891
4—Inglaterra
5—Ruy Barbosa
6—Dirigível
7—Joaquim Manoel de Macedo
8—Japão
9—1910
10—Amundsen
11—Durante a guerra (1917)
12—Genebra (1920)
13—Briand-Kellog (1928)
14—Os Sertões (1902)
15—1903 (Tratado de Petrópolis)
16—O rei da Itália
17—Inauguração da luz elétrica
18—Rodrigues Alves
19—Incomparável diplomata
20—500 mil contos.



MÓVEIS E DECORAÇÕES

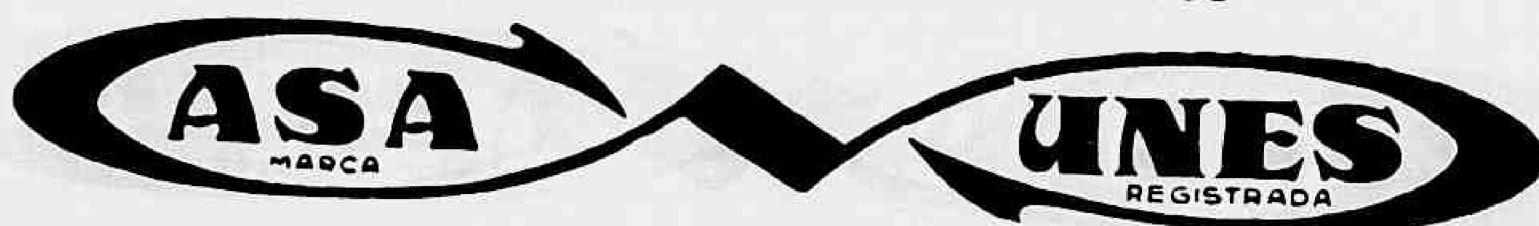
ORÇAMENTOS E SUGESTÕES
EXECUTADOS POR TÉCNICOS-DECORADORES

GRUPOS ESTOFADOS

— ESPECIALIDADE DE NOSSAS OFICINAS —
PRONTOS PARA ENTREGA IMEDIATA

TAPÊTES E PASSADEIRAS

DE TÔDAS AS QUALIDADES E TAMANHOS



65, RUA DA CARIOCA, 67 — RIO

Quem p
a escultura clássica aprecia Hollywood





O talento do bom conhecedor vai do mais complexo ao mais simples... Quem admira os expoentes da estatuária clássica, um Moisés ou um David de Michelangelo também sabe apreciar um bom cigarro, como Hollywood, o cigarro das pessoas de bom gosto. Tabacos finíssimos, numa composição de felicidade única, fizeram de Hollywood uma tradição da sociedade brasileira, o cigarro eleito por você!



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

um produto SOUZA CRUZ

II-88.067